

REVISTA

DA SEMANA



José Lins do Rêgo-A academia para mim representa uma capitulação



Feliz Natal!

A todos, nossos clientes e amigos,
e especialmente aos nossos passageiros
— que, repetindo em novas condições
mas sempre com o mesmo espírito
a bela jornada dos Reis Magos,

transpõem conosco
as distâncias e as alturas —
apresentamos sinceros votos de

FELIZ NATAL e
PRÓSPERO ANO NOVO



VARIG



DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermanno Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Padilha Não Acabou Com o Jogo	4/7
Norma Não Aceita Flores de Desconhecidos	12/15
A Argentina Gira Em Torno de Perón	16/18
O Maior Rival de Marlon Brando	24/27
Lolobrigida Ajuda às Vítimas da Hungria	30/31
O Avião Mais Veloz do Mundo	32/33
Maria Helena	34/35
José Lins do Rêgo Para a Academia	42/44
A Europa Sente Frio	48/49

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 89
Fone: 34-1569

CAPA



JAYNE MANSFIELD — Kodachrome da T. C. Fox
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Dezembro

★ Já estamos todos arrumando nossas bagagens para a costumeira viagem de passar de um para outro ano. É dezembro, mês dos balanços, das festas, dos preparativos de viagem. Não que esperemos, no ano que vai vir, um novo pôrto, mas porque é hábito, no último mês do ano esperar a chegada do outro desejando que ele seja melhor, mais feliz. Continuaremos na gloriosa luta de trabalhar para viver; prosseguiremos nas duras tarefas de comer, andar, vestir, ter saúde e sorrir. Mas o ano novo só é bom pelo que traz de esperanças. Ouve-se sempre alguém dizer: como chove este dezembro. Foi tão claro de sol dezembro do ano passado. Ouve-se também: antigamente dezembro era melhor, agora... Frases saudosistas, coisas de gente que nunca está contente com o presente, não tem olhos para o futuro e vive apenas das lembranças passadas: gente que tem medo dos espelhos.

★ Dezembro mês cantado por muitos e muitos poetas, chegou-nos este ano com a força da época: Papai Noel descendo de helicóptero como qualquer cidadão de Hollywood, árvores se fantasiando de pinheiros do natal, grandes árvores iluminadas nas ruas, casas se enchendo de brinquedos, presentes mil para crianças e adultos, provocando olhares cúpidos em tôdas as idades. Em longas, imensas filas, mães pobres buscam cartões de sociedades beneficentes. Sofrem muito e depois receberão um brinquedo de matéria plástica, um corte de chita muito barata, pouco, pouquíssimo para quem sob o sol ou sob a chuva esperou em filas intermináveis, um cartão que lhe prometia um presente de Natal para o seu ou os seus pequeninos. Muito se repetem as paisagens, os cenários natalinos. Mas é dezembro e devemos olhar o ano que vai terminando. Foi bom ou mau, triste ou alegre? Devemos pesar nossos dissabores ou — já que eles foram vencidos — colocar nas balanças apenas nossas vitórias e alegrias, nossas felicidades e realizações?

★ Dezembro de 1956; enquanto escrevo esta crônica (nunca se sabe o que estará acontecendo quando ela for publicada) chove, a cidade está cheia de lama, há muita gente espirrando, os lenços andam em grande atividade. Muita gripe, sim senhores, mas é dezembro, estamos arrumando as malas para o 1957 que vai chegar. Dezembro de 1956; tantos mortos ficaram em seus dias, inclusive o último, aquele querido Santa Rosa — o Santa que só depois de morto foi cantado como grande, tão pouco desperta louvores a vida. Passam mortos e vivos; nasceram muitas crianças, desapareceram muitos homens bons. Lutamos e vivemos. Chegamos ao fim dos dias de cinquenta e seis com maior tempo de vida vivida, alguns sentindo já as crueldades da velhice, das doenças, outros aflitos porque o coração anda querendo traí-los. Tantos enfartes do miocárdio...

Mas nada importa. Tudo se renova e a prova é que, quando soar a última hora do último dia de dezembro, exclamaremos todos, alegres, bebendo champagne, uísque, chope, cachaça ou não bebendo nada: Feliz 1957. Enquanto o trinta e um de dezembro não chegar, saudemos o Natal e arrumemos nossas malas, pois falta pouco para o início de nossa viagem: todos nós vamos mudar de data.

ENEIDA

NOS BASTIDORES DO VÍCIO



**PADILHA NÃO ACABOU, N
NINGUÉM ACABA COM O JÔGO M**



PROVA DE QUE O JÓGO NÃO PAROU DURANTE OS 30 DIAS DO HOMEM QUE FOI CHAMADO ÀS PRESSAS PARA «SALVAR O NOME DA POLÍCIA» — OFENSIVA TERRORISTA E... DEMAGÓGICA — A CORRUPÇÃO E O SUBÓRNO IMPERAM «DE ALTO A BAIXO» NA DELEGACIA DE COSTUMES — INTERFERÊNCIAS POLÍTICAS E «LISTAS EXCLUSIVAS» PARA USO DE UM PRIVILEGIADO GRUPO DE POLICIAIS — ATÉ NO CARTÓRIO («PÓSTO-CHAVE» NA PREPARAÇÃO DE PROCESSOS) A CORRUPÇÃO É UM FATO ROTINEIRO — CURIOSO PROCESSO CONTRA UM JORNAL — «NINGUÉM VEM PARA A DELEGACIA DE COSTUMES POR SIMPLES ACASO...» — AFIRMA CONSTRAÍDO O SUBSTITUTO DE PADILHA — APELOS PATÉTICOS, «PISTOLÕES» E SABOTAGEM ENTRAVANDO O TRABALHO DE UM COMISSÁRIO HONESTO E DECIDIDO — SOLUÇÃO «SUI-GENERIS», À FALTA DE MELHOR RECURSO...

Reportagem de W. GUARNIERI

◆ O problema do jôgo no Brasil, se agravou imediatamente após a sua intempestiva proibição ao tempo do Governo Dutra. A vigorosa campanha que se encetou para mantê-lo proibido em todo o país, não passou do plano mirabolante de alguns homens decididos e honestos, mas que esbarrou na impressionante passividade dos agentes policiais encarregados de executá-lo. Durante os anos que se sucederam à proibição, jogou-se à vontade e com muito mais intensidade e emoção, graças ao «novo ambiente» que só mesmo a semi-clandestinidade pode proporcionar aos seus apaixonados. Apenas esporadicamente noticiavam os jornais algumas poucas atividades repressivas, ora a prisão de desavisados «bicheiros», ora o «estouro» de uma «fortaleza de jôgo», ou cassino, onde em geral, unicamente material de jôgo e dinheiro apareciam como «arrolados». Nunca apostadores ou banqueiros...

A repressão corria «mansa», como se costuma dizer na gíria policial, até que em princípios de setembro do corrente ano, «O Globo» abriu mancha na primeira página para noticiar a «visita» de uma caravana de jornalistas e parlamentares a um dos muitos cassinos que floresciam no coração da cidade. Bem de frente ao Senado Federal, diga-se.

Fato tão escandaloso, narrado tão «ao vivo», com a presença de testemunhas insuspeitas e ocorrido em hora tão imprópria, quando o governo se debatia com uma das suas periódicas crises políticas — determinou excepcionais providências por parte dos setores responsáveis.

UM NOME PARA «SALVAR A POLÍCIA»...

O então chefe de polícia, general Magessi, recebeu incontinenti instruções de seus superiores para determinar que a denúncia fosse devidamente apurada e o jôgo clandestino varrido de uma vez da capital da República.

Para que a «resposta oficial» fosse dada «à altura», lembraram os assessores imediatos do general chefe de polícia que um único nome ainda se mantinha temido e respeitado pelos cariocas. O comissário Padilha.

— Mandem, então, chamar o Padilha, com urgência... — recomendou, ríspido, o general.

E em certa tarde de sábado, pelos altotalantes do Estádio Municipal apinhado de gente, que assistia a renhida partida de futebol, estourou a «boa nova» em primeira mão.

Padilha foi chamado às pressas como salvação para a polícia. Mas a verdade é que mesmo com ele o jôgo não parou. E não vai parar nunca.

, NEM
O NO BRASIL





Os bicheiros e seus auxiliares cada vez aperfeiçoam mais os métodos de trabalho. Hoje não é preciso nenhum esforço para jogar no bicho.

«Com instruções severas do próprio chefe de polícia, acaba de assumir a chefia da repressão ao jogo, o comissário Deraldo Padilha»...

Um frenesi percorreu todo o Maracanã. Estava, psicologicamente, ganha a primeira batalha contra o jogo...

OFENSIVA TERRORISTA E... DEMAGÓGICA

Deraldo Padilha, comissário arbitrário e violento, que se notabilizara pelas suas extravagâncias na campanha contra o meretrício, era requisitado para «acabar com o jogo no Rio de Janeiro».

Arbitrário (mas, honesto), violento (mas desprendido), Padilha conhecia a fundo o seu ofício. Superintendendo a Delegacia de Costumes e Diversões, ficava também encarregado de todo o seu expediente, isto é, repressão ao uso de tóxicos e entorpecentes e o combate ao lenocínio e ao meretrício, todo um vastíssimo conjunto de complexas peças desgastadas.

Como primeira providência, 5 minutos após ocupar a sua cadeira de delegado, chamou os jornalistas e deu entrevista em termos inequívocos como sempre:

— Na minha gestão, não se joga mais!... Durante 30 dias não darei trégua aos contraventores!

30 dias era exatamente o tempo de que dispunha para executar a tarefa que lhe confiaram, pois o dr. Padilha, meses antes, já mandara reservar sua passagem com destino à Europa, onde lhe aguardavam importantes tarefas numa rendosa comissão oficial.

Mas... nem só Padilha sabia disso... Banqueiros, apostadores, «book-makers», «bicheiros», «croupiers» e toda a sub-fauna do sub-mundo do jogo, contavam os dias ansiosos.

A segunda providência de Padilha foi mandar chamar a seu gabinete os banqueiros de jogo para uma «conversa franca» e ao obter dos contraventores a «palavra de honra» de que durante os 30 dias fatídicos não haveria jogo no Rio, nada mais fez do que aplicar uma bem calculada fórmula de «salvar o nome da polícia»... conforme instruções que recebera.

MAS, QUEM PLANIFICA E AGE NÃO É DR. PADILHA...

Dada a complexidade dos serviços que lhe estavam afetos, não poderia o comissário agir tão somente em função do jogo. Por isso, chamou para seu auxiliar imediato um outro comissário de envergadura moral, e de probidade indiscutível, encarregando-o, precisamente, do setor vulnerável — a Secção de Jogos Proibidos.

Clertam Arantes (21 anos de profissão), incorruptível, coração enorme de mineirão sentimental (porém inflexível no zelo pela aplicação das leis) se dispôs a planificar e executar a nova ofensiva e os dois juntos encetaram diligências proveitosas nos primeiros dias de ação. Muitos anos antes, o dr. Clertam já nas mesmas funções ali estivera, e graças a sua extraordinária perspicácia fora possível organizar o famoso **fichário** dos banqueiros, de que agora se valia Padilha para convocar os contraventores ao seu gabinete. Naquela época, o dr. Clertam, dando curso a um boato que surgira na gestão Felinto Müller, sobre a próxima regulamentação do jogo, conseguiu convencer os banqueiros de organizarem legalmente seus «estabelecimentos», para usufruir das vantagens que «futuramente» lhes poderiam ser outorgadas com «prioridades» na distribuição e venda do jogo... Assim, depois de devidamente «cadastrados» os «candidatos» passaram a aguardar a «regulamentação»...

O JOGO NÃO PAROU COM PADILHA...

Muito embora, as atividades desenvolvidas pelos agentes policiais fossem quase ininterruptas, o jogo **não parou** durante os 30 dias fatais.

Atemorizados, os mais experientes resolveram suspender as atividades ilícitas, outros, porém, mais afoitos, «quebraram a palavra» empenhada ao delegado, desafiando a ação repressiva, contando para isso, como sempre, com a já famosa «passividade» dos auxiliares da própria delegacia dirigida por Padilha...

O número de flagrantes, que, um mês antes de Padilha não chegava a 20, totalizou 186 findo o mês de setembro! A planificação do comissário

Clertam e a ação eficiente com pessoal selecionado — prosseguia, enquanto Padilha deitava mais entrevistas aos jornais...

— **Bancam o jogo apenas alguns pobres diabos sem dinheiro!**...

Mas, o fato é que houve apenas uma «retração» por parte dos mais avisados. Os proprietários de cassinos resolveram, de comum acordo, «suspender também temporariamente» as atividades, e até um deles (por sinal formosa dama) «adiou» também uma próxima inauguração que pretendia fazer...

— **Padilha não dura 30 dias!** — afirma à imprensa a bela dama-banqueira, numa advertência velada à autoridade e num consolo ostensivo aos seus futuros fregueses.

Prova incontestável de que o jogo **não parou** — como prometeu Padilha — são os **flagrantes** dos últimos dias de sua gestão à frente da D.C.O.: — 26 de outubro, 8 flagrantes; 27 de outubro, 7 flagrantes; 28 de outubro, 11 flagrantes; 29 de outubro, 5 flagrantes; 30 de outubro, 6 flagrantes.

O dia 30 de outubro foi o derradeiro de comissário. Seria o fim do jogo... mas, era tão somente, o fim de Padilha. Depois, a Europa...

O NOVO DELEGADO

Adivinhando a «má sorte» que lhe poderia cair em cima, o comissário Clertam Arantes, hábilmente dias antes solicitara uma «licença especial» para tratar de assunto particular, viajando para a cidade de Santos, onde — conforme nos confessa — «ficaria longe da circulação, possibilitando, talvez, que seu nome fôsse excluído da lista de prováveis substitutos».

Todavia, pelo noticiário radiofônico vem a saber de sua nomeação e regressa disposto a reencetar o seu trabalho.

— Ao novo chefe de Polícia (já então o coronel Batista Teixeira) expuz com franqueza o que pensava da Delegacia de Costumes e fez-lhe ver a impossibilidade de um trabalho eficiente sem que a mim coubesse o escolha de auxiliares de minha inteira confiança. Deu-me s. exa. apoio integral, e só assim aceitei o novo cargo.

O PRIMEIRO «ROUND» LOGO PERDIDO...

Todavia, muito embora o mesmo prestígio e as mesmas prerrogativas fôssem atribuídas ao novo auxiliar, injunções políticas impossibilitaram o novo delegado de escolher, livremente, o homem para o lugar mais importante — a **Secção de Jogos Proibidos**...

Na direção geral dos serviços, pôde então conhecer em detalhes as artimanhas de seus subordinados.

— Isto aqui é um verdadeiro «caso de polícia!» — comenta desolado.

Assoberbado com os outros problemas (tentativa de solução da exploração desumana do meretrício e pela socialização dos prostíbulos), e ainda uma reestruturação administrativa (já aprovada) que ficou de elaborar, cuidava o dr. Clertam de enviar ao seu subordinado, as denúncias que lhe chegavam ao conhecimento para os devidos fins. Todavia, transcorrido o primeiro mês de sua gestão, a cifra do boletim de flagrantes baixava, significativamente, **para 47 apenas**...

LISTA DE «PONTOS» PARA USO EXCLUSIVO...

Estranhando que as atividades repressivas ficassem restritas tão somente a uns poucos flagrantes inexpressivos, determinou o comissário uma reunião extraordinária dos auxiliares de seção. Ficou, então, sabedor de que o levantamento que mandara fazer para localizar os «pontos» de venda de jogo e o enderço de casas de tavolagem, **não era do conhecimento, senão de um pequeno grupo de agentes encarregados da sua repressão**. Ficava para uso «exclusivo» de um selecionado e reduzido número de auxiliares, mais interessados, ao que parece, na completa extinção do jogo...

Mandou, imediatamente, o novo delegado mimeografar a relação so-negada e a fez distribuir pelos restantes 14 homens da seção.

A providência foi um verdadeiro «Deus nos acuda!» para os «exclusi-



Cena diária (por volta das 4 horas da tarde) que se repete

vos» e um «A Deus agradecemos» por parte de quem não tinha «chance» de «agir» contra os contraventores...

CURIOSO PROCESSO CONTRA UM JORNAL...

Banqueiros e donos de taboagem ficaram justamente alarmados com a providência «descabida» do novo titular.

— Isso não é justo! — teve até um deles o desplante de reclamar pelo telefone ao dr. Clertam. — **Afinal de contas nós já conhecemos todos os «rapazes»...**

E' que as «contas» que eram «ajustadas» com um reduzido grupo passavam, agora, a representar despesa maior...

Enquanto isso, o chefe da secção de jogos proibidos desenvolvia grande atividade. E vem de sugerir ao delegado Clertam uma providência verdadeiramente salvadora. Em ofício, datado de 7 de dezembro de 1956, e assinado devidamente, sugere, com muita sabedoria e malícia, que providências imediatas sejam tomadas para... processar o vespertino «Luta Democrática» (do deputado Tenório Cavalcanti) por publicar... o resultado do jogo do dia, num acinte diário contra as autoridades represoras.

«NINGUÉM VAI PARA A D.C.D. POR ACASO...»

— Sim. E' verdade; ninguém vem para esta delegacia por simples acaso... — informa, constrangido, o comissário Clertam Arantes, e ajunta:

«Verdadeiramente edificante são os patéticos apelos, as interferências políticas, os «pistolões» a endossar e a reclamar um lugar para o «funcionário zeloso e probo», interessado em prestar serviços nesta delegacia — **«se possível na Secção de Jogos Proibidos»** — que é como terminam tôdas as solicitações.

De fato, a Delegacia de Costumes (mais conhecida como a «Sereia» da Polícia) seduz e atrai com seu especial «charme» uma legião de aventureiros que pretendem fazer carreira no D.F.S.P.

A corrupção e o suborno — excluído uma minoria (que segundo os cálculos otimistas não atingem 4%...) campeia de alto a baixo no velho casarão da Praça da República. Até no cartório (que aliás é um dos «pontos chave») interferências estranhas vêm impedindo o novo delegado de escolher os seus homens. Como se sabe, no cartório, é onde se formam os processos contra os contraventores. Da «habilidade» da sua feitura muito irá depender a condenação ou absolvição do réu; daí a sua tremenda importância para os que caem nas malhas da lei.

PROVIDENCIA «SUI-GENERIS»...

Mas, o comissário Clertam está exercendo o cargo de delegado em caráter interino, de um momento para outro espera a sua substituição (como aliás vem insistindo junto ao chefe de polícia). Fala-se na volta do delegado A. Luz (licenciado e acometido de infarto do miocárdio) que cedeu o lugar ao dr. Padilha. Ou na nomeação do dr. Schwab.

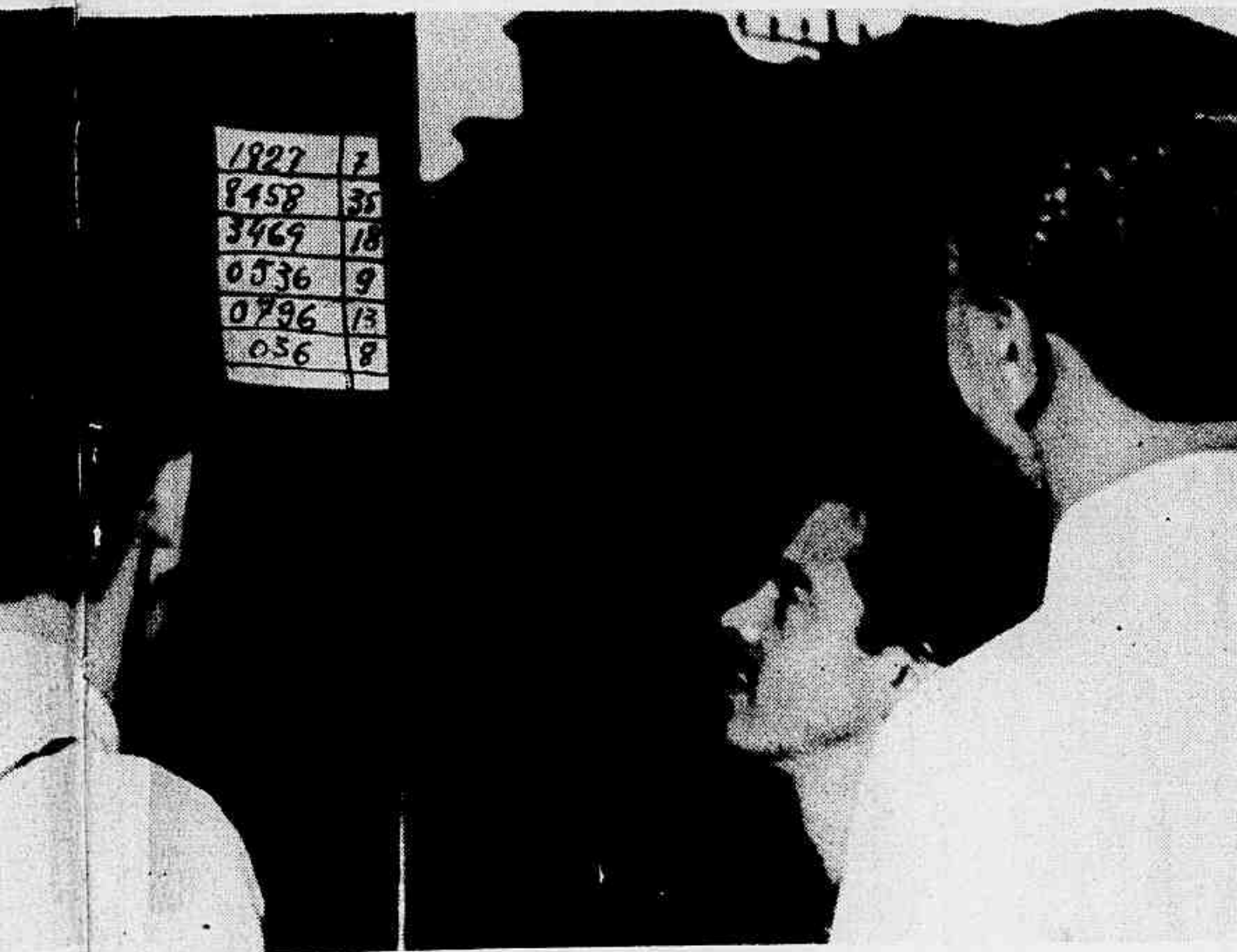
Como derradeira tentativa para tornar mais produtivo o trabalho de seus subordinados (e produtivo aí não vai em termo pejorativo) resolveu o comissário Clertam adotar uma providência «sui-generis».

Mandou tirar mais cópias das relações de pontos de cassinos e de donos do bicho... e a fez distribuir pelos 164 funcionários lotados na sua Delegacia!...

— Trabalhando com a «operosidade» que os anima levarão estes homens um pânico maior aos redutos da contravenção, obrigando-os a uma retração ainda maior e a um «trabalho» mais clandestino e menos acintoso. A não ser que estejam dispostos a maiores despesas...

E é nesse pé que se encontra a «vigorosa ofensiva contra o jogo» enquanto medidas de moralização não forem tomadas por parte das autoridades responsáveis desta triste República.

No próximo número: **HIERARQUIA DA CORRUPÇÃO.**



de Copacabana a Campo Grande. E que ninguém interrompe.



MARCA

REGIST.

FABRICADAS COM PURO CREME DE LEITE E EXTRATO DE MALTE. ALTAMENTE NUTRITIVAS.

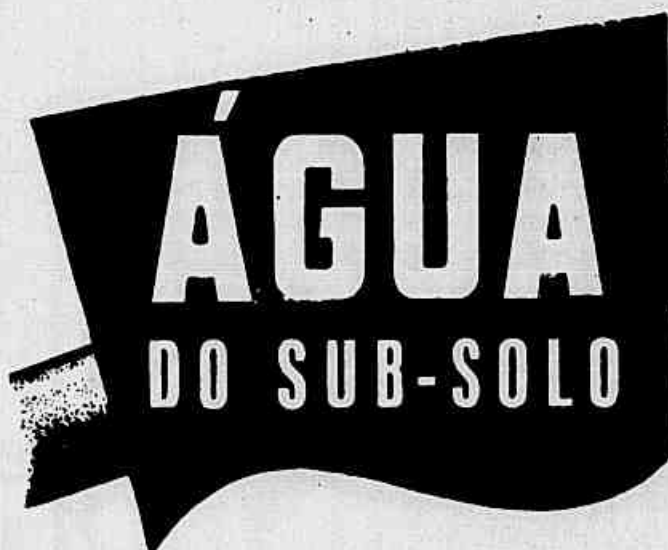


FÁBRICA DE CHOCOLATES PATRONE S. A.

Escritório e Depósito:
Rua da Lapa, 10-12
Rio

Bonbonnière:
Aeroporto Santos Dumont
Rio

Fábrica:
Rua Coronel Veiga, 1.349
Petrópolis



Perfuração de poços tubulares profundos para captação de água subterrânea.

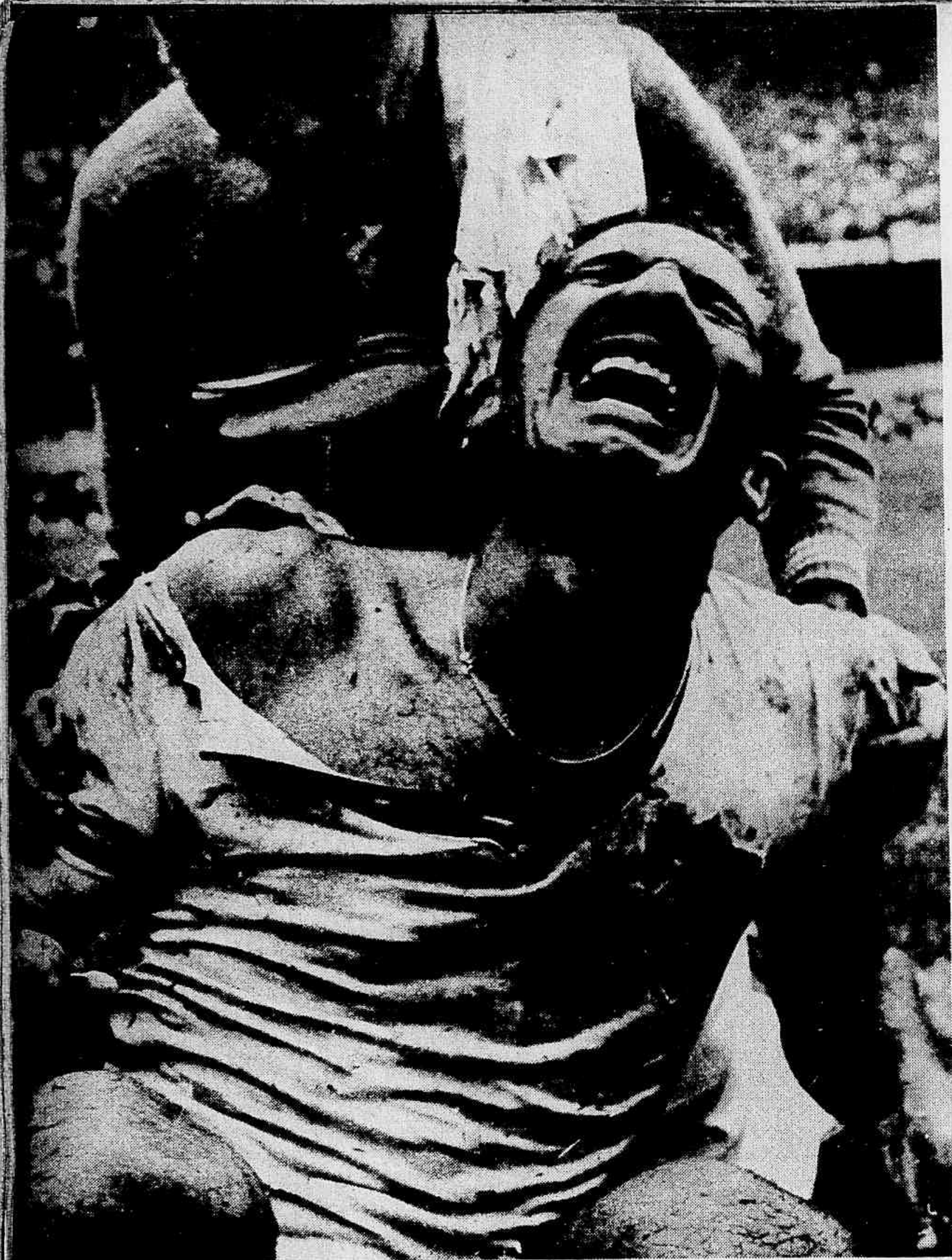
Possuímos máquinas e pessoal habilitado, especialmente treinado na Svenska Diamantbergborrnings A/B, de Estocolmo, Suécia, para trabalhar em qualquer ponto do país.



CIA. T. JANÉR

SECAO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Avenida Rio Branco, 85-11º - Tel: 23-5931 - Rio de Janeiro

JA-808-A



PINHEIRO, O HERÓI GROTESCO

◆ Não será muito difícil adivinhar que este cavalheiro da foto, com cara de herói grotesco é o muito conhecido e aplaudido Pinheiro do Fluminense. Conhecido como craque tricolor e mais ainda pela simpatia que devota a refrigerantes do tipo «Capitu» e «Monjopina». Na foto ele parece estar soltando muito. Mas logo após o juiz virar as costas e deixar de marcar uma falta visível que cometera dentro da área, Pinheiro já estava lépido e fagueiro, «em defesa de suas cores queridas». Sirva essa foto para instruções especiais do Departamento de Árbitros, e de roteiro a Pascoal Carlos Magno para a descoberta de futuras revelações para o seu teatrinho Duse.

A SEMANA EM REVISTA

PARA QUE MAIS POLÍCIA ?

◆ Em excelente reportagem, o vespertino «Última Hora» demonstrou que já existem no Rio de Janeiro 25 polícias. Apesar de tudo os assaltos se sucedem a todas as horas e em todos os lugares. Numa reunião realizada no Palácio do Catete o coronel Batista Teixeira fez uma exposição dramática, e alegou falta de pessoal. Não seria o caso de se promover a unificação de todas (ou de quase todas) as polícias que agem no Distrito? Estatos atentos a conduta do Chefe de Polícia. Portador de um passado mais que criticável, vem no entanto se conduzindo magnificamente na direção da polícia carioca. Sóbrio, sereno, energético mas sem espalhafato, vem se impondo o cel. Teixeira. Mas achamos que esse caso do policiamento é um teste definitivo para qualquer Chefe de Polícia. Ou o sr. Batista Teixeira garante a segurança e a integridade da população ou pouco mais terá a fazer na Polícia. Esperamos as providências e voltaremos ao assunto.

JÂNIO X IMPRENSA



◆ O governador paulista enfrenta a sua mais dura parada desde que chegou aos Campos Elísios. Em pleno exercício profissional e pelo simples fato de haver criticado o governador paulista, um repórter das «Fôlhas» foi violentamente expulso do palácio, proibido de frequentar suas dependências e exercer a sua profissão. O jornal a que serve deu-lhe integral solidariedade, logo seguido por toda a imprensa paulista. Como represália a essa solidariedade, o sr. Jânio Quadros ainda agravou mais a situação proibindo que toda e qualquer repartição fornecesse a menor informação às «Fôlhas», fosse a da «Manhã», a da «Tarde» ou a da «Noite». Não há dúvida que a atitude do sr. Jânio Quadros merece violenta repulsa. Mas não há dúvida também que o sr. Jânio Quadros vinha se conduzindo à frente do Governo de S. Paulo de forma a merecer os maiores elogios. Jânio é homem teimoso e obstinado. Mas esperamos que volte atrás, e restabeleça o clima de entendimento com a imprensa, e continue no caminho que o situou como uma das grandes esperanças do Brasil.



4 CRIMES FAMOSOS JULGADOS ANTES DO NATAL



Silvio Coelho

◆ 4 crimes famosos que à época em que foram cometidos abalaram a opinião pública (comovendo-a ou revoltando-a) serão julgados antes do Natal.

O 1º JULGAMENTO

O primeiro réu a enfrentar o tribunal será Miguel Neme Salem de 19 anos, autor do chamado «crime do Kennel». A vítima foi o sr. Antônio Araújo Lima então presidente do Kennel Clube. O «pivot» do crime foi a bela e leviana Dinorah que agora está noiva de um comissário de polícia. Lembra-se que na época Dinorah era noiva de Miguel (o criminoso), mas mantinha relações mais que íntimas com Antônio que viria a ser a vítima.

Espera-se a absolvição de Miguel, em virtude principalmente das atitudes da jovem Dinorah.

O 2º JULGAMENTO

Proferindo a frase, «é assim que se mata um homem», Silvio Coelho desfechou 4 tiros no milionário André Catteison, presidente da Predial Corcovado. Motivo do crime: desavença em negócios. Silvio foi reconhecido como o criminoso e fugiu e dias depois se apresentava acompanhado de seus advogados. Prestou depoimentos e fez sérias acusações ao seu ex-amigo, inclusive acusando-o de querer dar um «estouro na praça de 100 milhões». Silvio deverá ser condenado mas espera-se uma pena não muito severa. Como curiosidade acrescenta-se que Silvio ajudou a construção do Tribunal onde agora será julgado.

O 3º JULGAMENTO FAMOSO

Desconfiando das atitudes (muito íntimas) de seu motorista em relação a sua esposa, o major Hélio Melo Carvalho, encontrou a morte (e tiros e facadas) nas mãos de Elias Alcantara. Elias será julgado agora. No seu depoimento o criminoso disse que nunca manteve relações íntimas com sua patroa e que matou o major em legítima defesa, já que lora alvejado pelo patrão depois que este lhe fizera a pergunta: «que há entre você e minha mulher?». O crime ainda ficou mais sensacional, pois depois da morte do major se descobriu que ele era autor de vultoso desfalque no Serviço de Intendência do Exército onde servia. Elias deverá ser condenado, mas também a pena não será grande.

4º E ÚLTIMO JULGAMENTO

Com 3 tiros desferidos no interior do apartamento 104 do Edifício Capri, Iolanda Martins Bouças (33 anos, casada) foi morta por seu ex-amante Nenrod Pereira Leitão. Foram amantes de 1951 a 1954 quando então separaram-se tendo Nenrod contraído matrimônio com outra moça. Atribui-se o crime ao fato de Iolanda constantemente procurar Nenrod exigindo dinheiro para sua manutenção e da filha lone de apenas 3 anos, e que foi a única testemunha do crime. Nenrod deverá ser condenado e dos 4 provavelmente será o mais severamente punido.

CHAGAS FREITAS, O MÚLTIPLO

◆ Chagas Freitas tem mais um título (e uma preocupação) a juntar aos muitos que já conseguiu a custa de trabalho, de esforço, de inteligência e de dedicação. Agora ele é também presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro. Jornalista, jurista, deputado e mais uma porção de coisas, Chagas Freitas declarou na posse (foto) que não desmerecerá a confiança que depositaram nele, e que lutará sem desfalecimentos para preservar a liberdade de imprensa, base de todo o progresso e de todas as conquistas sociais.



Agora também para **GÁS**
ENGARRAFADO!

FOGÃO
REI
inteiramente
porcelanizado
a fogo!

FORNO GIGANTE. BOM DE FATO!

Não só o maior mas o melhor para os bons quitutes. Lâmina de vidro retratável.

MAIS UM ARMÁRIO PARA A COZINHA! Um Espetro de limpeza fácil. Um «sacador» para guardar mais utensílios de cozinha!

modelos de 2, 3 e 4 bôcas

Nesta nova linha de Fogões REI renovam-se as características exclusivas e a tradição de alta qualidade dos produtos REI.

A prática de mais de 25 anos a serviço dos lares brasileiros faz com que os Fogões REI para gás engarrafado sejam, como sempre, a melhor aquisição para a cozinha!

peça ao
seu
instalador
de gás
engarrafado
o fogão

REI

a majestade
que serve
na sua cozinha!

PRODUTO DAS INDÚSTRIAS REI - H. WACKER S. A.
RIO: Marrecas 5 - S. PAULO: 7 de Abril, 172 - RECIFE: Av. São João, 311

ÓLEO DE PEROBA
surgiu para dar vida nova aos
seus móveis velhos e vida
longa aos seus móveis novos.

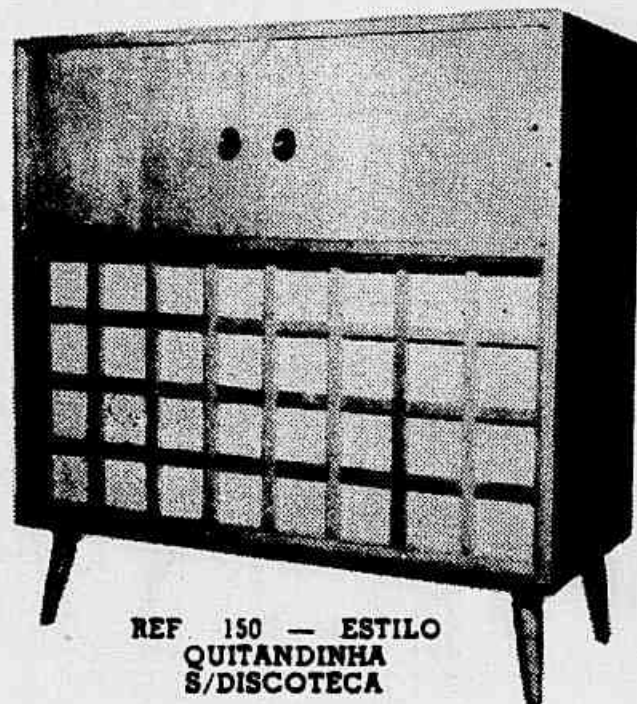


AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE
RÚSTICO
COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequid Marlim
ou Imbúia, nos gêneros
FRANCES, RETANGULAR, etc.



REF. 150 — ESTILO
QUITANDINHA
S/DISCOTECA

QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

A venda nas melhores casas do ramo

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba,
Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião,
Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias de
Rio e São Paulo.

FALANDO AO LEITOR

Chamamos a atenção do leitor para outro nome que passa a integrar a nova equipe da REVISTA DA SEMANA: Ely Azeredo. Consagrado como um dos melhores críticos de cinema, (Ely escreve diariamente na «Tribuna da Imprensa») já começou há 15 dias com um estudo sobre James Dean e uma excelente reportagem intitulada: «Nem só de sexo vive o cinema francês». Estará aqui tôdas as semanas, e nos orgulhamos em dizer que foi uma de nossas melhores aquisições.

Ilgen Kerr (prêmio de viagem à Europa de gravura e grande fotógrafo) é outro dos nossos contratados com exclusividade. Já começou com uma reportagem sobre o filho do sr. João Goulart. E dentro em pouco num excelente trabalho fotográfico apresentará as 10 mulheres mais bonitas do Brasil.

O sr. Juliano Davidson quer saber o endereço de Gina Lolo-brigida. Infelizmente não sabemos. Nem costumamos mesmo agir nesse setor. Apenas não quisemos deixar o sr. Juliano sem resposta já que foi tão amável com a revista.

Várias de nossas reportagens fotográficas são assinadas por Alberto Ferreira, um jovem de 23 anos, que cada dia mais se destaca. E' também um dos exclusivos da «Revista da Semana».

Resposta ao sr. Gilson Sodré Borges que pergunta o que 520 soldados brasileiros vão fazer no Egito. Vão cumprir compromissos internacionais, sr. Gilson. Também não acreditamos muito nessa força da ONU, mas acordos são acordos, e desde que assumidos devem ser cumpridos. Quanto a remessa da revista para o interior, vem sendo feita normalmente.

Já neste número apresentamos 2 páginas sobre vida noturna assinada pelo famoso Mr. Eco. Despedido do «Diário da Noite» (onde fazia uma excelente seção) por motivos supervenientes, Mr. Eco volta agora, semanalmente aqui na Revista. E' mais um excelente elemento para a nossa nova equipe.

O sr. Cardoso de Albuquerque quer saber se a revista não vai se manifestar sobre a «imoral importação de automóveis pelos Deputados». Vamos, sr. Cardoso. Estamos preparando uma reportagem contando toda essa história imoral, como diz o sr. muito bem. Pode procurá-la num dos próximos números.

(Continua na página 22)



O sr. Paiva Muniz (à direita) faz a entrega ao poeta Oswaldino Marques do Prêmio «Euclides da Cunha», para ensaios. Vê-se ainda, à esquerda, o romancista Guimarães Rosa, sobre quem o funcionário laureado escreveu o seu estudo «Dois Aspectos da Linguagem de João Guimarães Rosa».

FUNCIONÁRIOS-ESCRITORES RECEBEM PRÊMIOS NO IPASE

ENTREGUES PELO SR. PAIVA MUNIZ OS PRÊMIOS «EUCLIDES DA CUNHA» E «MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA» — MARQUES REBELO, GUIMARÃES ROSA E JOSÉ GERALDO VIEIRA, OS ESCRITORES-TEMAS DO CONCURSO DE ENSAIOS DE AUTARQUIA.

◆ Com a presença de diretores do IPASE, funcionários públicos e escritores, foram entregues pelo sr. Paiva Muniz, presidente da Autarquia, os prêmios literários da «Revista IPASE», correspondentes ao corrente ano.

OS PRÊMIOS

Este ano dois foram os prêmios concedidos pelo IPASE, aos quais se candidataram cerca de duzentos trabalhos de servidores públicos de todas as categorias: prêmio «Euclides da Cunha» (ensaio) e prêmio «Manoel Antônio de Almeida» (conto), ambos de Cr\$ 15.000,00 cada um. O tema do concurso foi de livre escolha, e o de ensaio sobre a obra ou as obras dos romancistas brasileiros José Geraldo Vieira, Marques Rebelo e Guimarães Rosa.

COMISSÃO JULGADORA

Como tem sido feito todos os anos, o sr. Paiva Muniz nomeou três escritores para constituírem cada uma das comissões julgadoras dos concursos. Para conto, Antônio Callado, Saldanha Coelho e Geraldo de Freitas. Para ensaio, Herberto Sales, Raul Lima e José Carlos Lisboa.

RESULTADO

O prêmio «Euclides da Cunha» foi concedido a Oswaldino Marques pelo seu ensaio «Dois Aspectos de Linguagem de João Guimarães Rosa»; e o prêmio «Manoel Antônio de Almeida» a Aluizio Furtado de Mendonça pelo seu conto «O Velho, os Gatos e a Noite».

OS CANDIDATOS

Oswaldino Marques, natural do Maranhão, é encarregado do setor de Planejamento e Organização da Seção de Assistência Social do Ministério da Educação e Cultura. Nome bastante conhecido em nossos círculos literários, o poeta Oswaldino Marques é autor de várias obras, entre as quais se destacam «Poemas quase Dissolutos» (1946), «Cravo bem Temperado» (1952), e «Usina do Sonho» (1954). Aluizio Furtado de Mendonça nasceu em Natal e é Fiscal Aduaneiro da Alfândega em Recife. Em 1952, publicou o seu primeiro caderno de contos, sob o título «O Silêncio das Horas», e em 1953 «O Soldado de Ronda», também de contos. Num concurso de contos promovido pela «Revista da Semana», Aluizio Furtado de Mendonça obteve o 1º prêmio com a novela «Uma Sombra na Pátio».

AVISO AOS NAVEGANTES



NORMA BENGELL NÃO ACEITA FLORES DE DESCONHECIDOS

A VEDETE DO TEATRO MUSICADO FALA À «REVISTA DA SEMANA» SOBRE
SUA VIDA E SEUS PLANOS — COMEÇOU COMO MANEQUIM — CAIU
NA MESA DE LEONIDE MASSINE — O FOGO ACABOU COM O VEDETISMO
— VAI SER MATUTA — NA MATINÉE DO «NIGHT AND DAY» ESTÃO AS
FERAS — MARILYN «SEXY» — CASAMENTO ACONTECE

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

◆ Norma, essas flores são para você.
— Quem trouxe?
— O porteiro.
— Não disse quem mandou?
— Não. E também não tem cartão nem nada
que identifique.
— Então jogue fora.
— Não faça isso — intervenho entre Norma
Bengell, vedete das noites cariocas, e d. Maria,
sua mãe, com um ramo de rosas na mão.
— Joga sim.

Norma está dando uma entrevista para RE-
VISTA DA SEMANA, em seu apartamento, no
Lido. Pergunto:

— Por que não fica com as flores? Deve ser
de algum admirador.

— Não faz mal. Depois, sabe lá se isso tem
macumba?

— Mas você acredita nisso?

— Nem acredito nem deixo de acreditar. Só
sei que quando levamos «Banzo Aiê», cada um
teve um negócio qualquer. Eu quebrei a perna.
E depois, são flores muito «michas».

Norma Bengell é uma das mulheres da noite
carioca. Noite que ela gosta, principalmente
quando acaba no «Sacha's». É uma das mais
bonitas. Está ficando famosa. Tem 21 anos, nas-
ceu em 21-2-1935, numa casa de saúde do Rio
Comprido, de onde saiu para Ipanema. Estudou
no Imaculada Conceição e no Sacre Coeur de
Jesus, de onde saiu por causa de um «show»
de fim de ano. Conta:



NORMA BENGELL

— Ia haver um teatrinho e um grupo de meninas mais levadas, inclusive eu, resolveu apresentar um número de dança com pernas de fora. As mães não gostaram.

Informa que era boa aluna, menos em matemática. Ótima em línguas.

MANEQUIM

Quando acabou de estudar, foi ser modelo da Canadá Modas, de 1953 a 1954. Caribé da Rocha viu fotografias suas e convidou-a para o «show» das «Emancipadas», no Copacabana Palace. Dançava, apenas. Não chegou a acabar o espetáculo e foi convidada por Carlos Machado para o Casablanca, em «Rio Moleque», no lugar de Carla Nell. Em 1955. Depois, fez «A Grande Revista», no «Night and Day», onde tinha — diz — um «papelzinho».

QUEBROU A PERNA

Em seguida, «Banzo Aiê», com um bom papel. Ai, quebrou a perna.

— Como foi?

— Estava dançando, quando tropecei e caí em cima da mesa de Leonide Massine. Fiquei com vergonha, mas ainda comentei: Na mesa de Massine, quero cair todo dia.

O pé inchou na hora e foi para o Pronto Socorro. Passou o Natal e o Ano Novo engessada. Fiquei um mês e dez dias de «frosô» — diz com um sorriso.

PUNTA DEL LESTE

Ainda convalescente foi a Punta del Leste, com o «show», onde fez pequenos quadros. Lillian Fernandes deixou a revista e «eu» entrei de vedete.

— Como foi a estréia?

— A tarde, fui à boite. Cheguei lá, o Machado disse que eu iria substituir a Lillian. Perguntei quando e ele respondeu: hoje mesmo. Quase caí. Comecei a estudar o papel na viagem de lotação. As 22 horas fui para o teatro estudando. Um minuto antes de entrar em cena, ainda estudava. No final, saiu tudo bem, melhor até que nos outros dias. Nem chorei.

— E você chora?

— Em toda estréia. Não tem para onde.

FOGO E ESTRELISMO

— O fogo acabou com meu estrelismo. Estava em casa dormindo quando mamãe me acordou dizendo que o «Night and Day» estava pegando fogo.

— Ah, mamãe, não brinca, quero dormir. Quando vi que era verdade, quase morro.

CANTORA

Nove dias depois estreava no «Beguin», em «The Show Must go On», onde cantou pela primeira vez. «Lisboa Antiga» foi a música.

Sobre cantar diz que gosta muito, tanto que vai alegre para as audições na televisão, onde «me espalho toda».

CAMISOLAS INDECENTES

No Copacabana, fez «Humoresque» e, agora, em «Rio de Janeiro... a Janeiro» é a «estrelinha». O quadro mais conhecido é o das camisolas, onde as moças aparecem com esse traje. Se perguntarem se gosta, responde:

— É indecente. É muito bonitinho, mas a mentalidade dos brasileiros ainda não está preparada para vê-lo. E tem mais, se fôsse a mesma coisa com outros trajes, não faria o mesmo sucesso.

E prova:

— Se os fotógrafos chegarem para uma de nós, querem logo uma fotografia de camisola. Fico com uma raiva enorme. Qualquer dia desses, dou a camisola para fotografar, sem o conteúdo — e ri.

VAI SER MATUTA

Do futuro, diz que não sabe. Tem um convite de Jaci Campos, para fazer um filme, no papel de uma matuta que vem para a cidade e vira «bem». Fará, «se o Machado deixar». Gosta de ler, mas não tem tempo, de tocar piano, tendo dado um recital na A.B.I. Tocou três números. No meio do último, parou e começou a chorar.

FERAS

Não gosta das matinées de sexta-feira, no «Night and Day», e comenta:

— Aquelas feras não podem ver o espetáculo quietos. Deus me livre, como são indóceis.

Gosta de música, dependendo do momento, de Liberace a «Rock and Roll», de praia, às vezes, e do Botafogo. Automóvel, principalmente conversível e a toda velocidade. Tem mania de fotografias e de colar tudo que sai publicado a seu respeito.

— Tem medo de alguma coisa?

— De nada.

— Nem de barata?

— De barata tenho. De barata e de rato.

MARILYN «SEXY»

Gary Cooper, Laurence Olivier e Marlon Brando, entre os homens, e Vivien Leigh e Marilyn Monroe, entre as mulheres, são seus artistas preferidos.

— E Lollobrigida?

— É uma mulher linda, perfeita até, mas falta alguma coisa. Em matéria de «sexy», não tem outro igual a Monroe.

Diz e comenta:

— Sei que é muita audácia dizer isso, mas é o que acho.

CASAMENTO ACONTECE

Sobre casamento e amor, diz que sua vida sentimental já está decidida, mas que casamento não sabe para quando é. «Casamento acontece» — diz.

É vaidosa e não nega que goste de ser admirada. «Quem não gosta?» — indaga. Adora — foi a palavra que usou — seu trabalho, não faltando, mesmo doente. «Não é sacrifício, não, é gostar mesmo».

— O teatro é um meio ingrato, com muita inveja e ingratidões. Tem, como em todo lugar, bons e maus. Graças a Deus trabalho com gente boa e direita.

Gosta de todas as suas companheiras, mas as preferidas são Edith Morel, Irma Alvarez e Marina Marcel. Está sem empregada e cozinha «mais ou menos». De Carlos Machado diz que é um grande patrão e de Gisela Machado que «é a maior do guarda-roupa».

Não gosta de política, apesar de gostar dos senhores João Goulart e Ademar de Barros.

O QUE NÃO ESTUDOU

— Meu pai, um alemão vermelho, diz que está tudo errado. Estudei tanta matemática, tanta coisa, e não acertei cousa alguma. Cantar e dançar, que não estudei, é o que foi dar certo comigo.



Norminha Bengell foi apelidada pelo cronista Antônio Maria de «Norminha Meu Bengell». Mas Norminha diz que o cronista só colocou esse apelido para agradá-la em virtude de citações não muito elogiosas para ela, feitas anteriormente. Mas continua amiga do colunista de «O Globo».



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

38
VIAGENS
POR DIA
cada
meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

AZ450 - FB-1

A ARGENTINA GIRA (AINDA) EM TÔRNO DE PERÓN

QUE ACONTECERÁ NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES? — AS VÁRIAS FORÇAS QUE SE DIGLADIAM NA ARGENTINA — A OLIGARQUIA — O COMUNISMO — OS GORILAS — OS RADICAIS — A ALIANÇA TOTALITÁRIA — E AINDA FORTE, O PERONISMO — MAS DE TUDO ISSO, PODE AINDA SURTIR (FARDA-DO) UM NASSER OU UM ATATURK.



Perón ainda é uma peça importante no mecanismo político da Argentina.

♦ Ao mesmo tempo em que prendia ou destituía dos seus postos 11 generais, o governo da Argentina aceitou os termos de 200 mil trabalhadores metalúrgicos e de 35 mil gráficos, que estavam em greve, e aprovou um aumento de 40% sobre os salários. Os generais haviam exigido a renúncia do ministro da Guerra, general Ossorio Arana. O fato do governo argentino se curvar às exigências dos trabalhadores mas repelir as dos generais mostra que a situação naquele país — que tanto interessa ao Brasil — merece uma análise cuidadosa.

Em fins de novembro, os generais Juan José Uranga e Justo León Bengoa — que foram membros do primeiro governo revolucionário argentino, do falecido general Eduardo Lonardi — eram presos quando tentavam, apressadamente, aliar militares para um golpe de Estado. A prisão ocorreu depois que o governo, rechaçando o ultimato dos generais, destituiu o comandante em chefe do Exército, general Francisco Zerda. As tropas de imediata confiança do governo se prepararam para a ação enquanto 16 navios de guerra, por ordem do vice-Presidente almirante Isaac Rojas, suspendiam as manobras e se punham em posição, no Rio da Prata.

Quando o ambiente se desanuviou, o ministro Arana, por ordem do Presidente, general Pedro Aramburu, fez um discurso em que o governo reafirmava a sua decisão de realizar as eleições no último trimestre do ano próximo.

A OLIGARQUIA

Os generais Uranga e Bengoa são nacionalistas — o que, na Argentina, quer dizer nazifascistas. Durante a guerra, chamaram-se nacionalistas os que desejavam a vitória de Hitler & Mussolini. E o nome ficou, nada tendo a ver com o nacionalismo que existe em outros países. Bengoa e Uranga foram os últimos a se colocarem contra o ditador Juan Domingos Perón. E, por meio de manobras muito mais políticas que militares, conseguiram postos-chaves no governo Lonardi. São muito ligados a outro ex-ministro de Lonardi, Mário Amadeo — o Plínio Salgado da Argentina. Esse grupo, que hoje edita um semanário chamado «Azul y Blanco», preconiza a formação de um governo de direita, semelhante ao do ditador Francisco Franco na Espanha. Tem o apoio dos grandes criadores de gado — «la oligarquia ganadera» — que se opõem às idéias de reforma agrária, de grande parte da burguesia industrial e de uma forte corrente do clero. O cardeal Santiago Copello, simpatizante desse grupo e um dos principais responsáveis pelo apoio católico que Perón recebeu no início de seu governo, está reduzido ao silêncio, hoje a dia, graças aos entendimentos havidos entre a Nunciatura e o governo Aramburu. O cardeal não perdeu as suas prerrogativas mas é obrigado a conduzir-se com a discrição.

Reportagem de HERMANO NOBRE ALVES

O PERONISMO

O movimento peronista reorganizou-se, internacionalmente com base na Venezuela, onde o ex-ditador argentino se encontra sob a proteção do ditador local, coronel Marcos Pérez Jiménez, chefe do exército que apeou do poder um dos maiores democratas da América — o escritor Romulo Gallegos, autor de «Doña Barbara». Perón, que transferiu da Argentina para o exterior fundos superiores a 150 milhões de dólares, é apoiado por grupos financeiros organizados na América Latina por antigos nazistas alemães.

Perón é, atualmente, um trunfo no jogo internacional do petróleo. Foi ele quem, divergindo da tradicional política argentina, em matéria de petróleo, prontificou-se a fazer um acordo com uma companhia americana. Esta decisão foi um dos principais motivos que provocaram a revolução na Argentina. Pouco depois, a companhia petrolífera passava pelo dissabor de ver anulado o acordo, ao mesmo tempo em que se comprovava que a Argentina possui substanciais reservas de petróleo — no Chaco e na Patagônia.

O COMUNISMO

O pequeno Partido Comunista da Argentina teve, com Perón, entendimentos semelhantes aos que o seu congêneres brasileiro teve com o falecido Presidente Getúlio Vargas. Com a queda do ditador, procurou conquistar a massa peronizada. Está agindo em aliança com os peronistas — especialmente com os elementos de confiança do ex-ditador que agiam e continuam a agir, embora com menos intensidade, no meio operário. Os comunistas, por decisão do governo Aramburu, ficaram proibidos de organizarem «associações de lanchado». E, agora, por decisão de um juiz federal, o Partido Comunista ficou proibido de disputar as eleições.

OS GORILAS

O grupo oligárquico, representado por Uranga e Bengoa, foi derrubado do poder junto com o general Lonardi, quando procurava instalar uma ditadura de direita e contemporizar com os peronistas. A ação foi fulminante, empreendida pela oficialidade jovem das forças armadas — um dos grupos políticos mais importantes na Argentina de hoje. Chamam-se «os gorilas». O apelido, inicialmente, foi dos fuzileiros navais que, treinados por oficiais norte-americanos, veteranos da guerra no Pacífico, usaram o que aprenderam contra as tropas peronistas, durante a revolução. Em tom pejorativo, a alcunha foi estendida aos oficiais jovens do Exército, da Marinha de Guerra e da Força Aérea, que têm um pacto de ação em comum. Estes, porém, gostaram do nome e com ele ficaram.

(Cont. na página 18)



O exército é a principal dor de cabeça de Aramburu. Nem ele nem ninguém sabe o que o exército fará com a força real de que dispõe.

ALIANÇA DA BAHIA CAPITALIZAÇÃO S.A.

apresenta aos seus estimados clientes e amigos

de todo o Brasil

os melhores votos de

FELIZ NATAL

e

PRÓSPERO ANO NOVO

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

A ARGENTINA GIRA (AINDA)... (Continuação da página 16)

Os «gorilas» querem transformar a Argentina num país democrático e têm demonstrado capacidade de luta. Não têm um programa de ação política que os conduza à ofensiva. Limitam-se a defender a moralidade administrativa, a exigir eleições livres e a deslazar as manobras dos peronistas, da oligarquia, da extrema direita e dos comunistas. Estão na defensiva. Alguns deles — especialmente do exército — que perceberam a necessidade de obter o apoio das massas, são partidários de uma ação comum com a União Cívica Radical, que apresentou a candidatura de Arturo Frondizi. Até agora, porém, isso não foi conseguido.

OS RADICAIS

Os radicais formam o principal agrupamento partidário, depois da dissolução do peronismo. Participaram da conspiração contra Perón, apoiaram a continuação do poder nas mãos de Aramburu até as eleições, mas não participam do governo. Preferiram ficar de fora para manobrar mais à vontade. Estão empenhados na conquista das massas. Seu candidato, Frondizi, foi um adversário do peronismo, embora muita gente o acuse de haver transigido com o ditador. O ar professoral de Frondizi, que é chamado de «o homem dos óculos», contrasta com a vivacidade mussoliniana de Perón. Os radicais, porém, acham que as massas poderão encontrar em Frondizi qualidades do movimento peronista, sem defeitos. Frondizi, por exemplo, é partidário de uma aproximação maior entre os países da América Latina, sem cair no delírio expansionista de Perón. A sua posição com relação aos Estados Unidos e à política do «bom sócio» preconizada pelo Departamento de Estado é cautelosa. Sabe-se, porém, que Frondizi não está disposto a assinar pactos de defesa mútua nem a fazer concessões a empresas estrangeiras, em matéria de petróleo e minérios atômicos. Defende, também, a reforma agrária e a nacionalização dos grandes frigoríficos — principais estabelecimentos industriais da Argentina. Perón conseguiu o apoio das massas quando se fez campeão — é verdade que demagógica e policialmente — dos direitos dos trabalhadores. E, para conseguir o apoio da classe média, adotou posições nacionalistas. O seu programa foi um desenvolvimento defeituoso das antigas plataformas radical e socialista, misturada com concepções fascistas de Mussolini & Hitler e «slogans» comunistas. Os radicais querem extrair o que lhes parece bom e adotá-lo como posição. Não têm ideologia definida mas formam uma espécie de Esquerda Democrática muito ativa.

Os outros partidos democráticos, que aceitaram participar do governo, como os socialistas e os democristãos, não viram com bons olhos a candidatura Frondizi mas não farão aliança com os inimigos da revolução. Queriam que se formasse uma coalisão democrático-revolucionária, que fosse para as urnas com um bom candidato. Os radicais, lançando Frondizi sem consultar os outros, impuseram a sua vontade. Para os demais democratas, Frondizi aparece como um mal menor que é capaz de conseguir votos nas massas peronizadas.

A ALIANÇA TOTALITÁRIA

Impedidos de apresentar candidatos, os peronistas, associados ilegalmente, fizeram aliança com os comunistas, para perturbar, ao máximo, a ação do governo Aramburu. Aproveitando-se da herança inflacionária deixada por Perón, incitam os operários à greve. E, quando estes, por motivos mais do que justos, recorrem à arma da greve, os peronistas e comunistas procuram levá-los à defesa de reivindicações exageradas, para que o conflito se prolongue.

A oligarquia e o grupo da extrema direita, por sua vez, pretenderam herdar a revolução e conseguir o poder por meio da candidatura de um general reacionário que teria apoio de grupos financeiros. O candidato escolhido foi Bengoa mas Aramburu deitou água na fervera quando proibiu não apenas que membros de governos revolucionários mas também, que militares se candidatassem. Bengoa, Uranga e o seu grupo procuraram, desde essa época, revogar esses dois decretos, sem resultado. Aramburu era firmemente apoiado pela esquadra, sob o comando de Rojas, pela juventude do exército, sob a chefia de Arana, e pela Força Aérea. Em junho, Aramburu procurou acalmar os ânimos afastando de Buenos Aires e até do país os principais partidários das duas correntes em choque nas forças armadas.

Em novembro, porém, quando centenas de milhares de trabalhadores reivindicavam aumentos salariais, Bengoa e Uranga lançaram-se à ofensiva. E, foi nessa ocasião que os serviços militares de inteligência, controlados pelos «gorilas», tiveram informações seguras de que aqueles a quem os jovens militares chamam de «generales podridos» haviam feito uma aliança tática com os comunistas e os peronistas, para a conquista imediata do poder. O governo agiu, rapidamente, deslizando a consagração militar e, no campo operário, cedendo às principais demandas dos grevistas e desarticulando, em consequência, as manobras dos peronistas e dos comunistas.

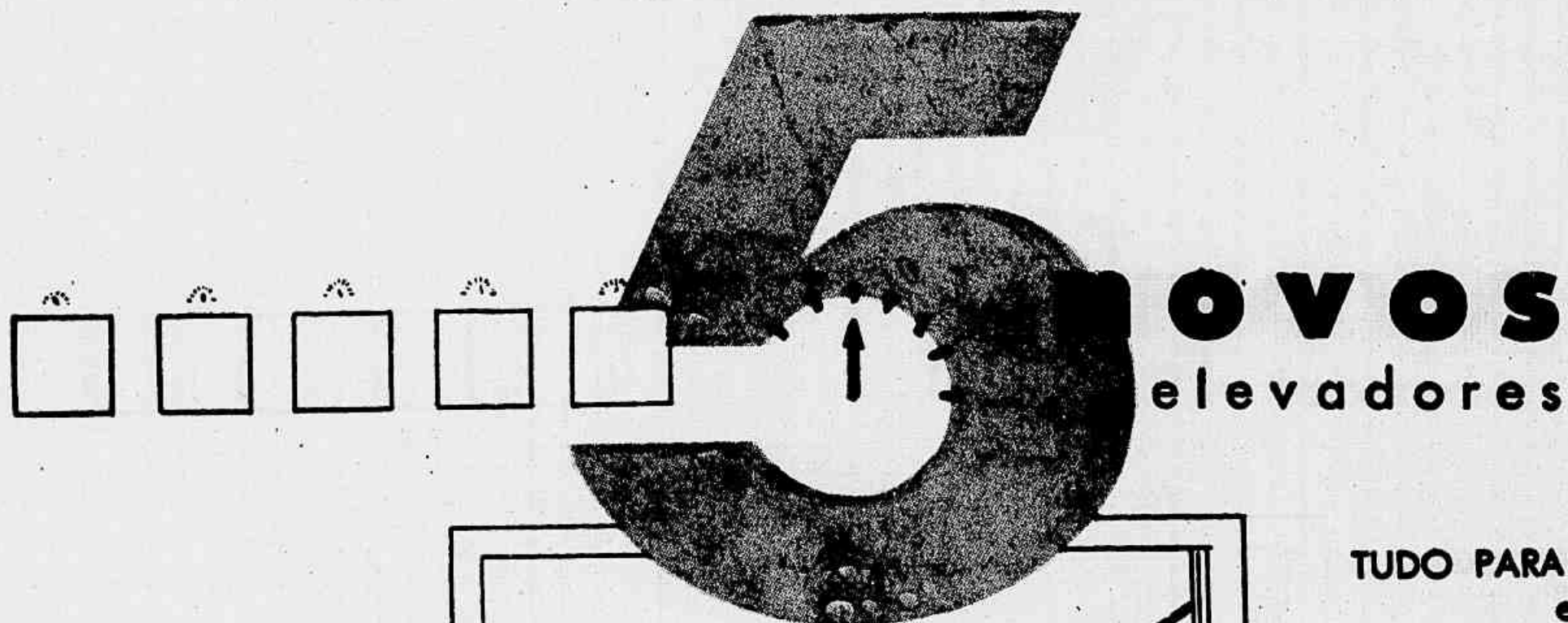
FUTURO INCERTO

A demissão de tantos generais aumentou o poderio dos «gorilas» nas forças armadas — especialmente no exército, que é a principal base de cabeça do governo Aramburu. Que farão com esse poder é o que ninguém — nem eles mesmos — sabem. Há quem acredite que tenderão para a esquerda e se associarão a Frondizi. Há os que pensam que se manterão imparciais, garantindo a democracia que eles acham se consolidará nas próximas eleições. Mas há também quem desconfie que, neste momento, num quartel, aeródromo ou navio de guerra, em qualquer porta da República Argentina, há um Kemal Atatürk ou Gamal Aba-El-Nasser esperando a sua vez.

novas instalações

n'A Exposição carioca

O maior magazine feminino da América do Sul!



**TUDO PARA SENHORAS
e CRIANÇAS**

Loja - Bolsas, luvas,
guarda-chuvas, meias, jóias

Sobre-loja - Novo
Departamento de Crediário

1.º and. - Sapatos,
móveis Probel

2.º and. - Grande
Salão de Modas

3.º and. - Sport e praia

4.º and. - Tecidos

5.º e 6.º and.:

Grande Departamento
Materno Infantil

7.º and. - Lingerie

8.º and. - Cama e Mesa!

**CADA DEPARTAMENTO
UMA GRANDE LOJA
ESPECIALIZADA!**

SÓ PARA SENHORAS



L. Carioca Esq. G. Dias

Agora é mais fácil comprar n'A Exposição Carioca!

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

A BREVE FUGA

*Escrevo à sombra de tua ausência
Com os fios de luz dos teus cabelos escuros
A tenra palavra amor.
E ergue-se dos gestos tangidos
De vôo o teu leve perfil de sono.*

*Ressoa no espaço o perfume de chuva
De teu alçar. E o olhar que colore
As pétalas acorda pesado sob as pedras
No abandono. No deserto vêm os monstros
Da solidão perseguir o ser que eu sou.*

*Um som parado de coração morto
Sobrevoa com a sua música a breve
Fuga do teu destino. E sei — o vento
Mais intenso que a paisagem alada
Forçará o teu pouso à sombra de meu corpo.*

CYRO PIMENTEL

ARTES

SANTA ROSA

♦ Santa Rosa morreu. Ninguém mais o verá nos lugares habituais por onde costumava circular sua figura inconfundível — paletó entreaberto, óculos sem aro, muito limpos, a calva, a aparência bonachã, o cigarro tombado para um canto, na boca, o bigode. Nem no nono andar do Ministério da Educação, nem nos arredores do Municipal, nem na Escola de Belas Artes, ninguém mais o verá. Aos sábados o seu atelier da rua Luzia estará vazio, sem a sua presença. O velho Santa Rosa partiu, não mais poderá auxiliar a ninguém, não mais terá palavras de estímulo para com o jovem que lhe estende ansioso o primeiro desenho ou o primeiro poema. Santa Rosa morreu. Lembro-me da última vez em que



o vi, no Municipal, às voltas com cenários e bailados, falando de seu trabalho com aquela modéstia e desprendimento de sempre. Trocamos curtas palavras. Disse-me de sua breve partida para Roma, de onde seguiria para a Índia. A viagem (que nunca imaginara tão longa, tão sem regresso) o fascinava, excitava-o. Só uma vez, há alguns anos, Santa saíra do Brasil, para um giro pela Europa. Suas demais excursões resumiram-se em andanças por esse Brasil — «pequena cabotagem», como nos dissera o próprio artista em recente entrevista.

Alguns dias depois do último encontro, procurei-o novamente no Municipal. Mas já não o encontrei. Tinha antecipado a viagem para Roma. Humberto, o porteiro, perguntou-me brincalhão:

— Tem muita pressa para falar com o Santa? Por que êle está em Roma desde domingo.

Disse-lhe que lhe falaria depois, quando de seu regresso. Ai! não houve regresso, não haverá nunca mais. De Santa ficarão os quadros, os cenários, as admiráveis ilustrações, as palavras de estímulo que êle espalhou por toda parte. Não desejei vê-lo morto na Câmara Municipal. Prefiro dêle conservar a imagem de sempre, seu tipo atarracado e sem pressa, seu sorriso compreensivo. E se alguém, por ventura, perguntar-me por onde anda o desaparecido Santa, responder-lhe-ei, estorçando-me por parecer natural:

— Está na Índia, ainda não voltou. Foi lá a passeio, gostou, não regressou nunca mais. Ingrato. Esqueceu os amigos.

NOTAS E INFORMAÇÕES

O POETA Antônio Olinto («Presença», «Resumo», «Nagasaki») voltou a assinar, diariamente, em «O Globo», uma coluna de informações literárias. Título: «Porto de Livreria».

SALDANHA COELHO é o diretor de «O Semanário nas Letras e nas Artes», cujo primeiro número há pouco apareceu. É um tablóide, de oito paginas, contendo variada colaboração. Deverá aparecer toda primeira quinta-feira do mês.

A APARECER, por todo esse mês, ainda os seguintes romances: «Encontro Marcado», de Fernando Sabino; «A Madona do Cedro», de Antônio Callado; «Vento Nordeste», de Fernando Aslora; «Recuo do Meridiano», de João Facheco. Também o livro de contos de Ricardo Ramos, «Terno de Resaca», estará nas livrarias antes de São Silvestre.

REVISTA DA SEMANA — 20

FRAN MARTINS passou algum tempo na Europa, em viagem de estudos. Por isso, e por dificuldades financeiras, a revista cearense «Clã», que tantos valores novos revelou, passou muitos meses sem circular, privada de seu diretor, e de meios monetários. Agora, que Fran já retornou, e que aqueles premissas foram sanadas, «Clã» reaparecerá, a partir do próximo mês de janeiro. A Universidade do Ceará concedeu à revista um auxílio anual, que permitirá o seu aparecimento ao menos quatro vezes por ano.

O CONHECIDO conto de Kafka «A Metamorfose» — a tétrica história de Gregório Samsa, que um dia acordou transformado em imensa barata — foi agora musicado pelo compositor italiano Florenzo Carpi. A ópera será encenada na próxima temporada do «Piccola Scala» de Milão.

"SIGNO TERRESTRE"

De CYRO PIMENTEL

O APARECIMENTO dos «Poemas», de Cyro Pimentel, em 1948, inaugurando os «Cadernos de Poesia» do Clube de Poesia de São Paulo, veio revelar um poeta cujas principais características o arguto Sérgio Milliet assim descreveu (1):

- 1) Cyro não obedece a sistemas de versificação e nem procura ritmos.
- 2) interessa-se apenas pela imagem, e pela palavra rara.
- 3) palavras-chave em seu livro: morte, silêncio, solidão, etc.

Agora, oito anos passados, e após ter editado, em 1952, «Espelho de Cinzas» (em que, ainda segundo Milliet, desapareceram as palavras raras e estranhas ainda tão numerosas no livro de estréia), Cyro Pimentel volta a publicar. No primeiro livro, ele cantou a Morte; no segundo, a Solidão; canta agora o Amor, com tal apuro e eloquência, que esse «Signo Terrestre» é certamente um dos pontos mais elevados a que chegou, nos dias que correm, a nossa poesia lírica (2).

Ainda aqui estão presentes aquelas palavras-chave que o ilustre crítico paulista surpreendeu em «Poemas». Só que, em «Signo Terrestre», há uma única, praticamente, que se repete, quase diríamos de maneira monótona, de ponta a ponta do livro: é o vocábulo **cabelos**:

o ruilar dos teus cabelos envoltos na neblina...
sono íntimo de lua iluminada de cabelos tênues...
O encontro do signo terrível com a tua cabeleira...

eis aí três versos tirados aos três primeiros poemas da coletânea. Há mesmo um, «Exílio dos Cabelos», que explica essa obsessão do poeta pelos cabelos da amada. Invocando em seu princípio Berenice, Cyro Pimentel termina por lançar aos ares a afirmativa de que

Em Tessa, em Tessa, fonte lírica e serena,
Reluziram, Berenice, tua alma e teu gesto!

após ter explicado que

Os deuses me enlaçaram a Alguém
De sorte igual à tua, de cabelos
Sublimes de noturnidade...

Do ponto de vista da essência poética, não achamos «Signo Terrestre» sequer comparável a «Poemas» (pois não lemos «Espelho de Cinzas»); nenhum poema, no livro atual, alcança a profundidade e a beleza noturnas das peças que compõem o volume de estréia. Aquela atmosfera de mistério, de solidão e de morte, apanágio de versos como «Apenas nascidos nos debruçamos sobre céus», «Sê, fonte, apenas um desejo», «Ah! o lento corpo! Rio sem destino para o mar», «Eu, caminhante, sou a imaginação de mim!», tantos, mais, diluiu-se, evaporou-se. Cyro Pimentel realiza agora uma poesia que nos parece cheia de artifícios, baseada em cinco ou seis fórmulas que ele maneja — isso é inegável — com evidente habilidade. De elemento a parte do denominado grupo ou geração de 1945, contra cujas regras reagiu, em 1948, Cyro acaba agora de se filiar à tendência, com força e decisão. Não acreditamos que isso venha beneficiá-lo, pois abandonou um vocabulário individual, próprio, por outro no qual já mal se sabe onde termina o chavão e principia a exteriorização do sentimento íntimo do poeta.

Dissemos que Cyro em «Signo Terrestre» canta o Amor, como em «Poemas» cantava exclusivamente a Morte («Não há maior alegria / Na alma / Que pressentir a Morte»), e é verdade. Porém, o poeta sabe que, sem a amada, tudo voltará ao que era dantes, que

No deserto vêm os monstros
Da solidão perseguir o ser que eu sou.

E a prova de que Cyro Pimentel ainda não se libertou das suas inquietações primeiras, é a própria epígrafe de Simone Weil colocada no pórtico do livro: «L'amour est un signe de notre misère». Epígrafe, aliás, de onde foi extraído o título da coleção de poemas atual.

Dos vários poemas, parecem-nos os melhores «Retorno de Eros», «Visão da Alegria», «A Breve Fuga», «Exílio dos Cabelos», «Fonte Primitiva». A preocupação pela forma continua mínima, na poesia de Cyro Pimentel, embora «O Rosto Abstrato» esteja disposto na forma tradicional do soneto — quatorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Notamos a super-abundância dos adjetivos, o predomínio das estrofes de cinco versos — que nos parece aquela em que Cyro Pimentel melhor se traduz — e a data já relativamente recuada de todos os poemas — o mais recente é de princípios de 1954. Esperemos pelo novo livro do paulista, que não deve tardar. O presente, se não vem acrescentar à fama do autor de «Poemas» nada de novo, ao menos serviu para revelá-lo como lírico de apreciáveis qualidades, poeta de recursos e de sensibilidade, embora por vezes descambiando para a grandiloquência, e o preciosismo.

NOTAS: 1 — Sérgio Milliet, «Panorama da Moderna Poesia Brasileira». Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1952, páginas 128-130.

2 — Cyro Pimentel, «Signo Terrestre». Clube de Poesia, São Paulo, 1956, 53 páginas.

LIVROS EM DESFILE

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

CYRO DOS ANJOS publicou, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, «A Criação Literária». Fê-lo para responder à indagação de um seu aluno, que lhe perguntava porque escrevia. «Esses apontamentos de amor não se destinam a entendidos — é óbvio — mas simplesmente àqueles que, desconhecendo o assunto, desejem informar-se a respeito, num primeiro contacto». Livro de leitura fácil e proveitosa (Serviço de Documentação do M. E.C., «Os Cadernos de Cultura», n.º 96, Rio de Janeiro, 1956, 110 páginas. Cotação: ****).

IMPRESSÕES de viagem à Alemanha, «Unter den Linden», de Jayme Regallo Pereira, é livro que nada nos traz de novo, no gênero. E o pior é que seu autor, à página 162, escreve essas «gracinhas»: «E o minueto delicado, a valsa sentimental, cedem o passo aos puxavões e saracoteios de swings e rumbas; as telas de Rembrandt e de Renoir são substituídas pelas de Picasso (e já nem falo nas de Segall), sem equilíbrio, sem harmonia, sem perspectivas, sem nuances, sem nada que toque os nossos sentidos e a nossa inspiração; em lugar do gótico e do barroco, do manuelino e do mourisco, do renascimento e do florentino, levantam-se os mastodontes de cimento e ferro, pesados e maciços, como carneiros imensos onde se sepultam as formas cinzeladas; as rimas e a métrica dos sonetos de Baudelaire e de Bilac, os arroubos dos poemas de Castro Alves e a ternura dos versos de Gonçalves Dias cedem terreno às estrofes idiotas dessas legiões de poetas modernistas, etc.». Veja só o leitor: Rembrandt e Renoir, Baudelaire e Bilac... Que Deus perdoe o senhor Jayme Regallo Pereira, que ainda se atreve a falar em falhas de perspectiva... (Edição particular, São Paulo, 1956, 183 páginas. Cotação: **).

DE UM CURSO de extensão universitária ministrado pelos renomados professores Maurício de Medeiros e Jurandir Manfredini em 1954 é que nasceu o tratado «O Casamento — Psiquiatria Forense», que em nove longos e profundos capítulos estuda o matrimônio sob todos os seus aspectos. São de Maurício de Medeiros os capítulos I (Generalidades), IV (Personalidades Psicopáticas), VI (Toxicomanias), e VIII (Lues e Psicoses Luéticas). De autoria de Jurandir Manfredini os capítulos restantes: II (Oligofrenias), III (Demências), V (Psiconeuroses), VII (Epilepsia) e IX (Psicoses Endógenas). É livro de valor que não precisa ser lembrado: assinam-no dois nomes dos mais conceituados de nossa psiquiatria, que são também o de dois meritórios escritores (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, 349 páginas. Cotação: *****).

SOBRE O romance «As Três Marias», de Rachel de Queiroz, a partir de seu aparecimento, em 1939, já muito se escreveu. Nós, porém, confessamos que agora — quando de sua terceira edição — é que o lemos. É livro de valor, embora a nosso ver inferior a «Caminhos de Pedra». De qualquer modo, nele se nota a legítima vocação literária de Rachel, sua força em esculpir certas figuras, sua filosofia de viver. A personagem Guta, que só acredita no amor, é uma figura cheia de realidade humana. E que páginas maravilhosas as dedicadas por ela, Rachel, através da boca de Guta (o livro é escrito na primeira pessoa) à sua finada mãe! (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, 3ª edição, 207 páginas. Capa de Poty. Cotação: *****).

ÁGUA PURA

SAÚDE SEGURA

VELAS

SENUN

VELA

ESTERILISANTE

FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

FALANDO AO LEITOR

(Continuação da página 10)

O sr. Carlos Melo diz que gostaria de ler uma entrevista com o general Denys. Nós também. Mas acontece que os militares estão proibidos de falar. Além do mais, o general Denys sempre gostou de agir nos bastidores. Portanto...

A sra. Zilda Campos quer saber qual foi o melhor filme brasileiro do ano. Todos foram pior d. Zilda. Onde a senhora já viu filme brasileiro prestar? O cinema nacional está dominado por aventureiros e analfabetos, e vai continuar assim por muito tempo.

O sr. Rafael Quintanilha escreve para dizer que gostou da reportagem «Fracassou o primeiro Ministério Juscelino», e espera outras do mesmo gênero. Estamos preparando algumas, sr. Rafael, e muito obrigado pelas referências.

Sobre marmeladas no esporte, principalmente suborno, contam-se centenas de histórias, sr. Jorge Azevedo. Mas o difícil é comprovar. Fala-se, inclusive, que os clubes têm verdadeiras «comissões de compras» que agem sempre com êxito. Mas até agora tem sido muito difícil fazer um só flagrante.

O sr. Wilson Menezes pergunta se o Congresso vai ser prorrogado também este ano. Vai, sr. Menezes. Estava decidido que este ano o Congresso entraria em recesso. Mas como os deputados não conseguiram aprovar em tempo o projeto concedendo automóveis para eles mesmos, vão prorrogar a sessão até fevereiro. Não se escandalize, não. É isso mesmo.

O sr. Abílio Rodrigues quer saber que escândalo é esse que os jornais dizem que vai estourar no «Café Society». Também estamos curiosos, sr. Abílio. Não deixa de ser sintomático, que o jornal que tem feito mais publicidade em torno desse pretendo escândalo seja, precisamente o órgão comunista. Mas de qualquer maneira estamos atentos.

Agradecemos as críticas que nos estão chegando sobre a nova «Revista da Semana». E responderemos a todas as perguntas que nos forem endereçadas.

A DIREÇÃO.

UM BRINDE AO SEU PALADAR!

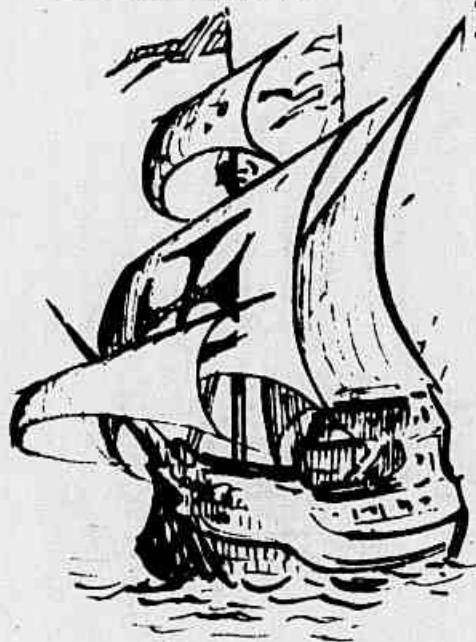


PRODUTOS GARANTIDOS PELA

Red Indian S.A.

Confeitaria **COLOMBO**

FRANÇA & CIA. LTDA.



A COLOMBO

caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almoço, chás, lunches, e «cocktails» acolhem diariamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS
— FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS
ALIMENTÍCIAS MARCA «COLOMBO» — ESPE-
CIALIDADE EM DOCES, GELEÍAS, ETC. ETC.



Fabricantes do

CREME DE ARROZ

COLOMBO

O ALIMENTO IDEAL DA CRIANÇA



MATRIZ:

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36
ANEXO A RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:

AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA

RUA LIVRAMENTO, 174/184
Fone: 43-6925 — RIO



James Dean (Morto) se transforma no

MAIOR RIVAL DE Marlon Brando

Reportagem de SÉRGIO ROBERTO



INFÂNCIA TRISTE E A TORTURA DE NÃO SER AMADO POR NINGUÉM ★ O GOSTO PELA SOLIDÃO ★ HORROR AO PAI E À MADASTRA ★ O PRIMEIRO AMOR ★ RECUSADO EM HOLLYWOOD POR SER BAIXO E USAR ÓCULOS ★ O ENCONTRO

COM ELIA KAZAN ★ O PRIMEIRO FILME, E O SUCESSO DE «VIDAS AMARGAS» ★ A GLÓRIA E A CONSAGRAÇÃO APENAS COM 3 FILMES ★ A MORTE ★ O CULTO AO ATOR MORTO E O INEVITÁVEL PARALELO COM MARLON BRANDO



James Dean: “a mocidade de hoje

UM fenômeno que não ocorreu com a morte de Rodolfo Valentino pode agora ser observado nos Estados Unidos: o culto ao ator James Dean morto a 30 de setembro de 1955, nas proximidades de Paso Robles, Califórnia. James Byron Dean nasceu em Marion, no Estado de Indiana, no dia 8 de fevereiro de 1931. Filho único de Winton Dean e de Mildred Wilson. Aos nove anos, logo após a morte da mãe, foi mandado para a casa dos tios, Marcus e Hortensia Wislov, em Fairmount, pequena cidade da Indiana. Era um garoto irrequeto e rebelde, sempre torturado pela idéia de ser órfão e de não ser amado por ninguém. Naquela época o seu único amigo era o padre James De Weerd, pastor da igreja Batista local. Aos dezoito anos, em seguida a uma briga durante a qual bateu num de seus professores, foi expulso da escola de Fairmount. Logo depois, Marcus e Hortensia mandaram-no de volta para a casa do pai que habitava com a segunda mulher em Los Angeles. Jimmy não gostava do pai e detestava a madrasta. Fêz o vestibular para a Faculdade de Direito da Universidade de Los Angeles e passou a residir em Santa Monica, num apartamento, junto com o seu amigo William Bast. Al conheceu Beverly Willis, filha da atriz Joan Davis, jovem, rica e sofisticada. Beverly foi o seu primeiro amor, mas logo o noivado se rompeu por oposição de Davis, que não gostava de Dean. Jimmy tornou-se então ainda mais intratável e entregou-se ao sonho de um dia chegar a ser artista. Matriculou-se na escola de recitação e logo depois tentou trabalhar no cinema. Porém, Hollywood não o aceitou pelo fato de ter pouca estatura e usar óculos. Em fins de 1950, desiludido pela tentativa fracassada, Dean decidiu ir para Nova York a fim de se inscrever no «Actor's Studio», escola de arte dramática de Strasberg e Elia Kazan.

x x x

Era esta, pois, a incomparável Nova York. A Nova York com que ele havia sonhado: a cidade onde vivem oito milhões de habitantes, onde nasce uma criança em cada cinco minutos, onde se fuma dois bilhões de cigarros por dia; onde existem duas mil e oitocentas igrejas, doze mil restaurantes, dez mil táxis, setecentos parques, a Broadway, o Empire State Building, enfim, a maior fábrica de reputação do universo.

«Faça sucesso em Nova York» — dissera-lhe James Whitmore — «e conquistará o mundo». Jimmy saltara do trem na Grand Central, e pela primeira vez na sua vida se sentia feliz. Os seus olhos azuis refletiam uma profunda emoção. De tão feliz tinha vontade de abraçar a todos os que encontrava. Nada sabia a respeito de Nova York. Entretanto, tinha a sensação de que aquilo era qualquer coisa de extraordinário. Ignorava onde iria morar, mas não pensava em ir para um hotel ou alojamento. Antes de mais nada, queria ver e sentir a grande cidade. O crepúsculo chegava e Whitmore lhe havia dito que nada era tão belo como o instante em que os cumes dos arranha-céus se confundem com o próprio céu, e o ar torna-se rubro e violáceo, e do mar vem uma brisa sutil. Jimmy tomou um táxi e pediu ao motorista que o levasse à «Times Square».

Não é difícil reconstruir a chegada de Jimmy e os acontecimentos de sua vida em Nova York. Todas as pessoas que, naquele período, foram vizinhas de James Dean forneceram aos seus biógrafos um abundante e significava material. Esta é uma história sem cunho dramático, mas que vale a pena recordar; não só porque pertence a um personagem tão querido e discutido, mas porque simboliza a vida de tantos jovens que, em busca do sucesso, se metem em aventuras nas grandes cidades. Em Nova York tudo era bem diferente de Los Angeles. O táxi rodava sem parar e o motorista explicava-lhe todas as coisas com voz cordial e amável. Mostrou-lhe o bairro chinês, as pontes que ligam Manhattan ao continente. Atravessou o Central Park e penetrou na floresta de arranha-céus. A cada nova surpresa, Jimmy fazia uma exclamação, passava a mão na testa e ria nervosamente. Agora deparava-se com a fabulosa Quinta Avenida, interminável, com seu imenso movimento de carros e de pessoas. Em seguida, o táxi virou a direita por uma rua estreita, e finalmente, chegou ao Times Square, no coração da Broadway.

O ENCONTRO COM JANE DEACY

Este era o lugar onde ele devia tentar ser alguma coisa na vida. Contemplava admirado os milhares de sinais luminosos, e os cartazes do teatro e do cinema atraíam-no poderosamente. Um enorme anúncio formando

um cigarro, recomendava determinada marca. Um avião de alumínio de dez metros de comprimento aconselhava a voar pela Trans World Airlines. Uma Ava Gardner recortada na madeira e pintada convidava a ver um de seus últimos filmes. Jimmy desceu a escadaria do metrô e viu-se dentro de um mundo completamente estranho, fascinante. «Não debes te deixar levar pelo entusiasmo» — dissera-lhe De Weerd. «Milhares de rapazes como tu chegam diariamente a Nova York em busca da fortuna. É uma cidade cruel. Será difícil a tua sobrevivência».

De Weerd lhe havia dado muitos conselhos e duzentos e cinquenta dólares, dizendo: «Este dinheiro dá para os primeiros dois meses». Agora só dispunha daqueles dólares, da sua mala de viagem e de três endereços. Um desses endereços era o de Jane Deacy. Jimmy foi procurá-lo, sem demora.

Jane Deacy é uma agente teatral muito conhecida e respeitada em Nova York. Inteligente, autoritária, elegante, esta senhora possui um método todo especial para descobrir talentos. Em geral, ela não quer saber se o rapaz ou moça tem ou não beleza física. Basta que a pessoa lhe cause impressão para que seja aceita como sua cliente. Quando Jimmy entrou no escritório percebeu logo que havia despertado interesse. Limitou-se a cumprimentá-la com um bom dia e entregou o bilhete de Whitmore. Jane leu o que havia escrito e se pôs a observá-lo. «Então, você quer ser ator? Você já é um ótimo ator». Acontece que todos os jovens que procuram a empresária se perdiam em argumentações inúteis. E foi precisamente aquela concisão de Jimmy que a atraíu. «Não é muito fácil, Dean». Neste instante, James levantou-se pálido e com a voz embargada: «Ajude-me, senhora Deacy. Quero simplesmente frequentar o «Actor's Studio». De repente, Jane Deacy disse «O.K.» e fez com Dean o que nunca havia feito com ninguém, assim de maneira tão incisiva: deu-lhe um contrato pessoal. Daquela data em diante, a amizade de Jane Deacy por Jimmy tornou-se grande. Ela foi a artífice de uma grande carreira cinematográfica.

MARLON BRANDO NÃO QUIS CONHECER SEU ADMIRADOR

O «Actor's Studio» é a mais severa escola dramática dos Estados Unidos. Mesmo vista de fora, causa medo. Fica situada numa velha igreja sem janelas, onde funciona desde a sua fundação. De lá, já saíram os maiores atores e atrizes da América: desde Julie Harris a Marlon Brando, de Eva Marie Saint e Montgomery Clift, de Karl Malden e Shelley Winters. O diretor é Lee Strasberg, um homem alto, gordo, que usa óculos de tartaruga. A sua teoria sobre arte dramática assemelha-se muito à de Stanislavski. O método por ele adotado, que aliás, possui um fundo psicanalítico, consiste num processo de despersonalização do ator e exige uma tensão nervosa quase sobreumana. No momento de recitar, o indivíduo deve se despojar de toda a sua personalidade para se transformar num outro ser: o personagem que interpreta. O recitativo se resume na emissão de uma canção lírica, na imitação da voz de um animal ou na representação vocal, de caráter simbólico, de um objeto inanimado. Certa vez mandaram que Marlon Brando interpretasse uma estátua de cera que se espatifa contra o solo.

No «Actor's Studio» Jimmy esperava encontrar Marlon Brando. Havia visto «Uma Rua Chamada Pecado» e considerava Marlon o maior ator do mundo. Naquela época Marlon Brando estava filmando em Nova York e não era difícil vê-lo. A grande cidade estava a seus pés. Todos falavam de Marlon Brando. Elia Kazan chamava-o «o meu inimitável gênio». Era verdadeiramente o símbolo do sucesso e da grandeza artística. Mas Jimmy não tinha coragem de se aproximar dele sozinho. Informava-se sobre a hora em que poderia encontrá-lo no «Actor's Studio» e esperava na porta de entrada com ar humilde. Brando já ouvira falar dele como uma grande promessa artística, sabia que se tratava de um real talento, mas fazia tudo para não encontrá-lo. É bastante difícil uma amizade entre dois grandes atores, mas a coisa se complica quando ambos são jovens e apresentam muitos pontos de contato. Dizia-se que o garoto de Fairmount nada ficava a dever a Marlon Brando, que não lhe era inferior nem no recitativo nem nos lances dramáticos. Brando não gostava da comparação e por isso fugia a um contato direto com James Dean.

vive apavorada com a guerra"



Dean era amigo de uma moça que se dava muito com Brando. Uma noite, ela foi convidada a tomar parte em um «cocktail» de homenagem ao ator e Dean acompanhou-a. Marcaram um encontro na drogaria da esquina. Dean foi para lá e esperou durante quase três horas seguidas: a moça o havia esquecido completamente. Finalmente, quando ele já se preparava para ir embora, ela apareceu exaustíssima. Brando havia conversado quase só com ela. «É maravilhoso!» — repetia ela — «e estava ainda mais belo hoje». Dean baixou a cabeça e explodiu: «Que azar que eu tenho. Mas, diga-me, que respondeu ele?» Marlon Brando havia respondido que não tinha interesse em conhecê-lo.

Não foi esta a primeira decepção de Dean em Nova York. A vida de Nova York é realmente dura para quem pretende fazer carreira em qualquer setor. Agora, os duzentos e cinquenta dólares se haviam acabado e as luzes do Times Square não o encantavam mais. Para pagar a pensão ele teve de trabalhar num café, e de manhã à noite lavava os pratos na cozinha. Quando Jane Deacy não estava em Nova York, ele passava a pão e cerveja. A angustiada sensação de solidão fazia-o recordar os tempos sombrios de Los Angeles. Para amenizar essas recordações e sofrimentos passava horas intermináveis no cinema da Rua 42, onde, pelo preço de quinze centavos, tinha-se um programa duplo. Nessa época, o seu inevitável descontentamento tornava-o um homem antipático.

ARLENE LORCA AJUDAVA DEAN A NÃO TER MEDO

Ao deixar o seu emprego do café, Dean não teve alternativa senão trabalhar como cobrador de ônibus. Escrevia a De Weerd: «No ambiente em que vivo, dificilmente posso fazer amigos. As pessoas são más, brigam por ninharias, enfim, se detestam». Frequentava inutilmente o ambiente teatral e vãs eram as tentativas de Jane Deacy para arranjar-lhe um emprego na TV. Tudo o que se conseguiu para o discípulo de Strassberg foi uma transmissão publicitária na qual Jimmy se limitava a receber uma bandeja de tortas.

Certo dia Jimmy escreveu a Marcus e Hortensia: «Querem saber quais os progressos que tenho feito em Nova York? Pois bem: sinto-me feliz em poder comunicar-lhes que depois de muito esforço consegui me tornar membro do «Actor's Studio». A escola é excelente e completamente livre. Por enquanto, sou o mais jovem de todos. E creio que, neste ponto, vou às mil maravilhas. Tudo isto é muito bonito, mas acontece que um ator, antes de qualquer coisa, precisa viver. E a minha manutenção aqui tem sido muito problemática. Tomei lições de dança e de esgrima, mas agora fui forçado a suspendê-las por falta de dinheiro. Ficarei muito grato se puderem me mandar dez dólares. Estou necessitado, este é o termo».

Como se a miséria não lhe bastasse, um outro problema afligia Dean em Nova York. Arlene Lorca era uma jovem atriz de cor morena e cabelos castanhos, dois anos mais velha do que ele. Jimmy conheceu-a no Museu de Arte Moderna. Começaram a conversar sobre um quadro de Picasso e logo depois falaram de música. «Você gosta de música de Bela Bartok?» — perguntou ele. «Eu a adoro». Jimmy mudou bruscamente de assunto: «Gosta também da cozinha italiana?». E teve imediata resposta. «É a melhor». Levou-a ao Capri, um restaurante italiano da Rua 52, e ali tiveram início as suas relações. Para Arlene foi uma grande história de amor. Para Jimmy, não passou de uma esperança.

Desde então passaram a andar sempre juntos. Encontravam-se todos os dias e, às vezes, ficavam conversando pela noite a dentro sobre música, pintura e literatura. Jimmy tinha seus escritores favoritos: Gênet e Malaparte. Os cantores que mais admirava eram Renata Tebaldi e Frank Sinatra. E andava grandes distâncias para ouvir a «Rapsódia Hebraica» de Bloch e a «Pequena Serenata» de Mozart.

LIA HEMINGWAY E DIZIA FREQUENTEMENTE QUE É FÁCIL MORRER

Jimmy adorava a vida com uma espécie de angústia — conta Arlene Lorca. — Nunca falava sobre sua mãe, nem de seu pai. Eu tinha a impressão de que ele agia assim por causa de um complexo de culpa que o perseguia. Odiava-se a si mesmo. Nada fazia para mostrar o lado melhor do seu caráter, se bem que, às vezes, soubesse ser terno e gentil. Até certo ponto, Jimmy era intratável. Por isso, logo compreendi que somente poderia suportá-lo se o amasse realmente. Um dia, caminhando ao longo da Avenida 57, encontramos outro jovem artista. James havia conseguido uma participação num programa da TV ao lado de Diana Lynn. Os

rapazes se congratularam com ele pela vitória. Jimmy meteu as mãos nos bolsos e resmungou qualquer coisa. Quando o reprevi pelo seu ato de tamanha descortesia, ele respondeu-me que estava nervoso porque havia trabalhado demais. Em verdade, não conheci nunca ninguém que se parecesse com ele. Uma das coisas que Jimmy mais detestava era de ter de ficar fechado por muito tempo dentro de um quarto. Em poucos minutos começava a bater com os punhos na parede, vestia o paletó e saía precipitadamente para a rua».

Jimmy não era namorado de Arlene. Gostava dela pelo fato de haver conhecido uma nova espécie de amor. Ele não podia estar sem uma mulher ao seu lado. Todas as vezes que um dos seus romances amorosos terminava, Jimmy tornava-se ainda mais intratável. Por outro lado, considerava a vida como uma coisa urgente e explicava que a «mocidade de hoje não tem tempo a perder porque amanhã vem uma guerra e todos serão mandados para morrer». O grande ideal da sua vida era comprar um automóvel branco e um relógio de ouro. Certo dia meteu na cabeça que devia ser pára-quedista e levou Arlene a Coney Island, onde havia uma alta torre de treinamento, da qual se caía amarrado numa corda. Depois manifestou o desejo de ser toureiro. Seu quarto vivia cheio de anúncios de corridas de cavalos, lia frequentemente Hemingway e certa vez comprou um bellissimo livro, onde havia tudo sobre touros. Mas não conseguiu ler o livro porque era escrito em espanhol. Posteriormente descobriu sua vocação para a filosofia.

QUANDO CONHECEU DIZZY SHERIDAN ESTAVA MUITO MUDADO

Arlene havia cursado a universidade. E aconselhou a que Jimmy lesse a «República de Platão». Ele comprou o livro e começou a lê-lo em alta voz. Dias depois saiu com Arlene para beber uma cerveja num bar da vizinhança. Lá encontraram um jornalista da revista «Life», ao qual Jimmy estimava muito por ser bastante inteligente e culto. Após cinco minutos de conversa, começaram a falar sobre Platão, e dentro de dez minutos Jimmy discutia filosofia como se estivesse prestes a defender uma tese. «E falava com tanta segurança — conta Arlene — que o jornalista não suspeitou que ele fosse absolutamente ignorante em filosofia. Realmente, Jimmy era um embrulhão de primeira. Quando encontrava um menos ignorante do que ele, empregava mil subterfúgios e acabava vencendo a discussão. E foram as discussões que lhe forneceram o material com o qual se fazia passar por um rapaz culto». Jimmy sabia que Arlene tinha conhecimento da sua fraqueza intelectual. E não raro falava com ela dessa maneira: «Seja boazinha e acabarei casando contigo». Mas logo conheceu Dizzy Sheridan e isto significou o fim de suas relações com Arlene.

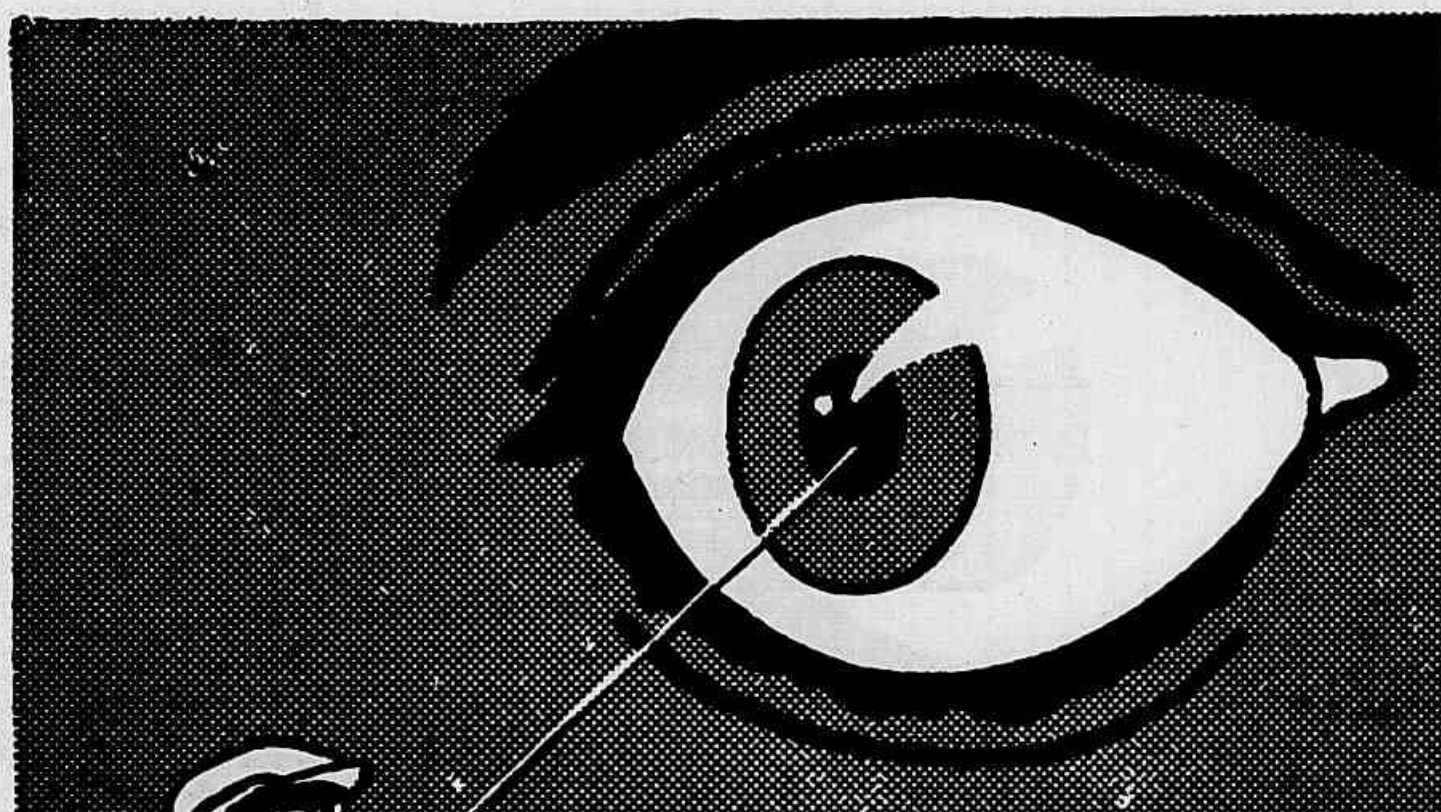
O ENCONTRO COM ELIA KAZAN

A melhor coisa que aconteceu a Dean durante muitos anos foi o encontro com Elia Kazan. O descobridor de Marlon Brando tem a pretensão de saber distinguir um ator de uma pessoa normal a 200 metros de distância. E com James Dean seu olho funcionou perfeitamente. Em uma semana depois de conhecer James Dean, Elia Kazan convidava-o para estrear «Vidas Amargas», fazendo o difícil papel de Karl. Quando o viu, senti logo que ele era Karl, diria depois Kazan, quando o filme já era um sucesso. Mas antes as coisas não foram tão fáceis assim. Pois os produtores do filme e a própria companhia que tinha Kazan sob contrato não quiseram aceitar a indicação de James Dean para um papel que pedia um ator com pelo menos 10 anos de prática. «O filme é caríssimo», justificavam eles, «e não podemos nos arriscar a uma experiência. Acreditamos plenamente em você», disseram a Kazan, «mas são milhões de dólares que estão invertidos neste filme, e em negócio o sexto sentido nunca intervém». Mas Kazan era teimoso, bateu o pé, lutou ferozmente, e James Dean foi mantido como Karl, o grande personagem de «Vidas Amargas».

Já no meio da filmagem, produtores, cenaristas, diretores e o próprio Kazan estavam tranquilos e sorridentes. Pois tudo em James Dean denunciava o ator nato, o homem que nascera para o trabalho maravilhoso da interpretação artística.

Foi extraordinário o sucesso de «Vidas Amargas». Sucesso de crítica, sucesso artístico, e principalmente a espécie de sucesso que fala diretamente ao coração de Hollywood: o sucesso de bilheteria.

(Continua na página 28)

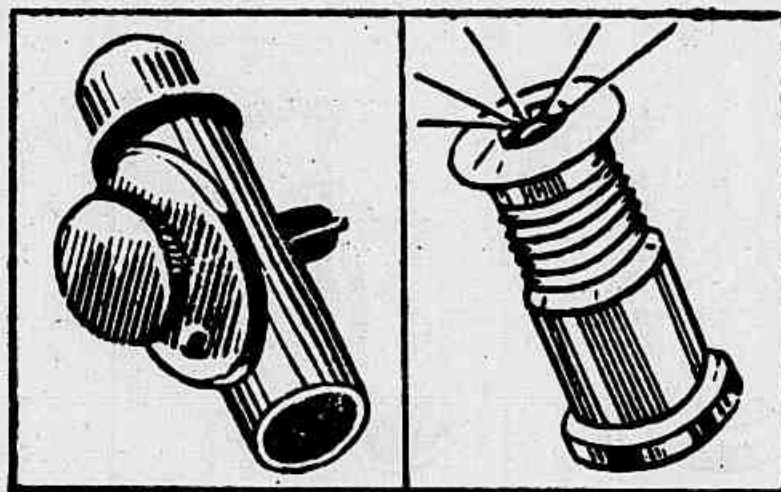


SEGURANÇA TOTAL
com o fêcho invisível de segurança
e o visor

Gordon

Fabricação própria de
tôda classe de ferragens
para construção. Especialidade em visores
óticos para portas e fechos invisíveis
de segurança de todos
os tamanhos.

Vendas nas boas
casas do ramo.



Sino

INDÚSTRIAS GORDON LTDA.
Rua Mario Carpenter, 852 - Tel. 49-8207

O MAIOR RIVAL DE...

(Continua da pág. 27)

Depois do primeiro filme Dean já não podia ir a lugar nenhum. Todos queriam falar com ele. Todos queriam conhecer o jovem de 21 anos que se tornara com um filme só maior (talvez) do que Marlon Brando.

OS OUTROS FILMES

O segundo filme da carreira fulminante desse ator predestinado,

foi «Juventude Transviada», dirigido por Anthony Mann. Repetiu a atuação do primeiro filme, apresentando um trabalho excepcional.

Veio depois «Giant» dirigido por George Stevens. Milhões de dólares foram gastos nessa produção. Mas então James Dean era uma atração de bilheteria e qualquer dinheiro invertido era recuperado com lucros altíssimos.

A NOTÍCIA DA MORTE

No dia 30 de setembro de 1955 à tarde correu a notícia em Hollywood: James Dean estava morto. Foi uma bomba. Elia Kazan não acreditou. Mas quando recebeu a confirmação jogou-se num canto e chorou copiosamente. Durante dias ninguém lhe arrancou uma só palavra.

Os detalhes do acidente vieram depois. James Dean pagara com a vida a sua paixão pelo automobilismo. «Sinto estranha sensação quando dirijo a grande velocidade», costumava dizer aos seus íntimos. «Parece que uma coisa salta de mim com a velocidade, e sinto uma extraordinária e benfazeja calma. As corridas de automóveis que para os outros parecem loucuras, para mim são indispensáveis».

A SURPRESA DO CULTO AO ATOR MORTO

Muito ainda se vai escrever sobre James Dean. As revistas de todo o mundo começam a tratar do assunto com sinceridade. As peregrinações vão aumentando e agora, verdadeiras multidões se dirigem para o lugar onde repousa James Dean. Mas há um aspecto que salta logo aos olhos: é a inevitável comparação que se faz entre James Dean e Marlon Brando.

E os dois grandes atores, que em vida não puderam se encontrar por causa da vaidade natural nos gênios, se encontram agora depois que um deles é morto. E nenhum dos dois poderá fazer qualquer coisa para escapar a esse encontro fatal. Muito ainda se vai falar sobre James Dean. Mas quando se falar em James Dean ninguém esquecerá Marlon Brando. E quando se falar em Marlon Brando, James Dean será mais que um cadáver. Será um rival implacável, mais vivo do que nunca.

LEIAM

**ESPORTE
ILUSTRADO**

**TUDO
SÔBRE
ESPORTE**

**AS
QUARTAS-FEIRAS
EM TODAS AS
BANCAS**

5 CRUZEIROS

A RAINHA DO RÁDIO por todos aplaudida ...
E O REI DOS SABONETES, por todos preferido

AUDIÇÕES
CINTA
AZUL

RIO:
MAYRINK VEIGA

S. PAULO:
EXCELSIOR
NACIONAL
CULTURA



CARLOS PEREIRA INDUSTRIAS QUÍMICAS S. A.



LOLOBRIGIDA CORRE MUNDO AJUDANDO AS VÍTIMAS DA HUNGRIA



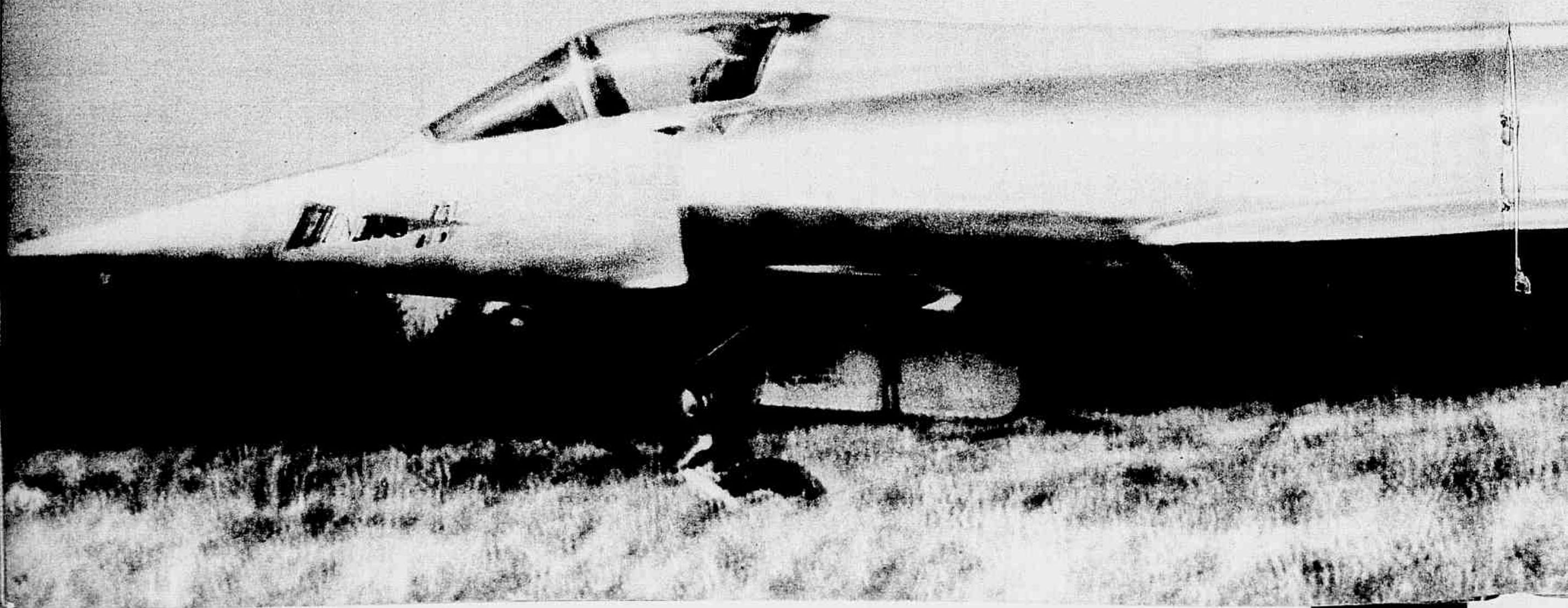
JÁ VISITOU A
INGLATERRA E A
FRANÇA — DENTRO
EM POUCO IRÁ A
ESPANHA E
PORTUGAL E DEPOIS
ENTÃO ATRAVES-
SARÁ O ATLÂNTICO
PARA SE EXIBIR
AOS SEUS ANSIOSOS
ADMIRADORES DA
AMÉRICA DO SUL

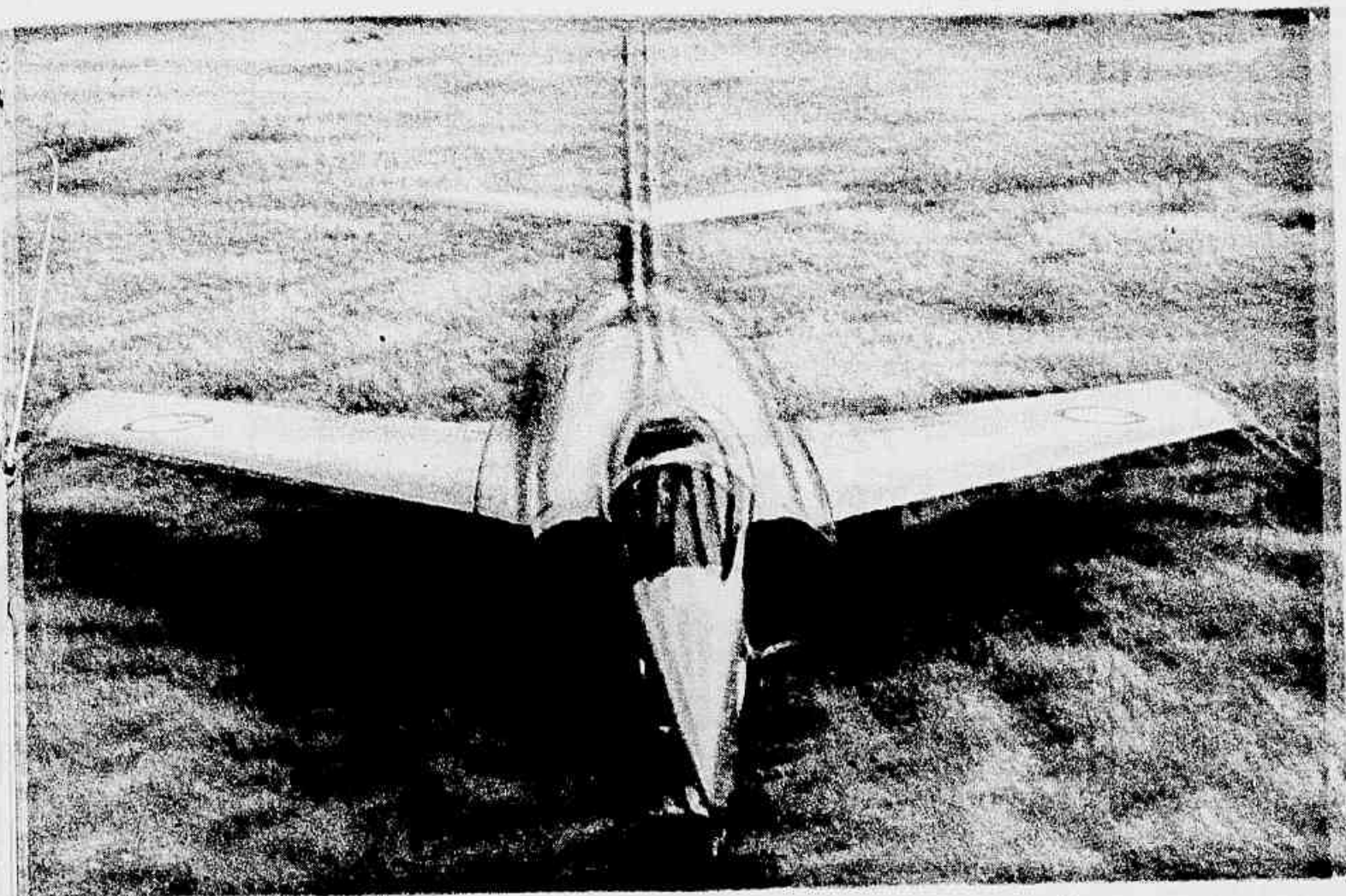
♦ A crueldade soviética na Hungria, massacrando milhares de patriotas que cometeram o crime inominável de desejar a liberdade, comoveu e revoltou o mundo todo. Começaram então os movimentos de solidariedade em todo o mundo visando angariar fundos para auxiliar o bravo povo húngaro. Na Itália logo a bela Lolobrigida se associa ao movi-

mento e dentro em pouco partia para uma viagem em torno do mundo, de auxílio às vítimas da ânsia imperialista da Rússia. Além de várias cidade da Itália, a bela Lolobrigida já visitou a Inglaterra, a França e se prepara agora para ir à Espanha e Portugal. E depois então percorrerá a América do Sul e, finalmente, os Estados Unidos.

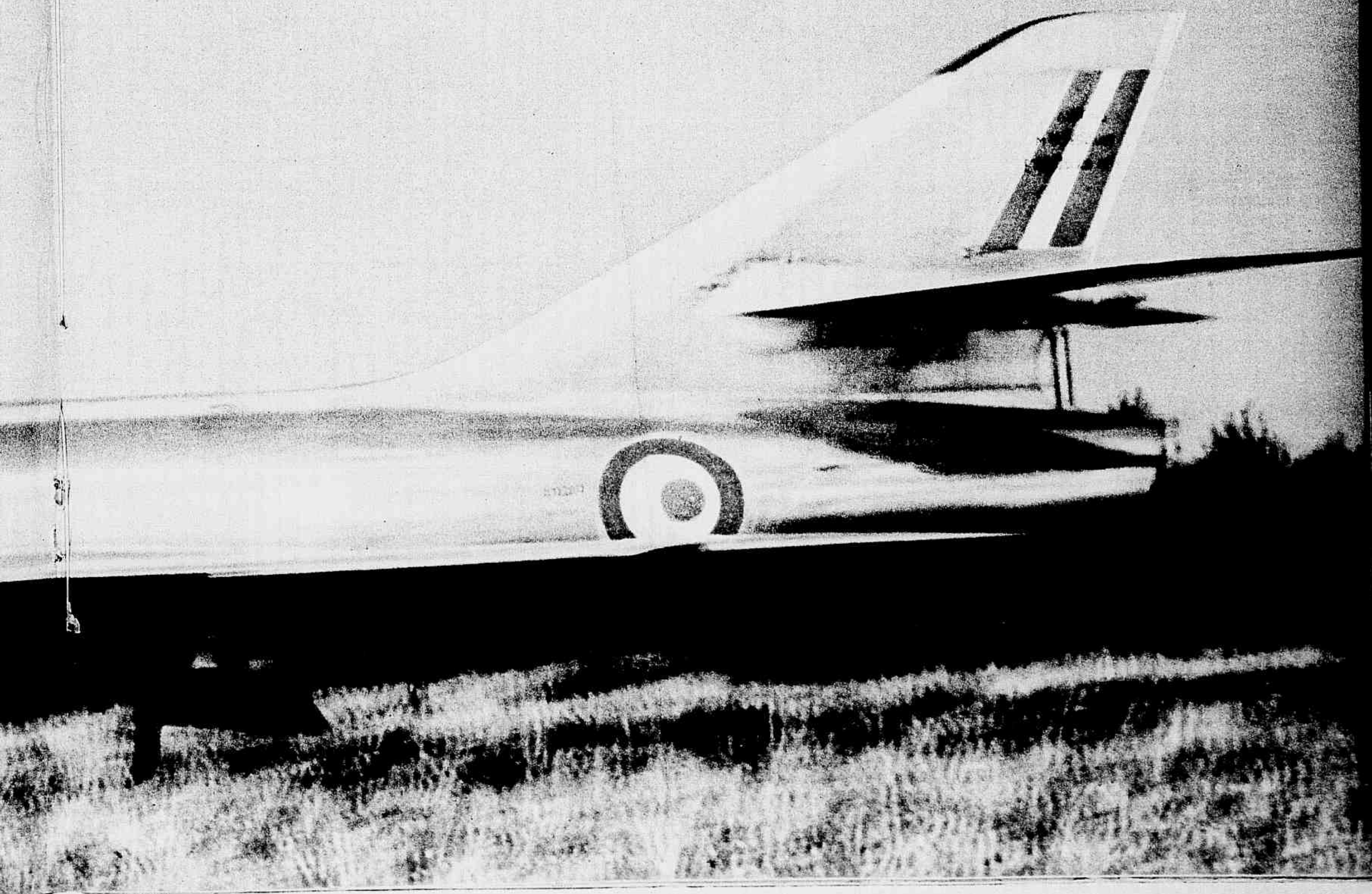


*ÊSTE É O AVIÃO
MAIS VELOZ
DO MUNDO*





◆ Pela primeira vez foi fotografado este avião (o Etendard IV) considerado o mais veloz do mundo (de sua categoria) e construído nas oficinas aeronáuticas de Marcel Dassault. O Etendard IV que dentro da terminologia estranha dos aviões saídos da oficina Dassault, tinha o nome de Mistério 24, é ultra rápido e tem uma linha acentuadamente aerodinâmica. Na foto à esquerda vemos o piloto do Etendard se preparando para lançar aos céus a nova flexa volante. Na outra foto à esquerda o Etendard aparece descansando, dando uma idéia do seu chassi revolucionário. E na foto abaixo o ex-Mistério 24 aparece em toda a sua beleza.





TEM CURSO DE DIREÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS — ANDOU TRABALHANDO NA TV-RIO MAS NÃO CHEGOU A SER «DESCOBERTA» — ERA A ATRIZ QUE VANEAU PRECISAVA PARA O PAPEL DE «FLOR DE LÓTUS» — SUCESSO FULMINANTE EM «A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGÓSTO».

Reportagem de FERNANDO PAULO



MARIA HELENA, “A FLOR DE LÓTUS” AOS 5 ANOS JÁ PENSAVA EM TEATRO

★ Foi Sarah Bernhardt, que certa vez chegando atrasada a um teatro, respondeu a uma pessoa que lhe perguntava se o espetáculo já começara: «Ainda não, os artistas estão falando normalmente». Essa apreciação da famosa atriz, serve maravilhosamente para Maria Helena Dias, que aos 6 anos falava «tão complicado» que todos os íntimos diziam que acabaria no teatro. Era brincadeira, evidentemente. Mas a brincadeira, menos de 20 anos depois se transformaria numa esplêndida realidade.

—o—

Maria Helena Dias há uns dois anos atrás andava pela TV-Rio. Era então assistente do Diretor Artístico e todos perguntavam porque os cargos não estavam trocados. Ela era realmente muito mais competente que o diretor, embora no caso isso não representasse nada de excepcional.

O que enganava um povo e retardava o reconhecimento da sua capacidade, era sua beleza. Muito bonita, chamando sempre a atenção sobre sua pessoa, todos viam naquela adolescente, não uma atriz de mérito e uma excelente diretora, mas apenas uma jovem bonita possivelmente à espera de um conquistador mais audacioso.

—o—

Logo depois um autor e diretor de rádio teatro deixava a TV-RIO, e Maria Helena passava a diretora-ensaiadora. Resistências naturais de início, mas depois ela se impunha sozinha, fazendo de cada comandado um amigo mas sem transigir com a disciplina. Conversamos algumas vezes. Contou-me Maria Helena alguma coisa de sua vida. Compreendi então que poucos fizeram tanta força para se impor no terreno artístico como Maria Helena. Desde menina que aparecia em espetáculos de colégio, ora representando ora dirigindo.

Depois conseguindo uma bolsa de estudos, lá se foi para os EE.UU. onde aprendeu muita coisa durante dois anos.

—o—

Um dia, cansada possivelmente da monotonia do ambiente, Maria Helena sumiu da TV-Rio. Desapareceu completamente. Uns diziam que estava em S. Paulo, outros mais afoitos falavam que ia se casar, etc. Mas a verdade é que sumiu mesmo. E só reapareceu daí a alguns meses, já com o nome em letras grandes nos teatros onde trabalhava. Sua estréia (que foi ao mesmo tempo a consagração) se deu em São Paulo, com «Casa de Chá do Luar de Agosto». O TBC estava precisando urgentemente de quem fizesse o papel da delicada «Flor de Lótus». Ninguém aparecia com as características para o papel, e Maurice Vaneau já desesperava. Apareceu então Maria Helena Dias. Quando o diretor belga viu-a (e ouviu-a) não hesitou, e mandou-a imediatamente estudar o papel.

—o—

Encontrava enfim Maria Helena a sua grande oportunidade. Que ela não deixou escapar a chance, fala melhor o fulminante sucesso que alcançou em São Paulo durante muito tempo e depois no Rio em mais de 5 meses de representação.

Foi uma «Flor de Lótus» realmente convincente. Num papel difícil, mo que requeria inclusive uma complicadíssima caracterização, Maria Helena se portou como uma veterana, sem se deixar trair pela emoção ou pelo nervosismo.

—o—

A «Flor de Lótus» da «Casa de Chá» tem grandes planos artísticos para o futuro. Planos ambiciosos, mas perfeitamente realizáveis. Por enquanto continuará no TBC, desempenhando os papéis que lhe distribuírem. Mas ficará à espreita de uma oportunidade, para realizar o seu grande sonho: ser diretora de teatro.

ASTROS E ESTRÊLAS DO RÁDIO

CRÔNICA

Caixa Postal



LINDA BATISTA ESTA COM A «BOMBA!» — De Buenos Aires recebemos esta carta de Linda Batista: Meu caro Lôbo: Aqui estou cercando os portenhos pelos quatro lados: TV, Teatro, Rádio e «Boite». E você o que anda fazendo? Tudo legal, não é? Meu prefixo em toda parte é o «Nega Maluca». Procure ouvir meus programas na Belgrano aos domingos e 4as. feiras às 20:30. Cantei «Pode Dizer» com montagem igual à daí. Vou gravar muitas coisas aqui. Parece mentira, mas a RCA Victor não mandou um disco para cá, é o cúmulo. Em janeiro irei a Montevideu e depois Rio! Abraços na turma e feliz natal para você: Linda Batista.

TODA CORRESPONDENCIA deverá ser endereçada à redação desta revista, para esta página «ASTROS E ESTRÊLAS DO RÁDIO» — Fernando Lôbo. Os leitores que quiserem fotografias, notícias ou informações de seus preferidos no rádio basta escrever e tudo receberão pela volta do correio. A «Revista da Semana» fica na Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

O despertar de um anunciante

◆ Quando João Teles acordou, sabia bem que um sol grande de novo caminho estava à sua espera. Foram longos os anos de vida segura, de horários certos, de caminhar constante, de juntar e juntar para o seu sete de setembro definitivo. Entrara ainda menino para aquela casa de negócios, e — muito embora o seu patrão fôsse um anjo — ficar ali era marcar passo. Acordara depois de um sono mal dormido, de sonhos com repetição dos mesmos quadros. Já preparara tudo, já tinha todas as armas, iria caminhar sozinho. Quando o patrão de João Teles escutou a sua narrativa de demissionário alegre, arregalou os olhos e imaginou louco o homem à sua frente, o menino de ontem que entrara como «boy» na sua casa comercial. João Teles foi embora e quando descansou da sua nova luta já se podia ler seu nome na fachada de um prédio, lá em Olaria, um anúncio bem vermelho do que continha dentro das quatro paredes para vender. Veio a guerra; o produto que tinha em casa escasseava na praça. Estoque grande — essas coisas da guerra que todos sabem — João Teles ficou milionário. Ampliou o que tinha. Deixou o subúrbio. Veio para o centro e abriu portas mais largas e encheu ainda mais de coisas para vender. Um dia porém nasceu o seu primeiro concorrente. E' o primeiro cabelo branco de João Teles. Veio o segundo, o terceiro, um punhado deles. Foi quando ele compreendeu que era preciso «anunciar». Homem acostumado

a fazer tudo — ele armava o galinheiro — sabia envernizar mesas, cadeiras e pintar paredes — achou que deveria traçar o plano de lançamento de sua publicidade. Andou pelas grandes estações e ficou estarecido com os preços e com a dificuldade para os horários régios. Perambulou de prefixo em prefixo até ir lançar um programa «sua idéia» numa emissora raquítica de quilowatts e, mais ainda, alguma publicidade nos jornais em uma coluna por seis, redigido também por ele. Foi só um começar a perder dinheiro. Os seus concorrentes diante das «cócegas» publicitárias que ele começava a fazer seguiram o caminho certo: procuraram as agências de publicidade e a elas entregaram com fé os seus anúncios que uma vez soltos, imediatamente se transformaram em aumento de venda. João Teles parou ali, ali ficou e dali não caminhará. Pensa que já fez muito, pois começou como «boy», mas sem teimosia teria marchado ainda mais ou não teria parado. Este João Teles é o símbolo daquela antiga gravura que estava em todas as paredes das casas comerciais de outros tempos: de um lado um homem magro, doente e arruinado tendo como legenda: «eu vendi fiado»; no outro, um gorducho próspero de cigarro ao bico e justificando a frase: «eu vendi a dinheiro». A velha gravura nos dias presentes se presta para o que anuncia mal e para o que sabe anunciar «absolutamente certo».

Quatro instantâ



Orlando Silva entre duas estrelas maduras. Sim, a primeira é Rogéria que canta na Nacional em programas especiais e a segunda é a novata Silvinha Chiozzo — irmã da estrela Adelaide Chiozzo. Orlando está em forma e tem algumas esperanças para o próximo Carnaval. As duas moças: duas moças bonitas.



Há três meses mais ou menos Marly Sorel foi à Europa representar o cinema brasileiro em vários festivais. Ai está ela quando cruzava a pista do Galeão acompanhada de Durval Cavalcanti, Joaquim Menezes e Edel Ney. Em Paris Marly fez sucesso cantando. Ao voltar não viu seu contrato renovado pela Nacional.

ARI FALA DE TELEVISÃO DE CAMAROTE

Desde que o jornalista, senador e futuro embaixador do Brasil em Londres, o dr. Assis Chateaubriand fez desembarcar nesta terra, as suas bagagens de televisão que um «zum-zum» novo nasceu dentro dos profissionais do rádio. A grande sede do dr. Assis — é acabar completamente a Rádio Nacional que, considera um mal às suas empresas do mesmo gênero. A volúpia de extirpar aquela emissora, faz parte dos planos de ontem e de hoje do nosso futuro embaixador e já «imortal». Mas a Nacional tem resistido, às vezes com fé e forças húngaras, às vezes medrosa recolhida, como agora, diante da «proibição» de Chateaubriand que a E-8 tivesse também a sua televisão. O homem não quer e quando ele não quer a história acaba aí. Da cortina das «associadas» de quando em vez escapa um. A mais recente perda da Tupi foi, sem dúvida Ari Barroso que depois de longos anos dado aquele prefixo, somou seus cabelos brancos e chegou à conclusão que tinha trabalhado inutilmente. Também a Tupi estava cansada dele. E ele seguiu para a Nacional. Isso ao que parece só chegou aos ouvidos do dr. Assis depois do caso consumado e há quem diga que o senador bronquiou, e muito. Mas falávamos de televisão. Os que estão dentro dela acham que o rádio é coisa do passado. Os que estão dentro do rádio não vêem ainda na televisão nada de bom e muito menos nada que possa ser uma ameaça ao alicerce radiofônico. Há televisão, mas ainda por fazer, é o que pensam os que têm cabeça.

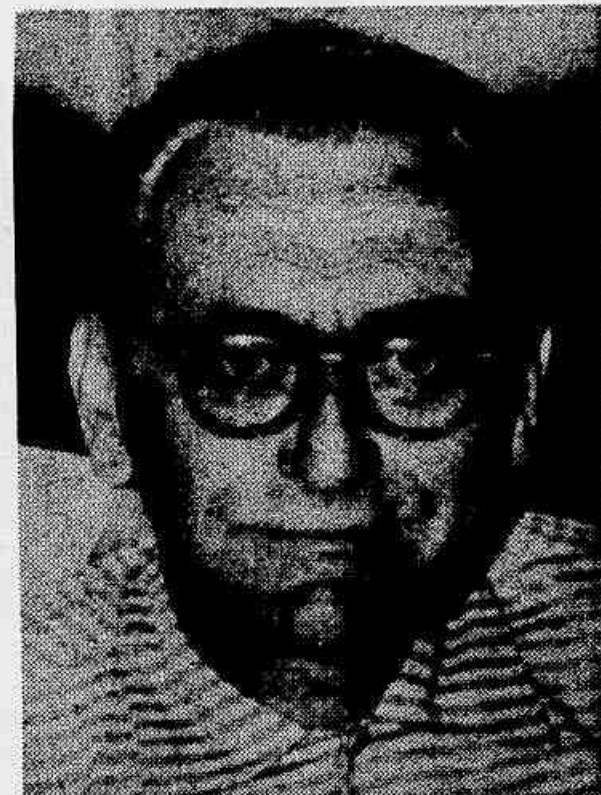
Ari Barroso por exemplo acha que televisão no Brasil, só existe quando nas irradiações de futebol, pois ali não há ensaios, nem cenários e os «artistas» sabem de cor os seus papéis. Mesmo assim, diz ele «muitas vezes deixamos de ver um gol por conta do cochilo de um «cameraman», como nos enfiávamos com a descrição dos locutores esportivos que repetem aquilo que já «vimos» e com segundos de atraso». Mas, queríamos saber o que pensa

ele sobre o «fim» do rádio com o advento da televisão. «O que a televisão tem feito de melhor até então tem sido com o pessoal do rádio. Onde comparece o primeiro time radiofônico o programa sai perfeito. Onde entra o improviso, o que há de mais sério vira programa humorístico» é o que confirma o nosso Ari. Ari continua: «uma das provas mais seguras de que a televisão não lêz nem sequer cócegas no prestígio do rádio está na baixa vendagem de aparelhos do novo invento. Ninguém até hoje trocou o seu rádio por uma televisão. Tem o rádio, ou os dois. Além disso — até então — nenhum programa de TV chegou a marcar pela sua força de produção como uma infinidade de programas radiofônicos (Balança Mas Não Cai — Um

Milhão de Melodias — Ave Maria — Pausa Para Meditação — um punhado de novelas, etc.). O único que botou o nariz foi «O Céu é o Limite» pela força de seus prêmios, pela força da «gaita» e nada mais. Um programa para elite. Público restrito, portanto».

Ari Barroso se mostra inteiramente tranqüilo quando nos conta essas coisas e numera fatos realmente interessantes. Vem então a oportunidade de indagarmos se seria vantagem mandar equipes de gente do rádio, ou mesmo sem ser dele, para um curso intenso de televisão nos Estados Unidos ou noutra parte qualquer:

«Não! Prá que? Nós nos acostumamos ao improviso. Ficou resolvendo que nós somos um povo que



EM MATÉRIA DE DISCOS

E vamos mais uma vez apontar os melhores discos da semana e que valem subir à prateleira de sua discoteca.

★ **NACIONAIS** — CAUBY PEIXOTO já entregou ao seu público o último L.P. (Columbia) «Você, a Música e Cauby» traz nas faces: «E' tão Sublime o Amor», «Sem Teu Amor», «Ser Triste Sôzinho», «Siga», «Molambo», «Lamento Noturno», «Conceição» e «Os Pobres de Paris». ELISETE CARDOSO (Copacabana) o samba «31 de Dezembro». O mesmo samba com Neusa Maria (Sinter). *** LUIS GONZAGA: «Bria Dengosa» e «Tesouro e Meio» (Victor). *** LUIS CLAUDIO «História de Um Amor» e «Sinceramente Teu» (Columbia). *** CARLOS NOBRE: «Se Dependere de Mim» e «O Mesmo Mar» — «Isto é Samba» e «Teto Antigo» (Todamérica).

★ **ESTRANGEIROS** — A RCA VICTOR nos dá: «Pagan Love Song» e «Raucous Maracas» com a orquestra de Richard Maltb. *** «Love Is a Gamble» e «One Finger Piano» com Freddy Martin e sua orquestra. *** «Are You From Dixie» e «Intermission At The Opry» com o pianista DELWOOD. *** A ODEON tem na rua: «Core'ngrato» e «Matinata», com Mario Del Monaco. *** «It's Only a Paper Moon» e «Blue Moon», com Fela Sowande. *** E com Mantovani: «Midnight Blues» e «Beautiful Dreamer».

★ **NOTAS** — A fábrica «Rádio» vai lançar um L.P. com Rosina Pagã. *** A «Copacabana» já gravou o L.P. «Música Dentro da Noite»: Elisete Cardoso, Neusa Maria e Heleninha Costa. *** Já foi gravado na «Rádio» o «Feito para Dançar» (6) com Waldir Calmon e seu conjunto. *** Já vai surgir na praça as músicas do filme (Sinatra) «O Homem do Braço de Ouro».

sabe tudo de orelhada, de oitiva, de «bossa». Quando se falou em energia atômica um cidadão no Ceará afirmou que já havia descoberto a coisa há muitos anos; quando se falou em penicilina um funcionário de um banco declarou que ele já havia descoberto também a droga desde 1925, mas que os papéis estavam andando nas repartições até hoje; um homem em Minas Gerais fez uma máquina de escrever música e por aí em diante. Nós sabemos tudo e nos zangamos quando nos querem ensinar. A televisão vai indo assim, de «bossa» de orelhada e de «oitiva» e por isso vai levar muitos anos para ser considerada como «coisa».

ARI CONVALESCENDO

Estas notas apressadas foram tomadas na «Casa de Saúde São José» onde se encontrava Ari Barroso. Ali se submetera a uma operação de estômago que a princípio se supunha muito grave. Ari está outra vez em plena forma e descansa no seu sítio em Araras onde diz não escutar rádio e onde a televisão não passa nem de perto. «Não é um sítio — diz ele — é o meu paraíso».

neos são notícias



Ela é aquela moça bonita (o retrato não diz bem) que estamos acostumados a suspirar quando aparece na TV-Tupi: Wilma Rocha. Ele é o conhecido Abelardo Barbosa (Chacrinha) que este ano vai concorrer ao título de «o melhor animador de 1956» visto de perto por Perlingeiro que é ligeiro e muito vivo.

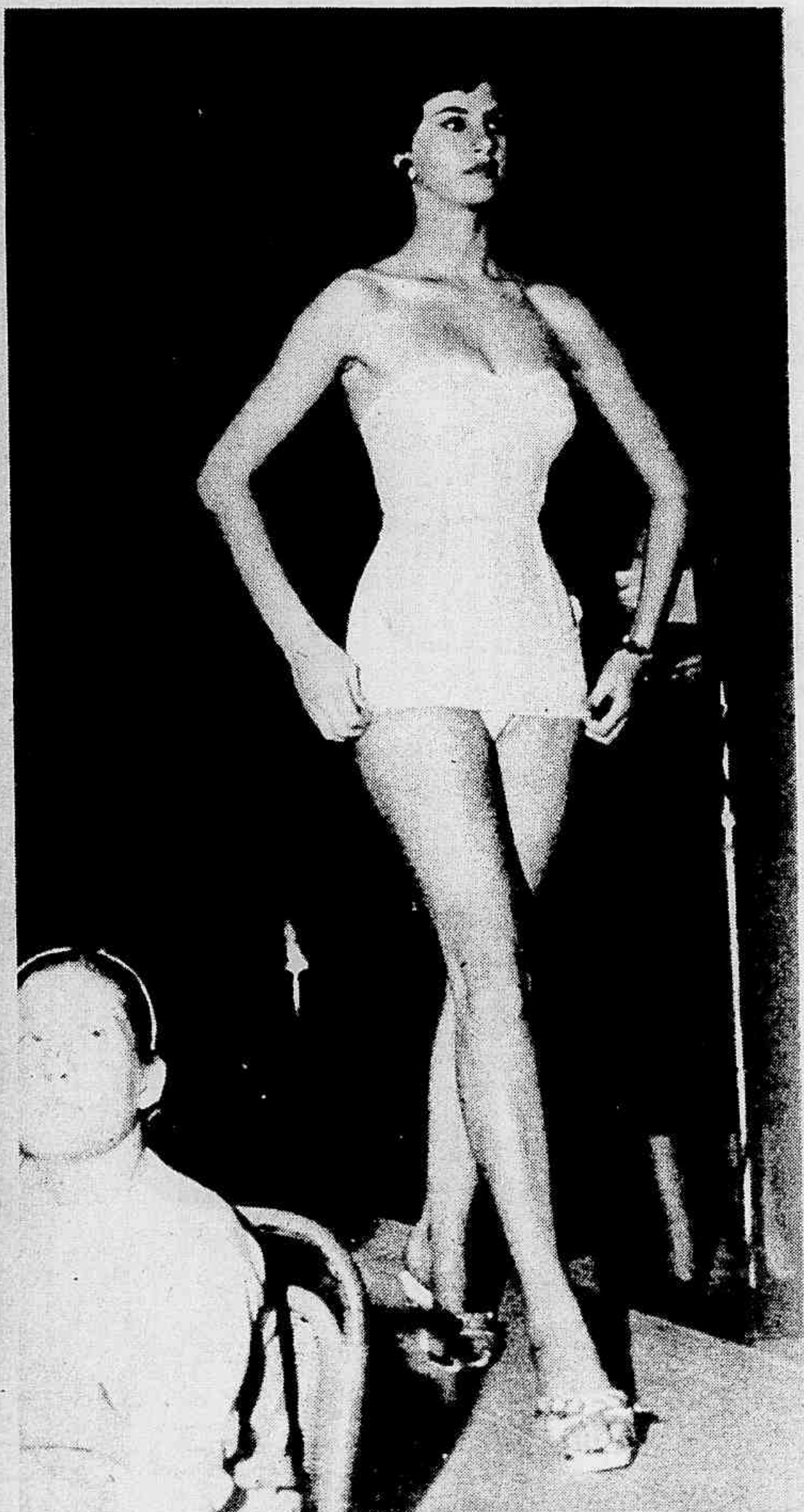


Emilinha Borba voa outra vez todas as semanas para São Paulo. O Carnaval vem aí e o barulho vai aumentar aqui e lá a pretexto de Moço. Na Record paulista a estrêla da Nacional canta uma vez por semana. Ela aqui está cercada pelos cartazes paulistas: Roberto Amaral, Elza Laranjeiras e Osvaldo Rodrigues.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

O MAIS BELO (CÃO) DO MUNDO

◆ Num recente concurso realizado na Alemanha, este bonito cão ganhou o título de «o mais belo do mundo de sua raça» e um nome ilustre: Bessy von der Suederburger. Pertence ao sexo feminino, tem 5 anos, e durante um ano pode usar ao pescoço uma coleira de ouro com seu nome (ilustre) e o título conquistado. A senhora que o acompanha é sua proprietária, de modestíssima condição econômica que tem às vészes que fazer sacrifícios para alimentar razoavelmente o seu belo e premiado cão.



«MISS MODELO DE AMANHÃ»

◆ Como a mania no mundo todo, é eleger a «miss» disto ou daquilo, na Itália foi organizado um concurso para eleger a «Miss Modelo de Amanhã». A vencedora (foto): Rosanna de Março, 16 anos, belíssima, e que nestes últimos 4 meses participou de 12 desfiles de elegância. Tem 1,75 de altura e pesa 57 quilos, não tem namorado, mas o seu telefone não pára. E depois de vencer o concurso recebia em alguns dias uma média de 200 telefonemas. Como todas quer ser estréla do cinema.



◆ São os próprios jornais ingleses que dizem que a princesa Margaret ainda não se conforma definitivamente com a perda de Townsend. E para se distrair, esquecer esse amor considerado impossível ela tem feito tudo. Passeios, viagens a terras distantes, compras, chás de caridades, jogos



A SATISFAÇÃO DE MARILYN E SIR LAURENCE

◆ Terminada a filmagem de «O Príncipe Adormecido», Marilyn e Sir Laurence exibem sua satisfação. Tudo em paz, esperam agora o que vão dizer os técnicos e o público do trabalho de vários meses. Os jornais continuam insistentemente a chamar Sir Laurence de «imprudente» por ter chamado Marilyn para fazer um papel que poderia ser feito muito melhor por uma atriz inglesa. Com absoluta calma e bom humor, Sir Oliver dá uma resposta a essas críticas e surpreende a própria atriz: «Marilyn era exatamente o tipo que eu precisava. Uma rapariga bonita e com um toque de ingenuidade. As críticas continuam.

NÃO CONSEGUIU BATER O RECORDE DO PAI

● O filho do prof. Piccard (Jaques, 30 anos) tentou bater o recorde do pai, mas não conseguiu. Fêz 3 tentativas, e a maior profundidade que atingiu foi de 2 mil metros. Seu pai há pouco tempo, desceu a 3 mil e 700 metros de profundidade. E a 4 ou 5 anos atrás já alcançara 3 mil metros. Como se vê, ainda falta alguma coisa para que se possa excluir «tal pai, tal filho»...



MARGARET E 6 CHAPÉUS

esportivos, etc. Em todos esses lugares «a princesa triste» (como é chamada agora) exibe um ar melancólico e longínquo que confirma os rumores que «dizem que Townsend ainda não é coisa do passado». Na

sua última viagem a Tanganika, Margaret usou no mesmo dia 6 chapéus diferentes (fotos), surpreendendo todo mundo. Note-se que em 5 das fotos, Margaret está com colar de 2 voltas. Só numa exibe um de 5 voltas.

FUNCIONÁRIO MUNICIPAL

GARANTA A EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS

FAÇA UM SEGURO PECÚLIO FACULTATIVO. INSTITUINDO.
COM ELE, UMA

PENSÃO ESPECIAL

COM UMA CONTRIBUIÇÃO PEQUENA VOCE PODERÁ
DEIXAR, AINDA.

UM LEGADO APRECIÁVEL

MONTEPIO DOS EMPREGADOS MUNICIPAIS

AV. PRES. VARGAS, 1248



ENCONTRO DE CHEFES DE ESTADO

◆ O Presidente do maior país do mundo (Eisenhower) recebeu na Casa Branca, a soberana do menor país do mundo (Grace Kelly). Es-tiveram conversando muito tempo e Eisenhower se confessou ardente admirador de S. Alteza Serenissima Grace; quando ainda Grace Kelly. O Presidente perguntou pelo herdeiro que vai chegando, e quis saber se eram mesmo gêmeos. Embora sejam dois chefes de Estado, Eisenhower e Grace não conversaram sobre política. Ranier III esteve presente mas não foi fotografado. Não é bem visto pelos fotógrafos



«MISS MUNDO 1956»

◆ Esta jovem que passeia tranqüilamente pelas ruas de Londres, é Petra Schurman, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo em 1956 e ganhadora do título mundial da beleza deste ano. Depois de ser coroada rainha, Petra declarou aos repórteres: «Todas as concorrentes ao título eram muito bonitas. Mas nenhuma delas ganharia de minha irmã mais nova que é realmente a mulher mais fascinante do mundo». Acrescente-se que a bela (e desconhecida) irmã de Petra não participou desse concurso e de nenhum outro.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACEÚTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua Bela, 186 a 194 (Próximo ao Campo de S. Cristóvão)

Telefones: 54-1937 e 54-3921 — RIO DE JANEIRO

★ AUTOMOVEIS — *MLL* — ACESSORIOS ★

Si V. tem automóvel
é freguês da MLL



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066



— A ACADEMIA PARA MIM TALVEZ SEJA UMA CAPITULAÇÃO

O DOM DA LITERATURA — «AINDA NÃO TERMINEI MINHA OBRA» — HARDY, UMA INFLUENCIA — HUMBERTO DE CAMPOS, AFRÂNIO PEIXOTO, GUIMARÃES ROSA — «MINHA ENTRADA PARA A ACADEMIA» — RETRATO FERROZ DE ATAÚLFO DE PAIVA — «SER ARTISTA É SACRIFICAR A VIDA» — RECALDO A CARLOS LACERDA — O QUE EU DIRIA AO GENERAL LOTT — JANGO GOULART E JÂNIO QUADROS — «SOU VISCERALMENTE ANTI-COMUNISTA».

Reportagem de LÚCIO CARDOSO

Foto de ALBERTO FERREIRA

● José Lins do Rêgo, com cinquenta e seis anos de idade, atinge neste momento aquilo que no Brasil se chama de glória literária. Dia 15, coroando o esforço continuado de 13 romances e outros livros de vários gêneros, foi empossado na Academia Brasileira de Letras. No processo da renovação a que vem se submetendo a casa de Machado de Assis, não é este o primeiro escritor moderno que é chamado para seus quadros — mas é um dos mais significativos, dos mais representativos da literatura brasileira, o que equivale a dizer que não é bem a Academia que acontece para o autor de «Menino de Engenho», e sim este para a Academia.

Sua obra, de intensa e duradoura repercussão em todos os meios nacionais, vai começando a penetrar o mundo estrangeiro, exibindo o seu retrato tantas vezes patético, tantas vezes grandioso e solene, de um país que fora do continente ainda é uma suposição geográfica.

Ouvir José Lins do Rêgo não é tarefa fácil, mesmo porque como todo autor abundante, vem ele ao longo dos anos dizendo tudo o que pensa e o que sente, numa franqueza que é sem dúvida alguma uma das marcas essenciais do seu talento.

Afrontando essas dificuldades, fomos encontrá-lo em sua residência, submetido a completo repouso, devido a conselho médico. Motivo: uma renitente hepatite. Ele não se furtou às nossas perguntas, ao contrário, ofereceu-se a elas de corpo inteiro, com a coragem e a sinceridade que lhe são habituais.

De início, e para colocá-lo no clima da conversa que se processaria, pedimos que definisse sua posição diante da própria literatura. Neste instante exato da sua vida, como julgava ele o que tinha feito? Respondeu-nos:

— A literatura sempre foi minha condição de existir. Uma espécie de dom, já que não possuía outros para o sucesso. Confesso que sempre pensei na literatura como o único meio para me comunicar e me exprimir.

Insistimos para que dissesse o que ele próprio pensava da obra realizada.

— Cheguei ao décimo terceiro volume de ficção, certo de que não cometi nenhuma traição ao meu destino, afirmou. — Escrevi o que imaginava escrever. Posso dizer que não me sinto nem aquém e nem além do que esperava.

— Sente então que sua obra está terminada? — indagamos.

— Não, respondeu-nos ele. Ainda tenho alguma coisa a dizer. A idade não me atrapalhará, pois ainda espero, apesar dos meus cinquenta e seis anos, fazer mais do que fiz. Acho que o bom romance é uma obra de acumulo de experiências, e raro são os romancistas adolescentes.

Enquanto anoto suas palavras, contemplo furtivamente aquela face trabalhada pelo tempo — e imagino que é bem visível na vivacidade de seus olhos mfores, a confirmação de tudo o que diz: ainda irá longe, e certamente produzirá muito. Indago se está satisfeito com o resultado — digamos, prático — alcançado pelo seu trabalho.

— Não posso me queixar — não me queixo em absoluto. Nunca houve má vontade em relação à minha obra. Bem ou mal, sempre fui um autor bem tratado pelo que há de mais importante no país. Não, não sou homem de queixas.

Indago das origens tão controversas de sua obra. E ele se torna explícito:

— Meus livros me chegaram sem que eu estivesse imaginando realizar um marco em qualquer sentido. Mesmo porque, o que poderia chamar de minhas raízes, é fora do país que encontro. Um homem que muito me influenciou, por exemplo, foi Thomas Hardy. Isto já foi dito, mas é bom repetir, para que não se confunda a natureza desta influência. O que em Hardy sempre me impressio-

nou foi seu amor pelo cantão, pela região onde teve origem. Sendo um homem de pessimismo universal, foi na literatura o mais regional dos ingleses. Era o artista da velha igreja arruinada, do cemitério abandonado, do seu país morto.

Insistimos para que revele uma possível influência sua em território nacional. — Poderia apontar Raul Pompéia, declara. Mas Pompéia apenas na sua formação psicológica. A contextura nervosa de «Doidinho», tem suas afinidades com «O Ateneu».

Citamos «O Cabeloira», de Franklin Távora, de que em certa época ele quis tirar uma peça de teatro.

— Não, não, diz com energia. «O Cabeloira» para mim sempre foi apenas um conto de infância. Távora é um escritor medíocre, um autor que estragava os assuntos.

A esta altura, passamos para a repercussão da literatura brasileira no exterior. Sobre a mesa do escritor havia um volume chegado recentemente: «Fuoco spento», ou melhor, a tradução italiana do seu «Fogo morto». José Lins do Rêgo, sorri:

— Esta história de repercussão do livro brasileiro no estrangeiro é conversa fiada. O único a quem eles reconhecem certo valor é Machado de Assis. A América do Sul, para os europeus, é um pequeno mundo. Agora é que há um princípio de interesse pelo que fazemos...

A conversa deriva rapidamente. Falamos sobre outros escritores brasileiros — Coelho Neto, por exemplo, que também teve livros editados no estrangeiro.

— Coelho Neto, que agora se procura ressuscitar, teve seu tempo, mas não teve sua eternidade. Como criador de língua, é um pioneiro. Mas fazer dele um Machado, é muito. E nem um Euclides. E nem um Nabuco. Mas no seu tempo ele era figura predominante, e isto basta para não deixá-lo esquecido.

Citamos outros escritores, e ele declara com veemência:

— Humberto de Campos é um autor secundário. Afrânio Peixoto, não. Afrânio é um homem de lastro.

E passando para os modernos, cita logo o caso mais em foco:

— Vejamos Guimarães Rosa. É um autêntico criador, e para isto não precisou andar à procura de dicionários. Ao contrário, é ele um fazedor de dicionários. Posso dizer que é uma das grandes revelações destes últimos tempos.

Falamos sobre outros autores.

— «Montanha», por exemplo, não está à altura do «Amanuense Belmiro». Não há nele propriamente uma criação literária.

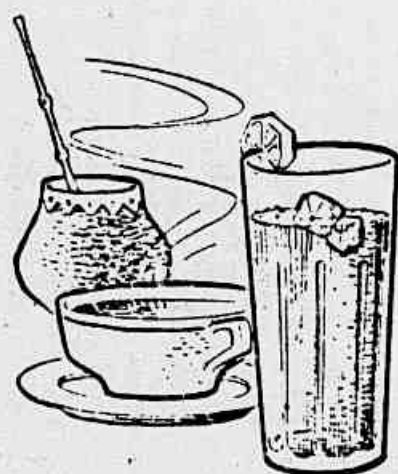
Lentamente fomos atingindo o ponto nuclear da entrevista, que era a entrada de José Lins do Rêgo para a Academia. Ele discorre sobre o assunto com exuberância.

— Minha entrada para a Academia pode parecer uma capitulação. E talvez seja. Somos quase sempre seduzidos pelas aparências, mas no caso da Academia há incontestavelmente uma agitação capaz de modificá-la de dar a ela seu verdadeiro sentido. Posso afirmar que dela nunca fui um apaixonado de olhos lânguidos, ao contrário. Nunca bati com insistência à sua porta, e nem batalhei para pertencer aos seus quadros, como outros.

E analisando seu patrono, Ataúlfo de Paiva, com frieza e conhecimento:

— Ataúlfo... — e ri. Ataúlfo era um Robert de Montesquiou, mas só por fora. Por dentro, era um personagem de Flaubert, um «Bouvard et Pecuchet». Nunca fez um livro — e foi para a Academia. Nunca deu uma sentença — e foi ministro do Supremo. Era uma dessas organizações como as possuem os americanos — somente para efeitos de publicidade. Para representar, sim, era um grande.

(Continua na página 44)



o nosso mate...

Sou Metalúrgico... e devo ao Mate a disposição com que enfrento diariamente o peso das minhas tarefas...

Sou Tecelão... e o Mate me protege contra o cansaço do meio ao fim do dia, evitando perigosos acidentes...

Sou Pedreiro... e o Mate mantém o meu vigor, me permitindo produzir mais com menos esforço...

tome

mate

brasileiro
e
gostoso!



CONFISSÕES DE JOSÉ...

(Continuação da página 43)

E apesar de tudo, era um homem essencial ao mundo burguês. Possuía em alta dose o «savoir-faire». Era uma máquina de calcular o sucesso social da mediocridade burguesa. Não há dúvida, para «chegar», como se diz, era um príncipe. Dizem que, antes de morrer usava um colête de ferro para não ficar curvo com a velhice. Na Academia, quando falava, era como se não tivesse começo nem fim. Por isto, o velho e sutil Afonso Pena dizia que um discurso de Ataúlfo de Paiva era como um chapadão de Minas — léguas e léguas sem nenhuma casa. Mas em tudo isto conservava sua personalidade:

queria o Supremo, e o teve. Queria a Academia, e a teve. Poderá a muitos parecer que isto é coisa fácil, mas custou a ele suores de agonia e um labor incessante. Foi o que se chama um escravo do sucesso.

Chama-se José Lins do Rêgo. E insensivelmente a pergunta nos vem aos lábios — se este homem, que tanto machucou o artista, atingiu tão altos postos, que dizer do artista em si? José Lins torna-se grave:

O sucesso do artista é diferente — é o que corresponde ao sacrifício da

própria vida. O grande artista é o que empenha sua vida a todo instante, como um homem de guerra. Por isto, não brinca e nem se diverte com o sucesso. Ele realiza sua vida — que é a sua morte.

Só há uma figura de sucesso na vida social e na arte: Goethe. Mas Goethe era um artista que fez o mundo à sua forma e à sua maneira. Não era um áulico, como Beethoven imaginava. Apenas desejava o que queria: que o mundo fôsse sua maior conquista.

Daí passamos à realidade brasileira

própriamente dita. O romancista expõe seus pontos de vista com simplicidade:

— Acho que o que falta ao Brasil é certa unidade entre os homens. A Carlos Lacerda, de quem sou amigo, tenho dito que o Brasil não é um país que se possa transformar aos gritos. E ao general Lott, que não conheço, poderia dizer também que o Brasil não é um país que se governe com espada — seja de ferro ou de ouro. Neste sentido, nada temos de comum com a América do Sul, onde as intenções se concretizam em fôrcas e fuzilamentos.

E com um suspiro:

— Somos um país alegre, como dizia há pouco meu grande amigo Santa Rosa, depois de sua desgraçada aventura na Índia: somos um país de morro com rádio e televisão.

Analisando homens atuais do Brasil, detalhou ele:

— Jango Goulart é um homem que se diz herdeiro de um testamento político. Mas na verdade é apenas o primeiro inventariante do espólio de Vargas. Jânio Quadros é um sabido com gestos de «grand-guignol», mas homem de destino marcado. Não tenhamos sobre ele a menor dúvida. O homem magro e de óculos terá em certo momento um pôsto decisivo.

Quanto às outras tendências políticas, assim disse José Lins do Rêgo:

— Sou e sempre fui visceralmente anti-comunista. Refiro-me, é claro, ao comunismo ditatorial. Para as lutas de pobres contra ricos, ricos abusados, sempre estarei disposto a me empenhar ao lado dos pobres. Quando se falava no paraíso da Hungria, de uma república de operários e camponeses, a propaganda interessada criava um reino de abundância e de fartura — e no entanto, os tanques de Moscou são hoje os que dão a última e fúnebre palavra.

Assim terminou José Lins do Rêgo, aquilo a que poderíamos chamar de suas confissões, pois na verdade são expressões íntimas e desabusadas de um homem que tendo trabalhado muito, agora encontra nesse direito de expressar a verdade, sua melhor e mais nobre recompensa.



NAS BOAS CASAS E NOS
SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA
DE Mlle. CAMPOS
A melhor limpeza de pele do Rio
Assembléia, 115 1º Tel. 22-1184 Rio



nos centros elegantes do Brasil...

No Cotillon Club, de Pôrto Alegre, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem — bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado; no cigarro que fumam — Hollywood é o cigarro preferido!

hollywood

uma tradição de bom gosto



H-88.377

PÁGINAS DO GALO BRANCO

O bicho humano mortalmente ferido. Não por fora, nem mesmo na sua carne, mas no próprio espírito, no fundo da alma, nas fontes que eram até aqui, apesar de tudo, ainda abundantes nas suas reservas de pureza. Na aparência ainda há o riso, a alegria quase mecânica, na realidade íntima, porém, embora por enquanto inviolável e invisível, já começa o desmoronamento de tudo com a queda de tantos ídolos, de tantas esperanças... Envelhecer é morrer ainda mais por dentro que por fora, é descarnar-se na alma, é perder substância, é empobrecer... A experiência acumulada não é nada. As lembranças passam a pousar numa árvore nua, cada vez mais nua e seca... Não sei o que estou querendo dizer, mas verifico que envelheço, que me vou tornando lúcido, que vou penetrando com passos de enfêrmo no deserto.

x x x

S El hoje que não se pode contar rigorosamente com ninguém, e que mesmo o apoio que nos dá o ente que mais amamos é, ainda assim, precário. Que certas ocasiões há em que não temos sequer o nosso próprio apoio, que nos faltamos a nós mesmos, que nos deixamos desamparados, que procuramos aprofundar, nós mesmos, as nossas feridas e aumentar nossas atribulações.

x x x

M EU coração cresce para a esquerda — acusam os exames médicos. Nesta hora da madrugada em que escrevo, absolutamente sozinho, cercado pelo sono de todos os seres que me cercam, nesta hora da primeira alba, ofereço-me a própria contemplação de minha morte. Como receberei a essa inevitável solução de todos os meus sofrimentos e complicações? Serei um homem excessivamente aflito diante do fim ou encontrarei no fundo de minha natureza forças, recursos para resistir, para suportar a aproximação do mistério? Neste ser tão destroçado, ainda restará alguma esperança quando chegar, o que não deve e não pode estar longe? Espanto-me mas seguro, apalpo, mergulho na morte o meu ser nesta hora e não experimento nenhum medo. Sei, porém, que o medo inexoravelmente virá, que gritarei em silêncio a minha solidão, na hora final, antes da agonia. Sei que renunciarei à minha descrença de hoje e que me voltarei para todas as sombras de minha infância, para o meu próprio anjo de guarda a pedir-lhes socorro. Mas, agora, neste exercício de salvação, olho a morte tranqüilo, pensando no café da manhã, nos compromissos assumidos para as próximas horas. Minha mão move-

se ligeira e segura sobre as folhas de papel em que vou deixando correr a minha prosa monótona.

x x x

Q UEM me acordou nesta hora imprópria, com céu ainda impetrável, foi um sonho. Despertei com o coração doendo tocado por uma saudade surpreendente e tão forte que tive de levantar-me, de andar pela casa toda como um fantasma, de olhar o céu, de abrir as janelas, de agitar-me enfim para que se tornasse menor a tensão interior, o sentimento súbito de orfandade, de desamparo que se apossou de mim.

Apareceu-me, estando eu adormecido, um embrulho, de tamanho regular, colocado em cima de minha mesa de trabalho. Quem o trouxera não me disse o sonho, nem me foi possível adivinhar, mas desatando eu o barbante e tirando o papel que envolvia o estranho presente surgiu aos meus olhos uma minúscula mala, uma verdadeira miniatura de mala, forrada de pano vermelho com dobradiças e fechadura de metal prateado. Não hesitei em identificar essa mala como me pertencendo ou antes tendo pertencido ao menino que eu fui. Quem me deu de festas a malinha foi minha tia Tetéia. Tratava-se de obra feita a mão, por seu Gustavinho, marido de dona Leonor, inquilinos de Tetéia na rua Hilário de Gouveia. Entre os presentes que recebi na minha infância esse foi um dos preferidos; não se tratava de simples brinquedo mas de coisa verdadeira. Embora miniatura era mala de verdade, forte, resistente, cuidadosamente confeccionada. Há quarenta anos, pelo menos, que o objeto de meus encantos desaparecera e eis que ele me chega de novo, flutuando nas águas do sono. Desfeito o embrulho encontro amarrado por um fio a minúscula chave, com que abro a mala. Deparo, então, para minha surpresa com objetos que pertenceram a Tetéia, um pente de tartaruga, talheres de prata, uma mecha de seus cabelos grisalhos, e além disso tudo, havia um cartão em que, com letra tremida e incerta estava escrito por minha tia, o seguinte: «Legado para o Augusto — pedindo a Deus que ninguém se zangue por ser ele herdeiro desse tesouro».

O tesouro era realmente imenso, embora pobre de valor material. Um tesouro de coisas perdidas havia na mala, entre as quais ia-me esquecendo de incluir certo caderno de desenhos com garatuñas e palavras de minha autoria. Tetéia surgiu-me durante o sono, mas não voltou com a sua imagem de viva; não lhe vi o rosto sequer, nem lhe ouvi a voz, como tem-me acontecido de outras vezes em sonho, a voz antiga e cansada. Apareceu-me sob a forma desses legados, dessas velhas lembranças, cujo valor só eu neste mundo sou capaz de conhecer e de dar-lhes o preço exato.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Schmidt e Alkmim no tempo em que eram amigos. Desde que assumiu o Ministério da Fazenda José Maria Alkmim cortou o contato com quase todos os seus antigos colaboradores.

Cabelo branco? Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA "DE FRANCO"
Rua General Osório 724 — São Paulo

O USO DO CHEQUE

Proporciona
CONTRÔLE — SEGURANÇA — EFICIÊNCIA
Abra uma conta no

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.

Enderêço Telegráfico: «MUNBANCO»

MATRIZ:
RUA DO OUVIDOR, 71/73
Caixa Postal 919
RIO DE JANEIRO

FILIAL:
RUA JOÃO BRICOLA, 37
Caixa Postal 8159
SÃO PAULO

AGÊNCIAS:
RIO DE JANEIRO

COPACABANA:
Rua Figueiredo Magalhães, 22

BRAZ DE PINA:
Rua Bento Cardoso, 835-A

MÉIER:
Rua Dias da Cruz, 170 - Loja 1

JACAREZINHO
Rua Lino Teixeira, 323

A EUROPA

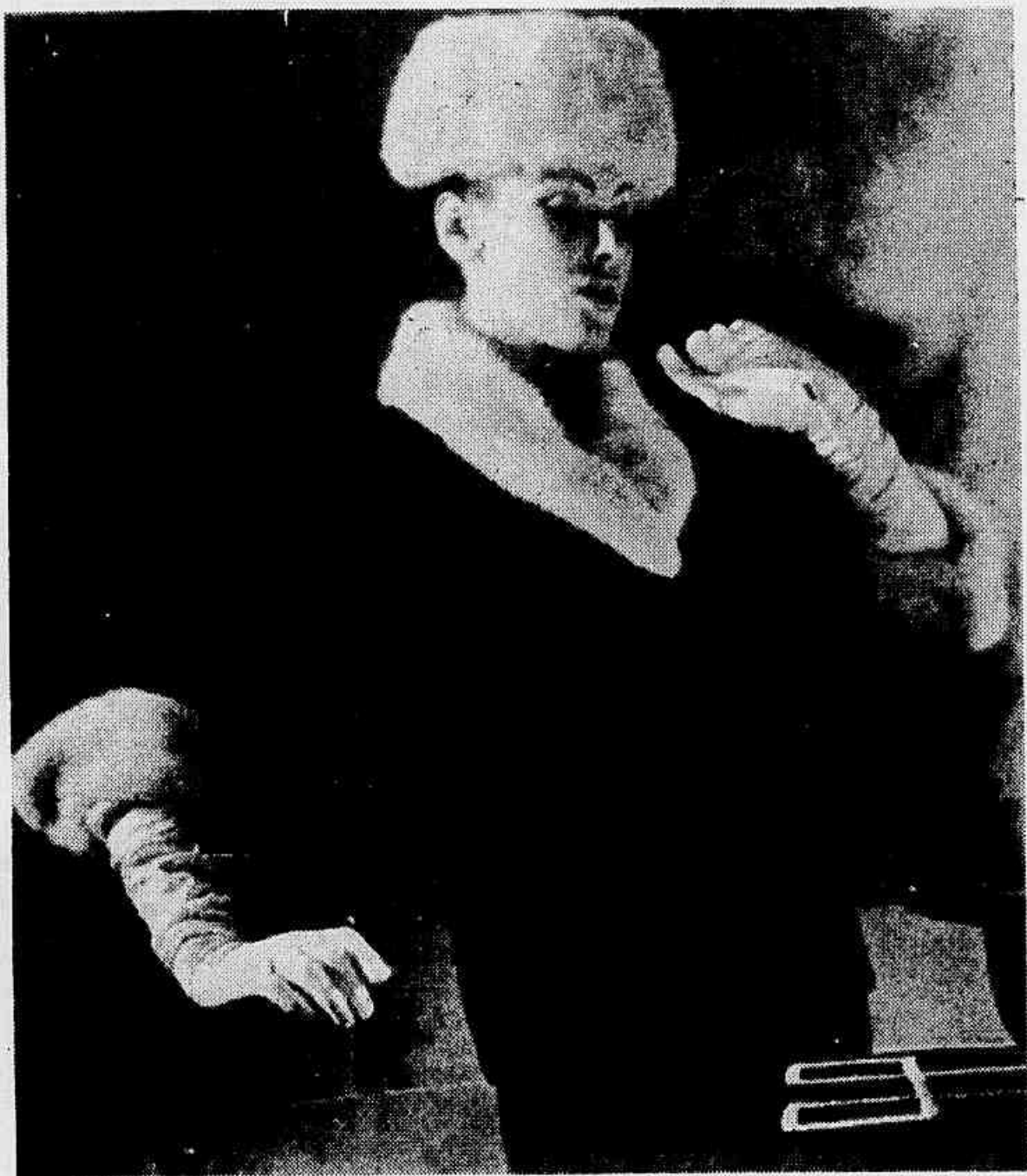
ÚLTIMOS MODELOS DE



Um "tailleur" de malha verde, gola e chapéu de tecido de lã. Elegante e bastante agradável; e um modelo "Príncipe de Gales" com dupla abotoadura. Também bastante elegante (Balmain)

SENTE FRIO

FATH, DESSÉS E BALMAIN



Um "tailleur" de lã cinza com gola e punhos de astrakan, e o chapéu também ornado com uma barra de astrakan (Dessés); à direita um modelo de Fath que é um hábito de tweed com gola de lontra



Um "duas peças" de Fath para "cocktail" com blusa de veludo azul, gola e punhos de vison branco, igual ao chapéu

VIVA SEGURO

de si mesmo

com uma

APÓLICE



da
Companhia
de Seguros

MINAS BRASIL

Capital Realizado e Reservas: 175.231.707,70
SUCURSAL — RIO — AV. 13 DE MAIO, 23 — ANDAR 23
FONE: 22-1844 — END. TELEG.: BRAMINAS
RIO DE JANEIRO

Todos pintam melhor

COM

tintas, esmaltes e vernizes

INTERNATIONAL!

SÍMBOLO DE QUALIDADE E TRADIÇÃO



Sociedade Anônima

Composições **"International"** (do Brasil)

TINTAS, ESMALTES E VERNIZES PARA TODOS OS FINS

Rio: Avenida Rio Branco, 50
São Paulo: Av. 9 de Julho, 50

IA-1602



CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

Aumentou bastante nos últimos dias a luta entre Ulisses Guimarães e Hugo Napoleão pela Presidência da Câmara. Ulisses pretende obter a reeleição conseguindo câmbio para os automóveis dos deputados. E assim se destrói mais uma reputação de austeridade.

★

Sérgio Bernardes deu excelente entrevista ao «Correio da Manhã» sobre a mudança da capital. E disse claramente o que todo mundo já está sentindo: vai ser a maior marmelada de todos os tempos.

★

Dagoberto Sales fez toda aquela agitação dos minerais atômicos pensando em ser o candidato anti-Jânio à Prefeitura de São Paulo. Mas quando acaba seu nome nem foi cogitado.

★

Glauce Rocha tem excelente desempenho no teatro de bolso. Mas as peças (de Cocteau e José Maria Monteiro) são muito ruins.

★

Flávio Cavalcante (dos «discos impossíveis») saiu da Rádio Nacional por excesso de falta de caráter da direção artística da rádio. Sendo o seu programa um dos mais populares (e de melhor nível) da estação, foi inesperadamente passado para o horário de meia-noite-e-trinta. Transferiu-se para a Tupi onde atuará no rádio e na televisão.

O Vasco dará a cada jogador pelo título de campeão 100 mil cruzeiros. Martim (o técnico) receberá mais de 200 mil.

★

Luís Severiano Ribeiro vai aumentar o seu vasto império cinematográfico. As negociações visam conquistar as casas do «Capitão Vital», que estaria propenso a se retirar do negócio.

★

«A Noite de Rio», excelente promoção para a Varig, e cavação para meia dúzia de desocupados, foi um fracasso total. Em Nova York ninguém tomou conhecimento da festa.

★

«Life» vai finalmente editar uma revista em português. Impecilho até agora, que finalmente parece vencido: o senador Chateaubriand, que teme que a sua revista «O Cruzeiro» seja atingida pela nova publicação.

★

Vai haver mudança na chefia dos escritórios comerciais. Um dos novos nomeados será José Augusto de Almeida (irá para a chefia de Paris) que apesar de genro de Filinto Müller, tem autonomia de voo e nem precisou usar o sogro para conseguir o lugar.

★

O livro de José Mauro Gonçalves, «Café Society Confidencial» está sendo lido avidamente. Apesar de ter passado o susto inicial (José Mauro foi bastante discreto e cauteloso) todos querem ver a citação sobre seus nomes. E em 10 dias quase 5 mil exemplares foram vendidos.

Agrada mais

a nova
embalagem

- Mais resistente
- Mais higiênica
- Mais econômica



Todos afirmam que agrada muito mais a nova embalagem do Açúcar PEROLA. Realmente, desde a dona de casa, a quem satisfaz um pacote mais resistente e mais higiênico, até o negociante, que prefere um pacote mais perfeito, e que permita melhor arrumação nas prateleiras, todos têm, agora mais um motivo para preferir o Açúcar PEROLA, o mais puro e o mais alvo, e, por isso mesmo, o melhor do mercado.



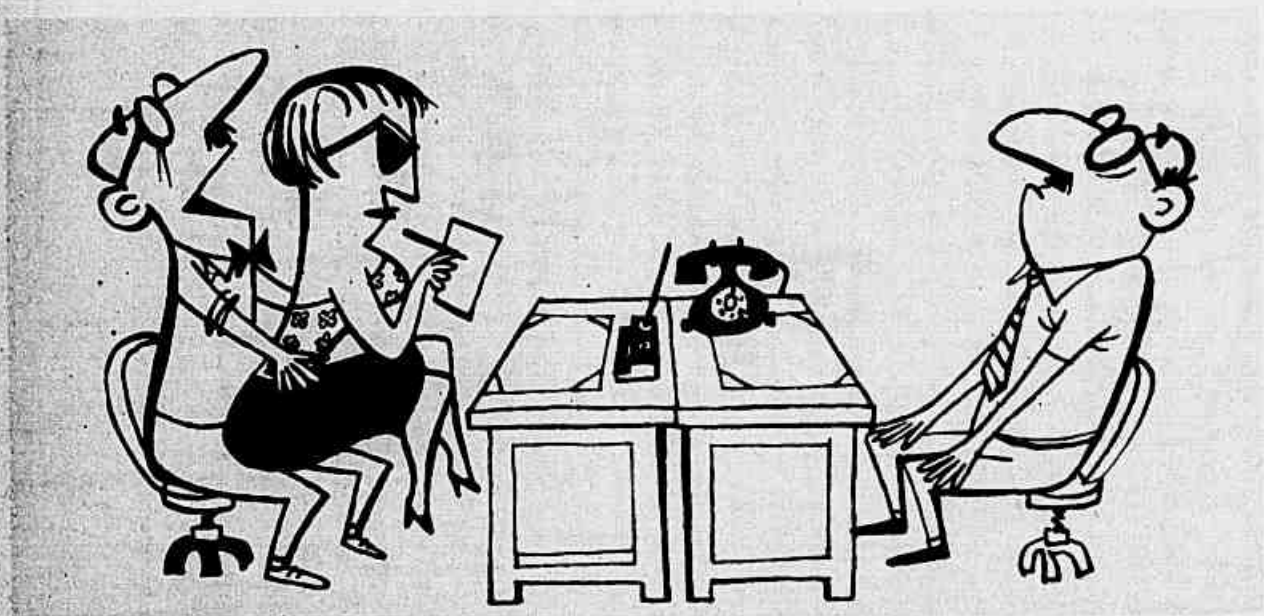
**açúcar
PEROLA**

saco azul e cinta encarnada

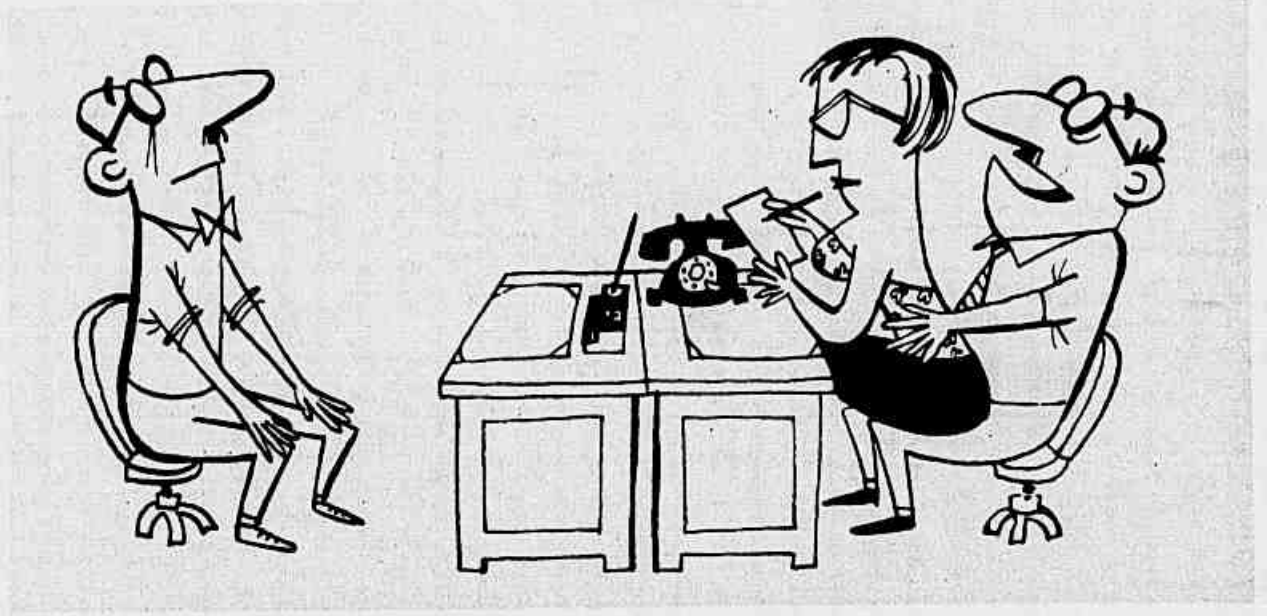
• fabius

FORTUNA (bilhete inteiro) **APRESENTA**

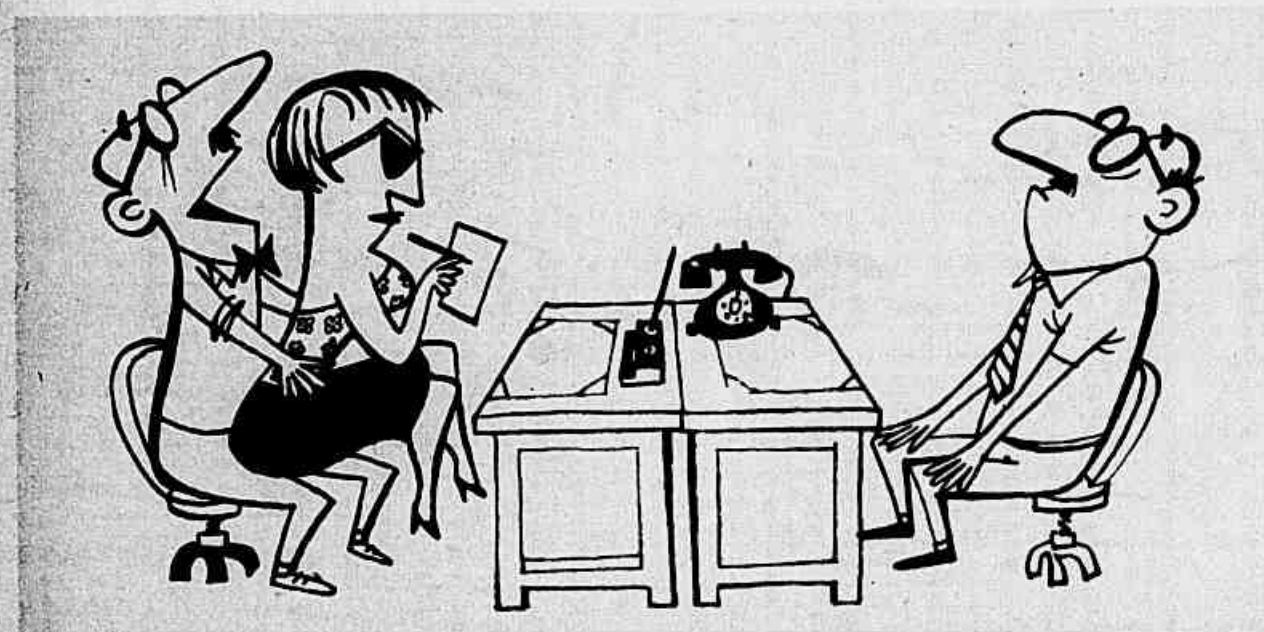
HISTÓRIAS DE IDA E VOLTA



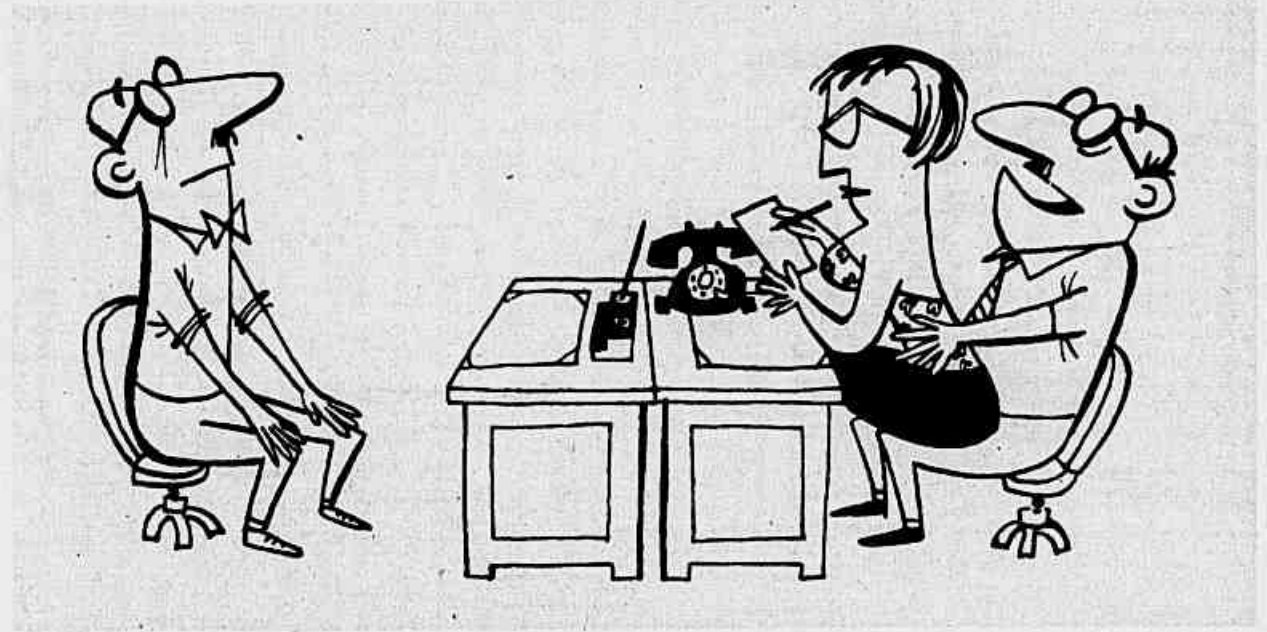
— Ilmo. Sr.



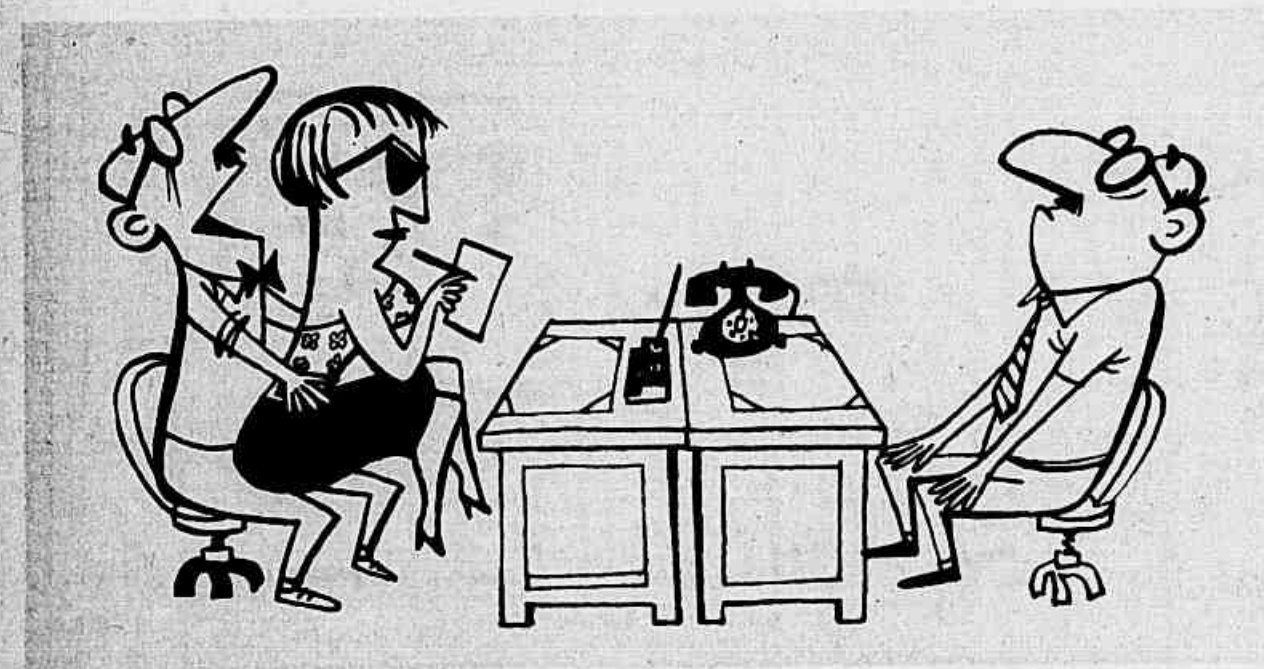
— A firma Souza



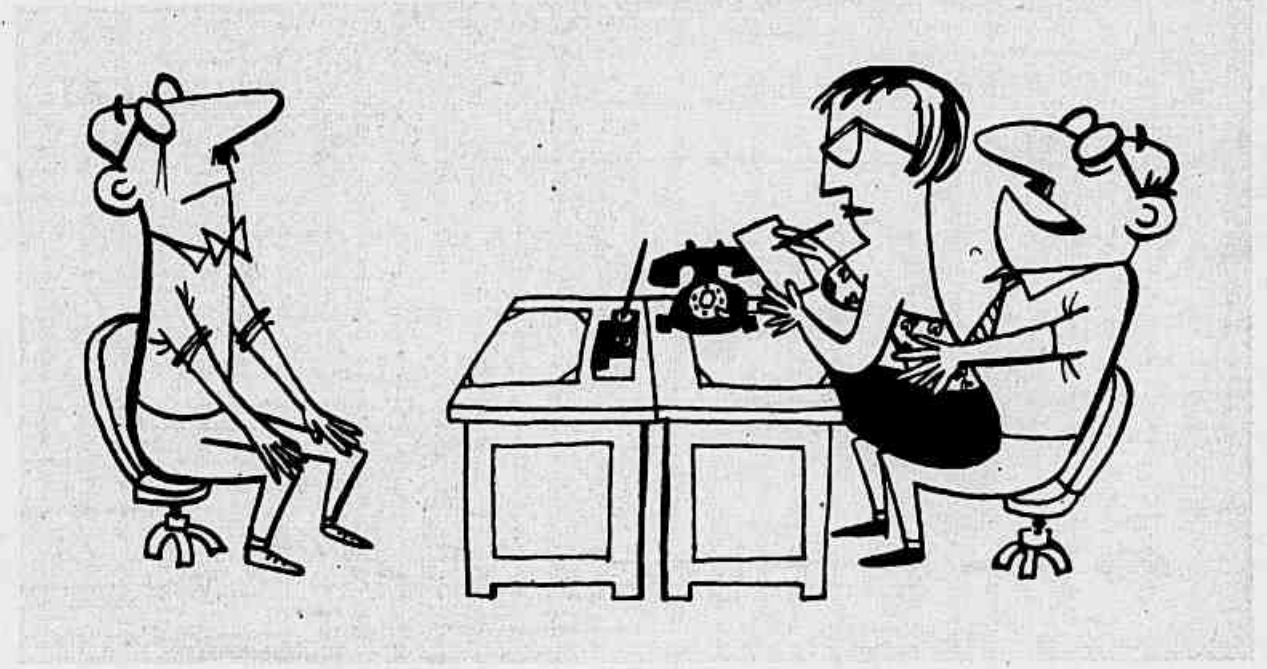
— & Silva



— Aguarda para Natal



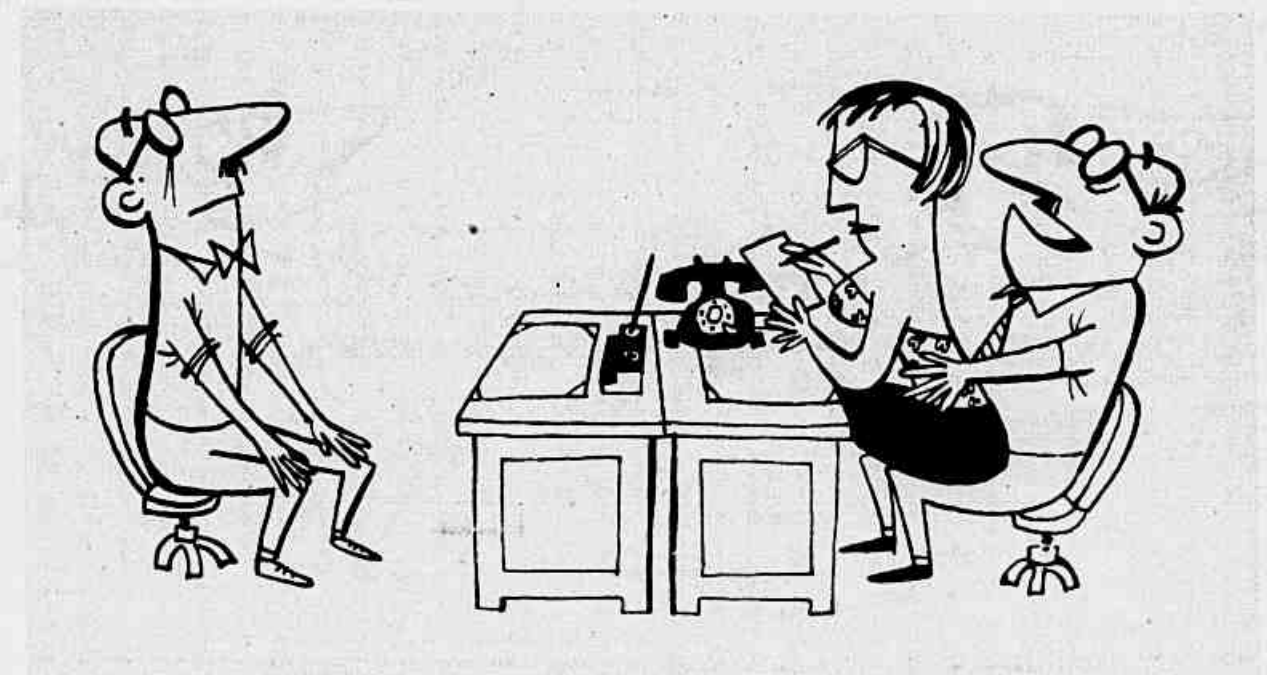
— Remessa urgente



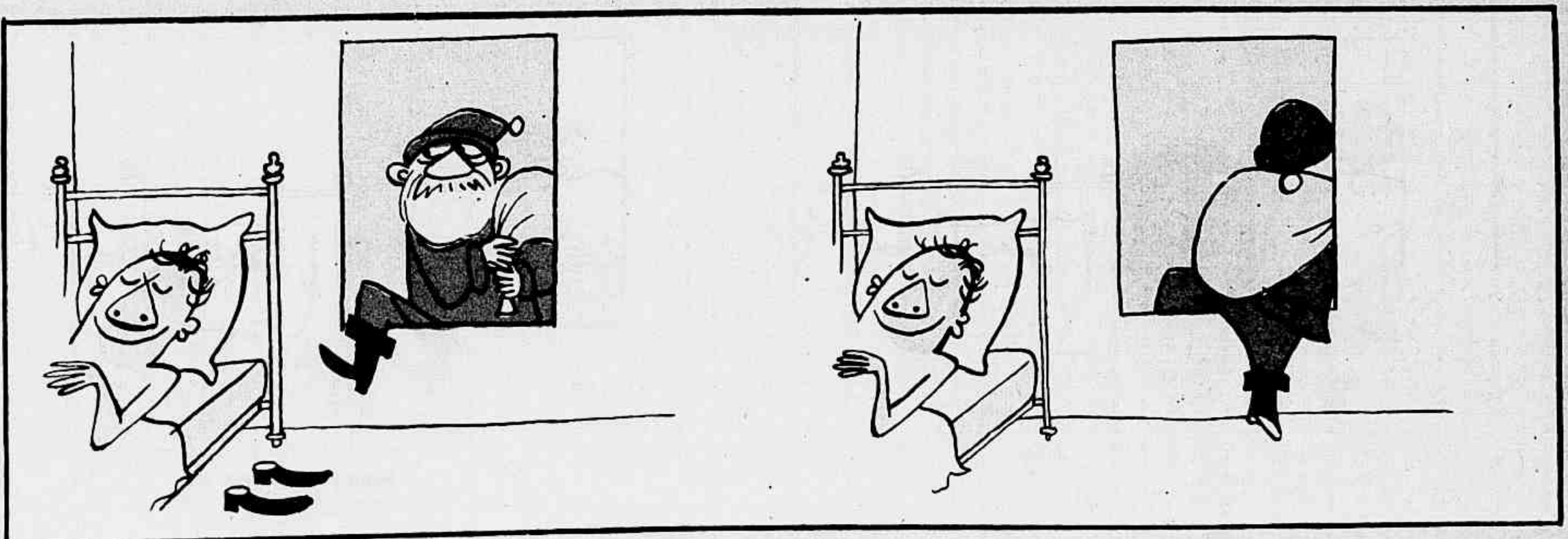
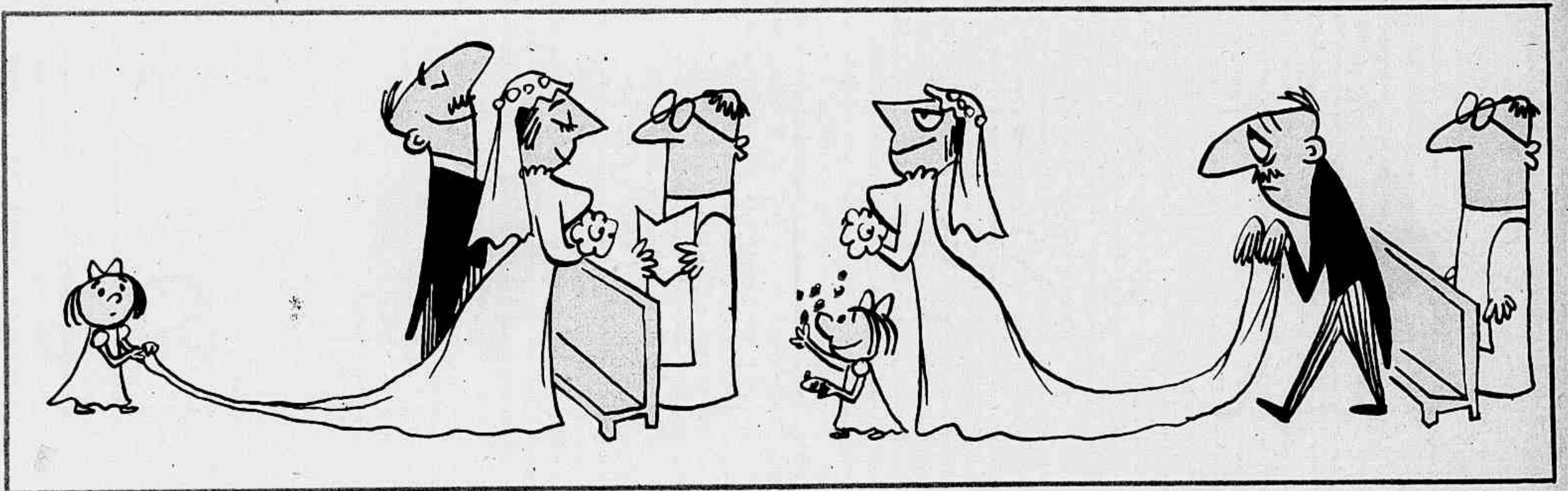
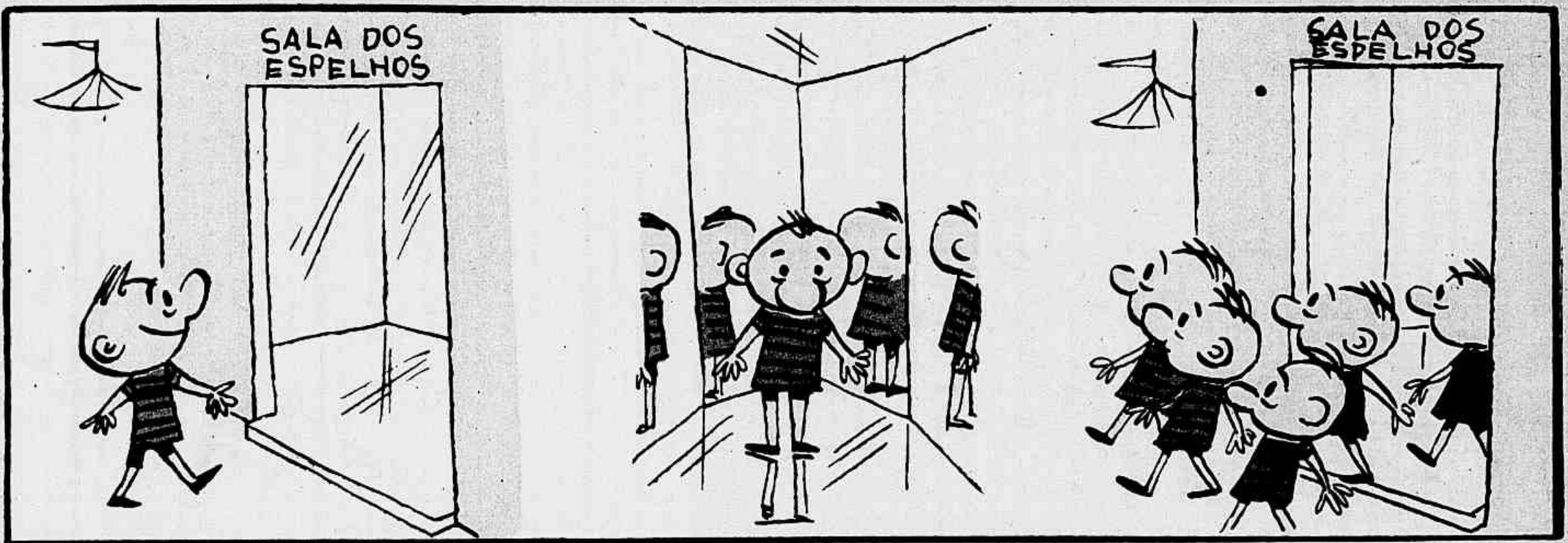
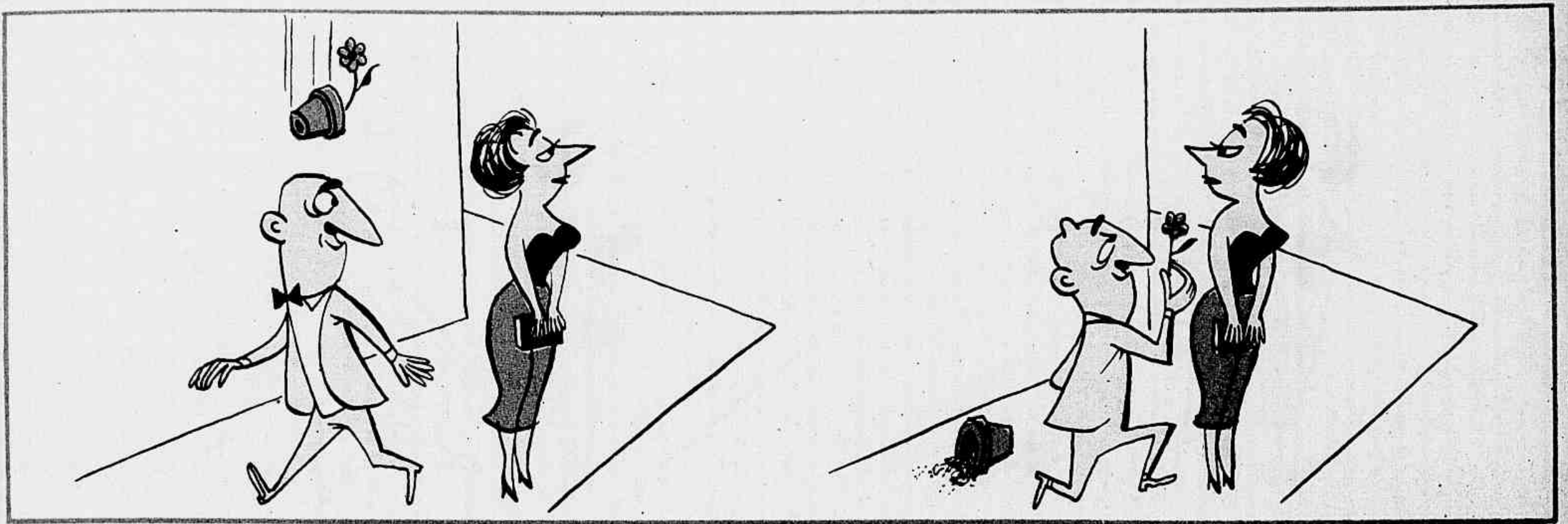
— Do nosso último pedido



— De jogos de pingue

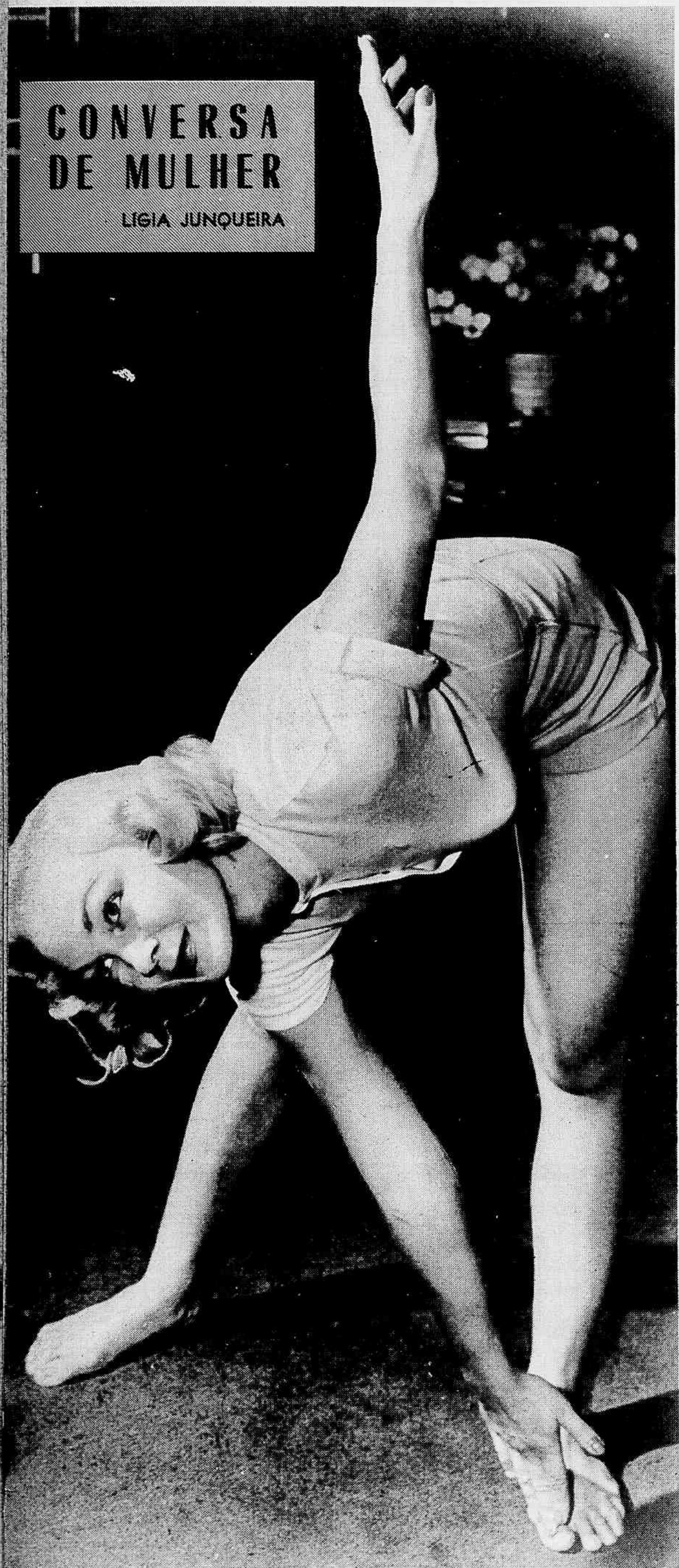


— Pongue.



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



A ESPÔSA DO MATEMÁTICO

Não deixam de ser divertidos para nós os pretextos de que lançam mão as norte-americanas para obter o divórcio. Um dos mais recentes é o da senhora Mary Feynman, de Los Angeles, que diante das côrtes disse que o marido tinha um apaixonado interesse pela matemática e que, nos momentos de descanso dos números, para se distrair, tocava um grande tambor, e a ela não dava nenhuma atenção. Mary obteve o divórcio requerido.

OS VESTIDOS DE ZSA ZSA

A atriz Zsa Zsa Gabor está levantando uma onda de protestos na Europa e nos Estados Unidos devido a seus vestidos exageradamente decotados. Zsa Zsa gostou muito dos modelos estilo Diretório (cintura alta sob os seios, decote avantajado, saia franzida, com pouca roda) que foram lançados por conhecido costureiro francês. Mandou fazer alguns, mas, com decote maior do que o permitido pelo bom tom. Uma revista francesa comentou mordaz: «Não é verdade que **nunca se viu coisa assim**; desde época remota é o traje preferido pelas cortesãs elegantes».

OS SAPATOS DE GRACE

Um sapateiro de luxo de Nova York declarou que a Princesa de Mônaco fêz-lhe encomendas de sapatos côr de «pão francês». Foi o quanto bastou para que a nova côr ficasse logo em moda. Você sabe de que côr são os pães franceses? Encomende, então, o seu sapato.

SUA BELEZA

♦ Um dos motivos porque tanto se recomenda um pouco de ginástica — ao menos — de exercícios respiratórios, logo ao sair da cama, é o seguinte: durante o sono, em repouso, os pulmões trabalham mais lentamente; o exercício matinal estimula a respiração, renova o ar dos pulmões **COMPLETAMENTE**. Além disso, estimula também os músculos que passaram as horas de sono em descanso. Depois de alguns minutos de ginástica — se você está com boa saúde — há de se sentir mais ágil e mais bem disposta.

♦ Não abuse de seus olhos, se quer que eles se conservem sempre vivos, brilhantes e jovens. Leia somente em boa luz natural ou artificial; use óculos escuros para protegê-los do sol forte, principalmente nessa época de verão; descanse os olhos ao menos cinco minutos no meio do dia, fechando-os e, se possível, aplicando sobre eles compressas de água boricada ou de uma boa loção para os olhos; se tem algum defeito de visão, peça a seu oculista que lhe indique óculos de grau adequado — é uma vaidade tola não querer usar óculos quando preciso, pois forçar a vista só poderá ocasionar o aumento de rugas (pés de galinha nos cantos dos olhos).

♦ Qualquer creme de limpeza ou loção será inútil se antes de aplicá-los você não tiver limpado bem a **SUPERFÍCIE** da pele com água e sabão, e uma escôva macia. Só depois dessa limpeza inicial é que se pode pensar em limpar profundamente os poros com preparados adequados, que, então, penetrarão bem na pele.

NOTINHAS ÚTEIS

Se quer dar um gosto diferente ao feijão de todos os dias, depois de pronto e, enquanto ainda quente, junte um bom punhado de queijo ralado.

Quando cozinhar couve flor, junte à água em que o fizer algumas gotas de limão. A couve flor ficará, assim, muito mais apetitosa, e branquinha como neve.

Existe um meio muito simples de evitar que o bôlo pegue no fundo da fôrma e, que, no entanto, quase nunca é lembrado: forre o fundo da fôrma com papel encerado, untado com manteiga.

As manchas de vinho sobre toalhas de mesa (guarde a receita, pois as festas estão aí) são tiradas com um pouquinho de água oxigenada. Depois enxágua-se a toalha em água limpa.

Aproveite as velhas toalhas de banho ou de rosto: corte quadrados de um palmo, costure quatro ou cinco juntos. Faça um fôrro com tecido quadriculado, por fora (ou uma capa como se fôsse de almofada). Use sobre a mesa como descanso de pratos, pois oferecem ótima proteção.

WEEK-END NA COZINHA

◆ Na sua mesa de Natal não pode faltar um bôlo, uma torta ou um doce de nozes. É uma tradição que todos nós fazemos questão de seguir, talvez porque nos recorde épocas passadas em que a vida era menos cara e a mesa de Natal mais sortida. Todos aqueles doces, docinhos, bolos e pudins, de antigamente, são representados hoje pelo bôlo ou pela «torta de nozes».

INGREDIENTES:

350 gramas de nozes moídas
500 gramas de açúcar
200 gramas de manteiga
2 gemas e 10 claras de ovo
2 cálices de um licor forte de sua preferência.

INSTRUÇÕES:

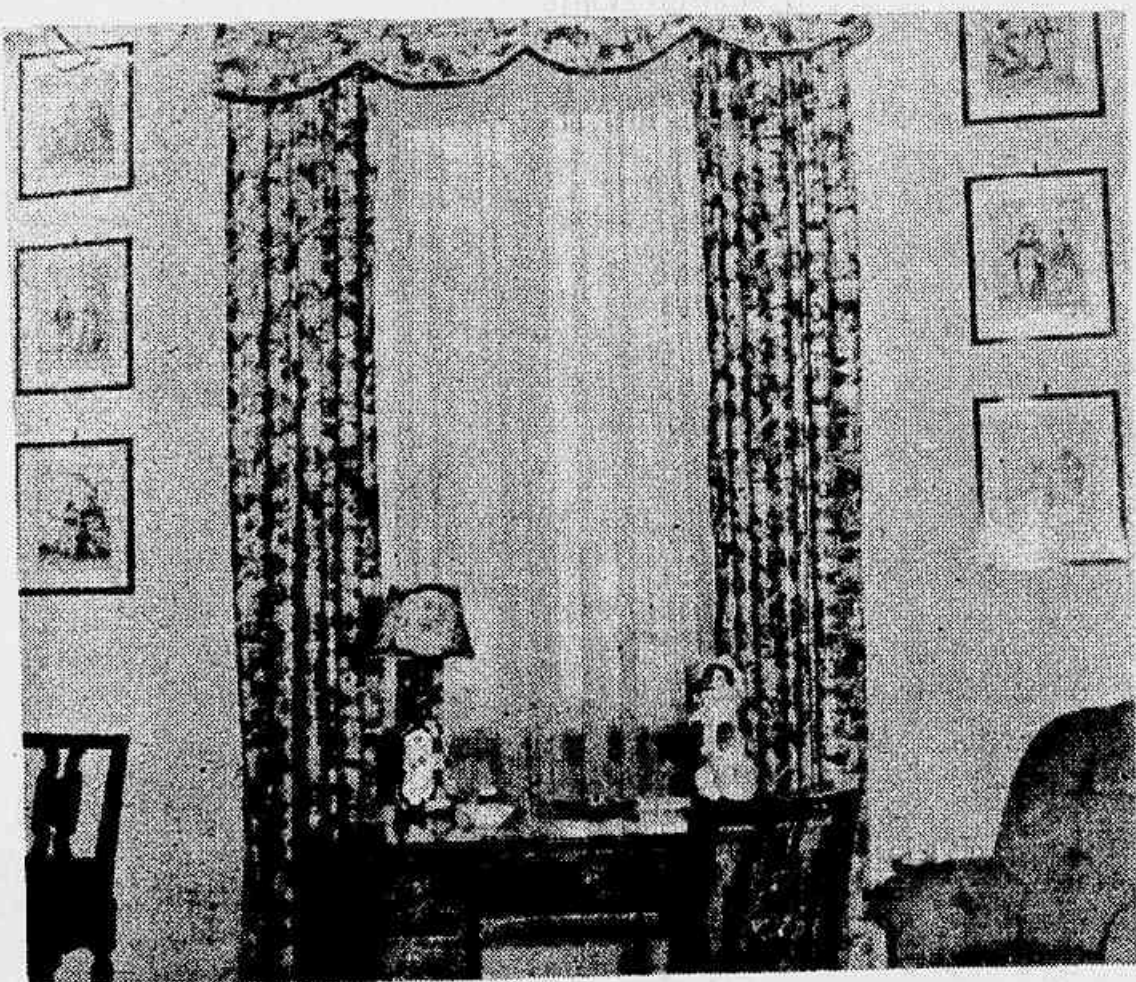
1 — Numa tijela bata 8 (das 10 claras) em neve; junte, pouco a pouco 300 gramas de açúcar e as nozes moídas, batendo sempre. Quando as claras tiverem adquirido bastante consistência, ponha num saquinho de pano, com um furo embaixo (como os de confeitaria) e, sobre papel encerado ou untado de manteiga, espalhe 3 círculos de um palmo mais ou menos, de suspiro (Pode cortar antes os círculos no papel, para que os três fiquem iguais).

2 — Assar em forno os 3 círculos de suspiro, até ficarem bem sequinhos. Com delicadeza, tirá-los do papel.

3 — Enquanto isso, amolecer um pouco a manteiga, pôr numa tijela e batê-la com uma colher de pau, até ficar bem batida; pouco a pouco juntar o açúcar restante (200 gramas), os dois ovos inteiros e o licor.

4 — Num prato, colocar uma rodela de suspiro. Sobre essa espalhar um pouco do creme, estendendo com a lâmina de uma faca; uma outra rodela sobre o creme e outra camada de creme. Continuar assim, pondo no final uma camada de creme, espalhando-a bem para que cubra a superfície e as bordas laterais.

5 — Amassar um pouco mais de nozes e espalhar sobre a superfície e lados do doce. Decore o doce como na fotografia com um pouco de merengue branco, enfeite com uma cereja cristalizada, ou com algum enfeite especial para o Natal.



GRAVURAS EM SÉRIE

◆ Como dispor uma série de gravuras em molduras iguais? Eis duas sugestões interessantes e muito ornamentais: Oito gravuras (à direita) foram dispostas na parede, sobre um consolo, substituindo — e muito eficazmente — o espelho ou o quadro grande tradicionais. A fim de dar aparência maior ao enquadramento das gravuras foi pintado um ornamento interessante em torno de cada uma. Acima, seis quadros foram dispostos de um lado e do outro de uma janela, emoldurando-a, e quebrando a aparência de verticalidade da mesma.





JEFF THOMAS — Vai apontar para vocês na primeira semana de janeiro os mais importantes acontecimentos do «high-society» do ano que termina.

Grand Monde internacional

Gossips



Peter Townsend — Que deixou de ser capitão para ser visconde

TOWNSEND, TORNOU-SE VISCONDE. O solitário capitão Peter Townsend, acaba de receber o título de visconde conferido pelo príncipe Liny de Luxemburgo, que é também Grão Duque da Ordem de São Umberto, além de pertencer aos tronos de Chipre e Jerusalém. Com esse título o famoso capitão talvez possa reatar seu romance com a bela Meg.

♦ A bonita baronesa Aidera Franchetti, encontra-se atualmente em Nova York, em companhia de seu «date» preferido que é Henry Fonda. Sobre esse romance, comentam as colunas de «Gossips» de Nova York, a possibilidade de um futuro casamento.

♦ Com sua última peça «Auntie Mame», Rosalind Russel, é a estrela de Hollywood que mais dinheiro tem ganhado na Broadway.

♦ Faleceu em Cannes a ex-rainha Elizabeth da Grécia. Sobre Elizabeth, vocês devem estar lembrados do grande escândalo que ela causou há pouco tempo quando «adotou» seu mordomo.

♦ O príncipe Altonso Hohenllhe-Langenberg e sua bonita princesa Ira (lembrem-se do casamento deles o ano passado em Veneza?) acabam de convidar o ex-rei Umberto da Itália, para padrinho de seu primeiro filho.

AQUI ENTRE NÓS: Quando na outra noite jantava com a irrequieta Gilda Joppert, no «Cremailère», ela confidenciou-me que é mesmo o «date» preferido do jovem Toninho Pereira. Pois, adiantou ela, saio todas as noites com ele, enquanto a outra (Zaida) só sai quando eu declino de um convite do Toninho. Agora, o que interessa ao colunista é saber quem vai figurar na PRATELEIRA.

♦ A bonita Beatriz Galhembeck, ultimamente só tem saído em companhia do sr. Renato Bandeira. Não será nenhuma surpresa se muito breve eles anunciarem o noivado. Pois acontece que já faz alguns anos que além de saírem juntos eles têm também um romance.

♦ Estêve no Rio o baiano sr. Alieu Pedreira, que «decolou» de Salvador para cá, especialmente para rever seu «date» preferido que é a morena Ticiania Sabóia.

♦ Ainda da Bahia, estêve aqui o nosso conhecido Mário Portugal, que é o mais movimentado «play-boy» da «Boa Terra».

♦ O galante Cláudio Silveira vai comemorar sua «mudança de idade» no próximo dia 28. Nesse dia o Cláudio será cumprimentado por muitas belezas do nosso «high-society».

♦ Esperado esta semana o sr. Roberto (Bob) Lacerda, cujo «date» preferido continua sendo a «beaut» Verinha Dolabela. Eles que formam um par realmente «suspense» já pensam em acabar o namoro e iniciar o noivado.

♦ Ela continua figurando na PRATELEIRA.



André Spitzman Jordan — Tem como seu «date» preferido a bonita modelo americana Ginny.

Pequenos Flashes

EM S. PAULO. Estou chegando de São Paulo onde fui especialmente para assistir ao casamento da



Sr. Eduardo Tapajós — Uma das vedetes do livro «Café-Society Confidencial», escrito por José Mauro.

bonita Denise Paes de Almeida com o Príncipe Dom Carlos. O convite que recebi para participar dessa cerimônia, dizia assim: O senhor Sebastião Paes de Almeida e senhora Diva Morse Paes de Almeida têm o prazer de convidar v. exa. e exma. família para o casamento de sua filha Denise com o Príncipe Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança.

A Princesa Dona Teresa Cristina Maria Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança e o Barão Lamorel Alexandre Tasso de Borgogna e Valnigra da Casa dos Príncipes de Torre e Tasso, têm o prazer de convidar v. exa. e exma. família para o casamento de seu filho Dom Carlos com Denise Morse Paes de Almeida.

A cerimônia religiosa será oficiada por Sua Eminência o Cardeal-Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, na Catedral Metropolitana de São Paulo, às 18

horas do dia 15 de dezembro de 1956.

Acompanhando o convite vinha um cartão no qual estava escrito o seguinte: O senhor e a senhora Sebastião Paes de Almeida têm o prazer de convidar o exmo. sr. Jeff Thomas, para a recepção a realizar-se nos salões do Hotel Esplanada, às 19 horas do dia 15 de dezembro de 1956.

O livro «Café-Society Confidencial», já lançado pelo sr. José Mauro, não é uma «bomba» estilo «Gossips» como estava sendo esperado. Pelo contrário, o ex-cronista Mauro, focaliza sem malícia as principais vedetes de seu conhecido livro. Entre elas, está a figura do sr. Eduardo Tapajós, dos casais Sousa Campos, Klabin e Catão, o divórcio de Jorge e Dolores Guinle, e outras coisas mais que vocês poderão ler em «Café-Society Confidencial».

Infelizmente não me foi possível «decolar» para Santos, dia 7, para participar do júri que escolheu «Miss Sociedade» de Santos. O motivo, é que o convite só me chegou às mãos no dia que a festa ia acontecer.

No «Fiesta», as feijoadas aos sábados continuam muito bem concorridas. Tudo sobre a eficiente direção do conhecido «maitre» Costa. Enquanto no «Cremailère» o Trio Iraquitã voltou a movimentar os jantares.

Para o próximo número aguardem uma «suspense» reportagem, sobre o casamento Denise Paes de Almeida e Dom Carlos.

Até a próxima.

P.S.: O colunista deseja aos leitores de «GRAND MONDE» um Feliz Natal, como também agradece às pessoas que lhe têm enviado cartões de Boas Festas. Merci.



A entrevistada da coluna «Grand-Monde» recebe o colunista.



Na sua mesa de trabalho a sra. Klabin trata de sua correspondência.

CLOSE-UP DE BECKI KLABIN

◆ NO SOCIAL SET da coluna dessa semana apresento a morena e israelita senhora Horácio (Becki) Klabin. Becki, que é uma figura que tem participação ativa na vida do «high-society» carioca, me levou a fazer essa reportagem-entrevista, igual a que tive o prazer de fazer há bem poucos meses com a minha amiga embaixatriz Laiz Gouthier. Vou transcrever a meia dúzia de perguntas e respostas que fiz com minha elegante entrevistada:

1) P. — Qual a «hostess» que melhor recebe no «high-society» carioca?

R. — A embaixatriz Gilda Sarmanho. Pois receber é uma arte.

2) P. — Você lê colunas sociais?

R. — Considero a coluna social muito importante na vida moderna, mas nem sempre sou leitora assídua.

3) P. — Acha que a lista das «Dez Mais Elegantes» deve ser renovada?

R. — Deve com restrições. Mas, não para agradar, e sim por merecimento.

4) P. — Quando você vai para Paris, qual o «costureiro» que frequenta?

R. — Dior, que considero o melhor figurinista. É a linha mais marcante.

5) P. — Das celebridades que nos visitaram este ano, qual a que mais lhe impressionou?

R. — Walter Pidgeon, a quem recebi para um «party» me impressiona por sua classe e elegância.

6) P. — O que acha da noite de Natal?

R. — Acho uma noite realmente bonita, mas comemoro só com as crianças, pois, como israelita não festejo o Natal.



Jeff Thomas conversa com Becki sobre os grandes acontecimentos do «high-society» carioca em 1956

COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

deseja aos seus amigos e clientes um alegre Natal
e Feliz Ano Novo



Sede: SALVADOR, Estado da Bahia

DIRETORES:

Dr. Pamphilo Pedreira Freire de Carvalho — Presidente
Dr. Francisco de Sá
Anísio Massorra
José Abreu
Dr. Jayme Carvalho Tavares da Silva

AGÊNCIA GERAL NO RIO DE JANEIRO:

Ruas São José, 90 - 15º pavimento e Rodrigo Silva, 7 - loja
(Edifício CARDEAL ARCOVERDE)

Telefone: 52-6146 — Gerente: Arnaldo Gross

LEIAM

EU SEI TUDO

PREÇO

CR\$ 10,00



Calçado SOUTO

UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

SUPERCOR

Tintas para impressão

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

Marilyn Monroe foi apresentada à Rainha Elizabeth e a Princesa Margaret. Depois, declarou aos jornalistas que não ficara assustada ou intimidada com a cerimônia.

★

Gloria Swanson depois de 27 anos, compareceu a uma «avant-première». Filme escolhido: «Nunca fui Santa», de Marilyn Monroe.

★

Eisenhower declarou na televisão: «Os EE.UU. jamais provocarão ou estimularão guerras».

★

Henry de Motherland, classifica Shakespeare, Lorca e Rimbaud, como «vozes de grande comunicação».

★

Groucho Marx, declara numa entrevista: «Eu me recuso terminantemente a pertencer a qualquer clube que me aceite como membro. Gostaria de ser sócio dos outros».

★

Somoza, filho e herdeiro do ditador da Nicarágua, assassinado recentemente, vive apavorado com a idéia de terminar como o pai. Não sai de casa desde que foi empossado e seu palácio está permanentemente cheio de guarda costas.

★

Jean Paul Sartre está escrevendo um livro em que condena violentamente as atrocidades russas na Hungria. O livro é a sua própria história.

★

Gina Lollobrigida está pensando seriamente em se divorciar do cauteloso Miklos. As notícias ainda não foram confirmadas, mas os boatos são bastante fortes.

★

Hemingway assistiu a uma tourada em Madri. Hemingway que já escreveu um romance sobre essa espécie de espetáculos, está em Madri recolhendo mais material sobre tourada que pretende utilizar num novo volume.

★

Sofia Loren embarcou para o Mar Egeu onde vai filmar em companhia de Allan Ladd e Clifton Webb.

É fácil verificar...

...o tempo e o esforço que a eletricidade
lhe poupa e os serviços inestimáveis que
lhe presta... Compare a sua conta mensal
de eletricidade com as outras despesas do-
mésticas...



Você se convencerá de que
as tarifas de energia elétrica
são **REALMENTE** baixas.



A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



A MOÇA DA SEMANA

Gina Le Feu. — Não só por ter declarado preferir ser uma boa corista a uma falsa vedeta, como também por ter o seu nome assegurado como a melhor «show-giri» do ano.

E O ESPETÁCULO CONTINUA...

♦ Abrem-se as cortinas e eis que surge, sobranceira e impávida, a figura lendária de Mister Eco — o Augusto, Sóbrio e Necessário Mister, agora armado Cavaleiro da Ordem da Arara — trazendo os seus famosos escritos para maior gaudio dos seus inteligentes leitores, privados que foram, felizmente por pouco tempo, de fazerem a costumeira e eficiente culturazinha diária... Acontece que o vosso Mister estava necessitando de justo e merecido repouso e aí de nós se não existissem os espíritos magnânimos e afeitos ao bem para adivinhar as nossas agruras procurando de qualquer forma minorar os nossos sofrimentos. Foi tão somente a bondade alheia que vos roubou nesse tempo o destile honesto das coisas e das gentes da noite, vasado na independência de pronunciamentos e de atitudes que levou o pânico às aguerridas hostes da mediocridade. A volta, porém, ou o «retôrno» se preferirdes, fará esquecer os dias de saudade e partir para a mais rápida recuperação, recuperação que se processará através duas páginas desta tradicional revista, agora também promovendo o reencontro com os seus leitores. O programa do Mister é bem diferente daquele da «boite» Night and Day, impingindo compulsoriamente ao freqüentador da noite pela importância de cem cruzeiros e sem outra importância senão a de torná-lo a pior e mais cara revisia do Brasil. Nada disso. Programa bom é o de não faltar à verdade, verdade que, quando vem à baila, tantas vezes dói e machuca, dá origem a insopitáveis angústias e insônias desafiadoras dos mais violentos barbitúricos. A ausência de Mister Eco — pondo-se de lado a tal de modestia à parte que faz a glória de tantas nulidades — foi bastante lamentada e o escriba de todos vós pôde senti-la através telegramas, cartas, palavras amigas, banquetes, etc., reclamantes da volta do Augusto. A tôda essa gente de bem o Sóbrio Mister é agradecido e retorna cumprindo o preceito consubstanciado na tirada poética de raro sabor filosófico e notável erudição poliglótica: «the show must go on...» E continua, como todo espetáculo que se preza, fiel ao seu roteiro, sem outro compromisso que não seja o de agradar ao seu público e sem alimentar vaidade pelos bondosos aplausos recebidos, o que seria incorrer nas tentações fáceis do vedetismo.

Homem com mania de vedeta — sabeis! — boa coisa não é.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

Consumação mínima como nas «boites». Tudo curtinho mas valendo uma dinheirama.

Cinquenta mil cruzeiros premiaram a bela Anilza Leoni como a melhor atriz do cinema brasileiro. Justíssimo. Uma boa atriz para um bom cinema.

O bom gosto policrômico de Gisela Machado é o melhor comen-

tário que se ouve pela noite sobre o «show» da Night and Day. E merecido.

Geysa Boscoli parou de estalo com a temporada da revista «Terra do Samba», de Nestor de Holanda, com a freqüência em plena ascensão, sabe-se lá por que... Por essa e outras já andam dizendo que o Geysa é o autor mais difícil de ser carregado pelos parceiros.

Vai entrando muitíssimo bem a «boite» Carolina. A casa campeã do abre-e-fecha continua no seu destino de fechar mais que lotação na praia do Flamengo.

Neyde Landi, de quem querem fazer a revelação feminina deste ano findante, é uma coisinha muito fôla.

Um coquetel comemorou o primeiro aniversário da vitoriosa «boite» Arpège. Waldyr Calmon distribuiu elepês, Agnelo Martins distribuiu copos e, lá fora, distribuíram um tiro que deixou a vítima impedida de sentar-se durante alguns dias.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas mandou retirar os tocos das moças de biquini da vitrina do Teatro Serrador. Consta que, agora, vai providenciar o fechamento da praia de Copacabana e adjacências.

No coquetel de apresentação da nova «boite» Cinelândia (Mister Eco disse «boite»? perdão!), De Chocolat, produtor do «show», ocupou o microfone e pediu desculpas a todos os presentes por ainda se encontrar vivo. Todos os presentes aceitaram as desculpas do De Chocolat.

Em janeiro, vai acontecer uma coisa no Teatro Recreio.

De primeira: o próximo ano trará Nestor de Holanda como diretor da edição carioca do «Shopping News» ou Xopingue Neves, como chama a Tiana dos quitutes famosos.

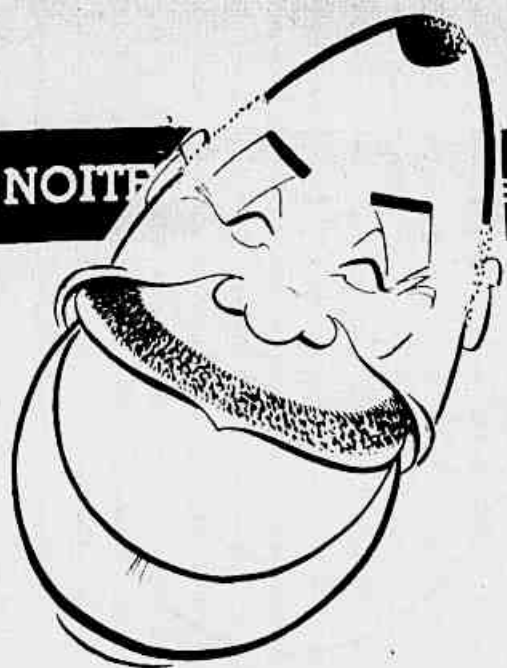
O empresário Walter Pinto está processando Angelita Martinez — a Boníssima — por abandono de serviço. Bobagem. Moça bonita não se processa e Angelita nunca foi mesmo de botar pra lámbra...



ANGELITA MARTINEZ
Merece processo?



ANILZA LEONI
Cr\$ 50.000,00 — «Com Água na Bôca».



Haroldo Barbosa visto pelo notável caricaturista Lan.

Haroldo Barbosa responde PÃO, PÃO - QUEIJO, QUEIJO

NÃO HÁ "SHOW" DE WALDORF ASTORIA QUE SE COMPARE A UM MISERO PIRUÁ SAINDO DAS ÁGUAS DE CABO FRIO.

Pão — Existe fórmula infalível para o êxito de uma «boite»?

Queijo — Uísque legítimo escocês a 20 cruzeiros a dose.

Pão — E para um «show»?

Queijo — Distribuição das «girls» que participam do «show» entre os frequentadores!

Pão — Por que você abandonou «Banzo-Aiê»?

Queijo — Eu estava empenhado em escrever um bom «Banzo», mas o Machado só gosta de «Aiê»!

Pão — O Sacha's é mesmo formidável?

Queijo — Meu dinheiro é tão pouco que, no Sacha's, não consigo transpor a fronteira do «alegrinho» para o «formidável». No meu gabinete, o Sacha's é bonzinho!

Pão — Onde o uísque é farto e bom?

Queijo — Glasgow — Great Britain.

Pão — Faz vida noturna quem pode ou quem finge poder?

Queijo — Aquê! que pode, se fizer vida noturna com os preços atuais, em dois anos estará na classe daqueles que fingem poder.

Pão — Em matéria de samba, qual a sua «versão»?

Queijo — O pouco que tenho de samba de vez em quando espalho por aí.

Pão — Que é «píxinguismo»?

Queijo — É uma nova doutrina musical indígena criada por Lúcio Rangel, e por mim batizada. Irei combatê-la. Pretendo ser o primeiro teorista adversário.

Pão — «Versão» dá dinheirinho?

Queijo — Com o dinheiro das versões comprei um canção.

Pão — Você está rico como produtor?

Queijo — É o que dizem por aí com o fito inludível de arruinar a minha reputação de pobre.

Pão — E, em televisão, o céu é o limite?

Queijo — Um torneio para a elevação dos espíritos enquanto dona Helena sutilmente vende cremes para dar maior valor ao corpo.

Pão — Nestes brasis amados, vale a pena escrever-se revista teatral «com substância» ou o Almanaque Bertrand é mais eficiente?

Queijo — Há campanha contra a «substância». Viva o Almanaque!

Pão — Alegaram alguns críticos a incompatibilidade entre o poeta e o teatrólogo; como você viu «Orfeu da Conceição»?

Queijo — Ouvi o poeta; vi o teatrólogo... Havia incompatibilidade. «Orfeu», no palco, levou três atos tentando a mediação.

Pão — Se convidado, você iria à festa do Waldorf Astoria ou preferia pescar em Cabo Frio?

Queijo — Não há «show» de Waldorf Astoria que se compare a um mísero piruá saindo das águas de Cabo Frio!

Pão — Como você define um «mau caráter»?

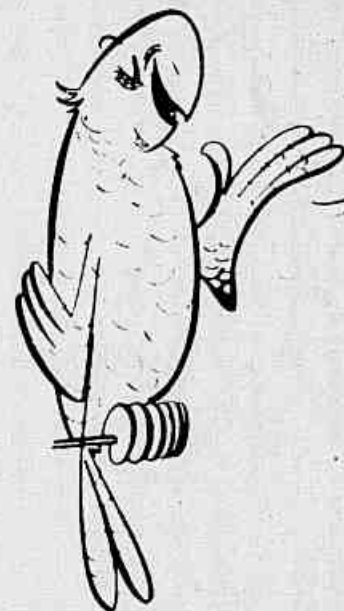
Queijo — As seis horas da manhã, eu, chegando em casa e dizendo à Maria: vim do escritório...

Pão — E, por fim, qual a «melhor» mulher da noite?

Queijo — Ignora-me, Mister... de-sa-for-tu-na-da-men-te ignora-me!...

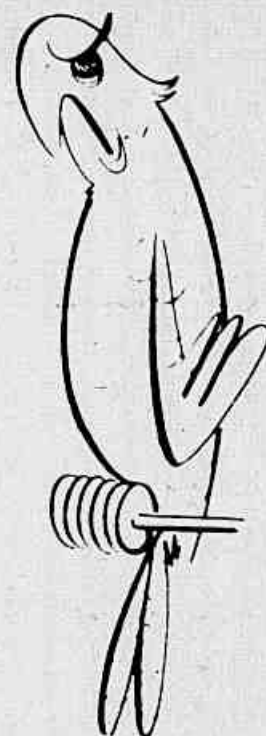
A arara topou

◆ Topou e aplaudiu o novo Copa-Golf, com «snack-bar», golfinho, restaurante, «boite», uísque a oitenta e tudo ao traje desportivo. Bossa nova do dr. Henri Nebenzahl, responsável pelo êxito de outras casas.



A arara chutou

◆ E não compreende como se estréia para a crítica um espetáculo como «Noel Sherman Aquafair», completamente em ritmo de «tourada». Pelo locutor, pela orquestra, pela água suja da piscina (tinha água) e pelo desacerto geral, vai para escanteio.



ANTOLOGIA DE FRASES CÉLEBRES

De Luís Leopoldo, também Brício de Abreu: «O jovem balzaqueano Sérgio Pôrto, que acha a velhice um pecado e que, nas inúmeras colunas onde escreve não perdoa a quem envelhece, foi, justamente, escrever de parceria com dois veteranos velhos teatros e teatrólogos».

— Respeitada a redação, Mister Eco foi consultar os clássicos Segundo Heitor Muniz, cronista social da época, nem Walter Pinto nem Luís Iglésias — os «velhos teatros» — compareceram ao baile da passagem do século, ocasião em que o Brício inaugurou aquela famosíssima roupa de xadrezinho, uru-

cubaca para os nortistas. Tant pis!...

Carlos Renato e Leda (lindinha!) Rau, cronistas a quatro mãos, descrevem a elegância de uma grã-fina: «... «tailleur» de lústão, rosa, complementos brancos e outras meninas».

— Disse a Tiana que esse «meninas» deve ser algum endereço novo ainda não descoberto pela Ester Tarcitano.

Jean Pouchard — puxar já vem no nome — pontifica: «Respeto do sr. José Mauro, o seu livro «Calé Society Confidencial». Vou passar os olhos na literatura do

rapaz, para poder analisar e comentar a personalidade desse ex-cronista social».

— Passará José Mauro pelo exame psicotécnico do Jean Pouchard? Puxar já vem do nome...

Aconselha sabiamente «O Corujão»: «Ninguém tem o direito de ir procurar confusão em lugar público, onde muita gente está procurando um pouco de alegria e no fim tem que entrar na briga sem querer».

— Como no programa radiofônico, Mister Eco está murmurando: «me contaram diferente...»



◆ O SUCESSO — Elizete Cardoso — a magnífica Elizete — nas noites do Clube 36.



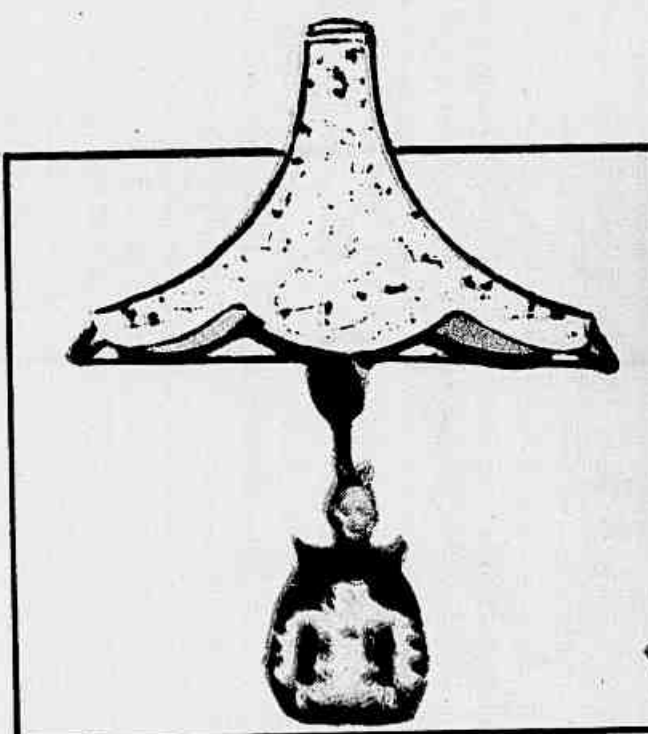
O SENADO FULMINOU A IMPORTAÇÃO IMORAL DOS AUTOMÓVEIS

★ Parabéns ao sr. Filinto Müller e ao Senado. Agindo com energia e rapidez, o líder da maioria do Senado conseguiu o que o seu colega da Câmara não pôde (ou não quis) conseguir: a derrubada da emenda imoral do sr. Pitombo que permitia aos deputados importar automóvel com dólar oficial. O sr. Filinto Müller (que é uma das melhores figuras da vida pública brasileira) mostrou mais uma vez o seu senso de responsabilidade e a sua acuidade para os problemas que envolvem a segurança do regime e das instituições. E o Senado, acompanhando unânimemente o seu grande líder, deu uma lição de desprendimento e desambição já que também seria beneficiado com a importação imoral dos automóveis. Portanto, parabéns a Filinto e ao Senado Federal e pêsames à Câmara e seus ilustres líderes.

LOJAS DA PERFUMARIA MEYER

LOJA 1

Salão de Cabeleireiros, Perfumaria e Bijouteria.

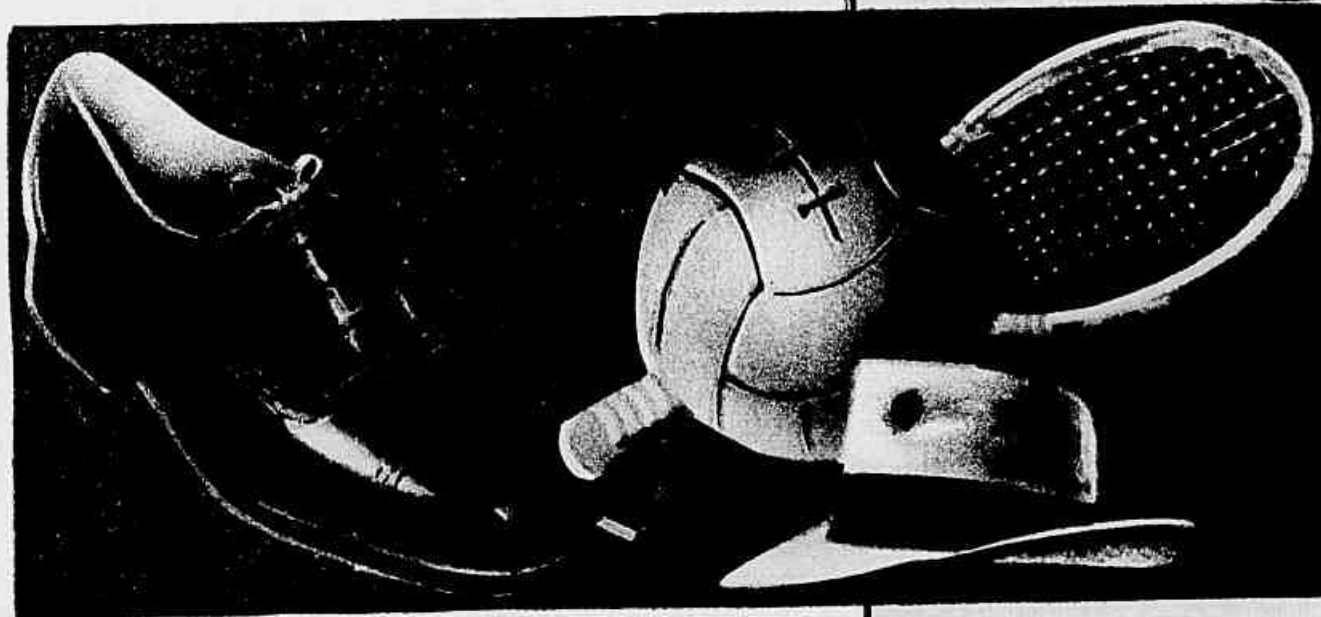


LOJA 2

Louças, Cristais, Porcelanas, Pratarias, Artigos para Natal Abat-jours.

LOJA 3 — Sapataria

Sapatos para senhoras e crianças.

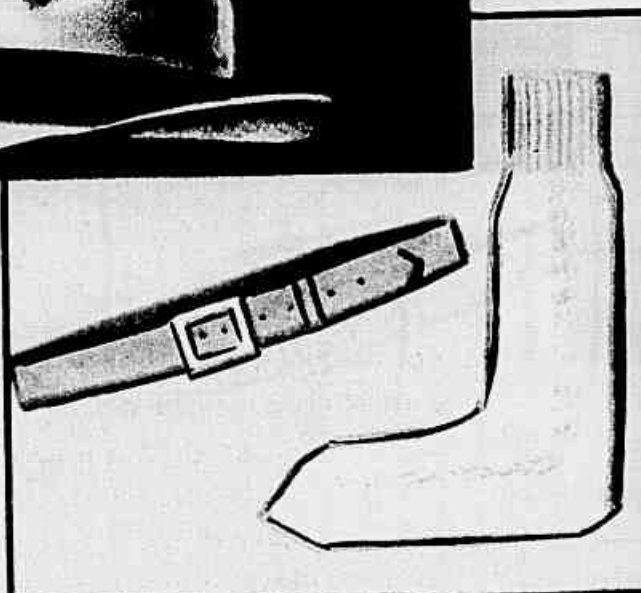


LOJA 4 — Chapelaria

Chapéus e artigos para esportes e calçados para homens.

LOJA 5 — Camisaria

Camisas, Gravatas, Pijamas, Meias, Lenços, Cintos, etc.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 — 29-1786

FABRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefones: 29-0756

CASA DAS NOVIDADES

A stylized black and white illustration of a woman in a light-colored dress and a young child in a patterned dress. The woman is holding two wrapped gifts, one in her arms and one hanging from a string. The child is also holding a gift. They are both looking upwards towards a large, tilted sign that reads 'CASA DAS NOVIDADES'. The background features a large, stylized bow at the top and a small illustration of a person on a boat in the bottom left corner.

deseja aos seus amigos e
clientes um Feliz Natal e
um próspero Ano Novo.

ARTIGOS FINOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Importação direta
Padrões exclusivos

MATRIZ:

Av. N. S. de Copacabana, 605-B/611
Telefones: 37-7122 — 37-7088

FILIAL IPANEMA:

Rua Visconde de Pirajá, 118/122
Telefone: 27-3571

FILIAL COPACABANA:

Av. N. S. de Copacabana, 920-B
Telefone: 47-2148

Rever